

revista

Nº 10 – Março de 2011

Beija-Flor

de Nilópolis

Uma escola de vida



CARNAVAL 2011

ROBERTO CARLOS

A SIMPLICIDADE DE UM REI

O novo Peugeot 3008 já está na AGO.



11.21



- FREIOS ABS + AFU + REF
- SENSOR DE ESTACIONAMENTO DIANTEIRO E TRASEIRO
- REGULADOR E LIMITADOR DE VELOCIDADE
- ACENDIMENTO AUTOMÁTICO DOS FARÓIS
- 8 AIR BAGS
- LIMPADOR DE PÁRA-BRISA COM SENSOR DE CHUVA
- ESPELHO RETROVISOR ELETROCRÔMICO

Peugeot 307 HB



A PARTIR DE R\$ **49.990,00**

Aguarde o lançamento do novo Sedan 408.

Faça revisões em seu veículo regularmente

CAAP - Canal de Atendimento Especializado Peugeot 0800 700 3426 - www.peugeot.com.br

AGO
www.ago.com.br

A. Senna, 900 |
Américas, 707

2156-1500
2127-1500

Peugeot usa e recomenda lubrificantes TOTAL



VISÃO PROFUNDA

"o segredo espera pela visão profunda".

Ao longo da história da sociedade, muitas situações e fatos do cotidiano, considerados triviais pelo homem comum, tiveram seu significado transformado por indivíduos especiais, que souberam enxergar além do óbvio para promover um novo avanço à sociedade.

Esses segredos desvendados modificaram em grandes ou pequenas proporções a forma do homem ver e sentir o universo ao seu redor. E de se relacionar com ele.

Quando, no início do século XX, a sociedade não valorizava de forma afirmativa a cultura brasileira, subserviente que era à cultura portuguesa, Mário de Andrade lidera o movimento modernista brasileiro, e a partir da Semana de Arte Moderna modifica e inova as formas de ver e observar a cultura brasileira dando início a uma fase de descoberta e valorização do patrimônio histórico nacional.

No universo do carnaval, manifestação inequívoca da nossa brasilidade, quando poucos viam a sua importância para o desenvolvimento emocional e fortalecimento das raízes da população brasileira, Anizio Abrão David via mais além, investindo tempo, dinheiro e articulação social nessa manifestação artística e espiritual que é na atualidade uma das principais afirmações culturais do brasileiro.

Nesse universo, quando ninguém via a necessidade de promover e divulgar informações sobre as pessoas que realizam essa festa mágica, como vivem, do que gostam... Quando ninguém arriscava produzir e lançar uma revista que abordasse "samba e carnaval" de um modo mais completo e informativo, desvendando os segredos que

nasciam dentro dos barracões e das quadras, Anizio abraçou e bancou essa ideia.

Com seu incondicional apoio, em 2011 a revista da Beija-Flor de Nilópolis está completando dez anos de atividades ininterruptas, levando para o leitor ao redor do mundo uma visão mais cuidadosa e profunda dessa manifestação cultural brasileira, ignorada durante tanto tempo por muitos "eruditos" que não foram capazes de enxergar a riqueza dessa gente que faz o carnaval.

Por isso, não iremos renunciar ao nosso papel de propagadores do conhecimento e formadores de opinião. Continuaremos a desvendar segredos, mostrando a força de um povo que viveu na opressão e encontrou na arte a sua redenção.

Isso porque temos a certeza de que a cada ano e mais bem informado o folião é capaz de apreciar melhor as sutilezas de um desfile de carnaval e aprender, com um olhar mais profundo, a valorizar cada componente em cada agremiação, que dedica boa parte da sua vida para levar para a Marquês de Sapucaí uma mensagem de alegria, esperança e fé no futuro e em si mesmo.

Claudinho e Selminha



PETROBRAS E BEIJA-FLOR MOVEM UMA PAISAGEM NOVA PARA O BRASIL

O projeto social "Sonho do Beija-Flor" promove o desenvolvimento

econômico e social da comunidade da Beija-Flor, gerando oportunidades de emprego e renda.

Esta parceria é uma das iniciativas do programa Desenvolvimento & Cidadania Petrobras,

que até 2012 vai investir 1,2 bilhão de reais em projetos por todo o país.

AS
JA-FLOR:
RCEERIA
ELA
RGIA
SAMBAA.

PROGRAMA
PETROBRAS
DESENVOLVIMENTO
& CIDADANIA

BR **PETROBRAS**

O DESAFIO É A NOSSA ENERGIA

Ministério de
Minas e Energia

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

REIS E REINADOS

ANIZIO ABRÃO DAVID

Vivemos dias de comércio globalizado e de intensa transferência de informação.

Isso tem muitos significados e consequências, que variam de acordo com o foco das reflexões de cada um.

No que se refere ao futuro das sociedades como as conhecemos, duas questões importantes devem ser pensadas: a importância da valorização das culturas locais e a necessidade de fortalecermos os valores éticos e morais de uma sociedade.

Falo isso porque a globalização pode ser também um instrumento de enfraquecimento das culturas locais, culturas essas que constroem e fortalecem importantes valores comunitários e sociais.

Essa ameaça, inclusive, age de modo mais devastador sobre nossas crianças e jovens, que se tornam, com o passar do tempo, insensíveis aos tesouros culturais que sua nação e sua comunidade levaram décadas para construir e consolidar.

Acabam por valorizar mais imagens do que realidades, mais aparências do que ações, influenciados por uma cultura "sem pátria" que, ameaçando parte do futuro de nosso país, valoriza a celebridade e a produção sem significado em detrimento do indivíduo que trabalha, estuda e realiza em favor da sociedade, do progresso, da arte e da cultura.

Estar atento a esses fenômenos que estão ocorrendo na atualidade e resistir, através de ações inteligentes, é um importante desafio para os cidadãos de visão que buscam o bem comum.

Nesse sentido, posso me orgulhar de estar à frente de uma comunidade tão forte e tão agarrada aos seus valores culturais.

A agremiação de Nilópolis não só constrói e mantém fortes as suas raízes culturais na arte, na música, na culinária, como promove e divulga, através dos seus inesquecíveis desfiles pela Marquês de Sapucaí, outras culturas construídas nos mais variados cantos desse Brasil tão imenso.

Somos sim, um ponto de resistência em favor do nosso país, da nossa cultura e da nossa gente.

Fiel a essa bandeira, este ano homenageamos o cantor e compositor Roberto Carlos, um baluarte da cultura popular brasileira.

As músicas de Roberto Carlos falam do brasileiro, dos seus pensamentos e sentimentos cotidianos. Dos seus amores, seus sonhos e decepções. As palavras e as melodias das suas músicas encontram eco no coração de muitos brasileiros, que viveram, vivem e viverão tantos desses sentimentos. Nossa alegria é nos mantermos fiéis a essas nossas crenças, podendo levar para a Marquês de Sapucaí um espetáculo genuinamente brasileiro - e feito por brasileiros.

A Beija-Flor de Nilópolis saúda com carinho e admiração nosso Rei Roberto Carlos; mas abraça e homenageia, também, os reis e rainhas que, anonimamente, constroem seus reinados de amor, paz e resistência em cada lar dessa grandiosa nação.



BEIJA-FLOR

WORLD FINEST
2010

Andy Abraham Kane



WIDEBRASIL
COMUNICAÇÃO



www.widebrasil.com
e-mail: ricardo@widebrasil.com

A revista **Beija-Flor de Nilópolis - uma escola de vida**, ISSN 1678-3611, é uma publicação oficial do Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis e produzido pela WideBrasil Comunicação Integrada.

As opiniões emitidas nas entrevistas concedidas e os textos assinados são de responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, a posição dos editores nem da agremiação. É permitida a reprodução parcial ou total das matérias, desde que citada a fonte.

Março de 2011 - Tiragem: 60 mil exemplares

Produção

WIDEBRASIL COMUNICAÇÃO E EDITORA

www.widebrasil.com

Editores

Ricardo Da Fonseca
Hilton Abi-Rihan

Jornalista Responsável

Ricardo Da Fonseca, MTb RJ23267JR

Redação

Claudia Florêncio, Flávia Cohen, Hilton Abi-Rihan, Karla Legey, Miro Lopes, Ricardo Da Fonseca e Vicente Datoli.

Transcrição de áudio

Macarená Iranzo

Projeto Gráfico

R. Gatto

Edição e Tratamento de Imagens

Francisco Ragna Junior

Recorte de Imagens

Francisco Ragna Junior

Agradecimentos

Aroldo Carlos, Bianca Behrends, Boni (José Bonifácio de Oliveira Sobrinho), Felipe Ferreira, Haroldo Costa, Hiram Araújo, Maria de Lourdes Goulart e Ubiratan Silva.

Revisão de Texto

Marco Antonio Nicolau

Versão para o Inglês

Guy Fulkerson
Letícia Frey

Fotografia

Augusto Pedoni, Cláudia Schembri, Henrique Matos, Humberto Souza, Irapuá Jeferson, Paulinho Figueiredo, Ricardo Da Fonseca, Robert, Robson Barreto, Ruy Tecnocrata e TK Helena.

Esclarecimento

A escolha e seleção das fotografias que ilustram essa edição, ainda que de modo subjetivo, seguem critérios estritamente artísticos e jornalísticos (transmissão de uma determinada mensagem), e não indicam, direta ou indiretamente, preferências específicas do GRES Beija-Flor de Nilópolis (ou de sua diretoria) e/ou da WideBrasil Comunicação Integrada por pessoas ou alas.



Capa

o rei Roberto Carlos.

Criação da capa: R. Gatto

Foto da capa: Cláudia Schembri

SUMÁRIO

Histórias de um Rei	08
Comissão de Carnavalescos	16
Carnaval 2011	20
A serviço da Arte	50
Um futuro presente: As Obras sociais da Beija-Flor de Nilópolis	58
O Mistério das Escolas de Samba	74
Baixada fluminense: celeiros de sambistas	80
O Imaginário Amazônico enredos carnavalescos	86
Revista Beija-Flor: 10 anos de informação	92
Expressão do samba	100

UMA FESTA DO CORAÇÃO

Estamos nos aproximando, mais uma vez, dessa grande e especial festa popular: o carnaval do Rio de Janeiro, com o Desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial.

Uma festa onde não faltarão surpresas, cores, animação, samba no pé e muita alegria.

E é isso que todos buscamos no carnaval: momentos para botar para fora uma alegria que muitas vezes permanece contida pela própria rotina que a vida nos impõe.

Para mim, carnaval é, então, sinônimo de alegria.

E é esse o sentimento que eu, também como presidente da Beija-Flor de Nilópolis, sinto ano após ano.

Uma alegria que ultrapassa o período do carnaval, já que minha rotina inclui um intenso convívio com a Beija-Flor

de Nilópolis e seus componentes. Seja nos barracões da agremiação, ou na quadra.

E isso tudo me faz muito feliz.

Ver a minha escola se preparando, com afinho e empenho, ver meus componentes sambando e com o samba-enredo na ponta da língua. Observar os jovens da minha querida Nilópolis se entregando do corpo e alma a essa escola querida... Ver a alegria e a dedicação com que meu irmão Anizio se entrega à escola.

São momentos que me fazem bem, que me fazem ter orgulho do que sou.

Orgulho de quem somos, como integrantes da família Beija-Flor.

Mas não posso deixar de destacar o papel que o Anizio exerce na realização dessa grande obra, na condução de toda essa família.

Um homem simples, mas que com sua inteligência privilegiada, uma sabedoria e visão ímpar, aliadas a um pulso firme, a uma enorme capacidade de articulação e de negociação e uma inigualável generosidade, foi capaz de conduzir uma discreta agremiação localizada na baixada fluminense a um lugar de destaque e reconhecimento mundial.

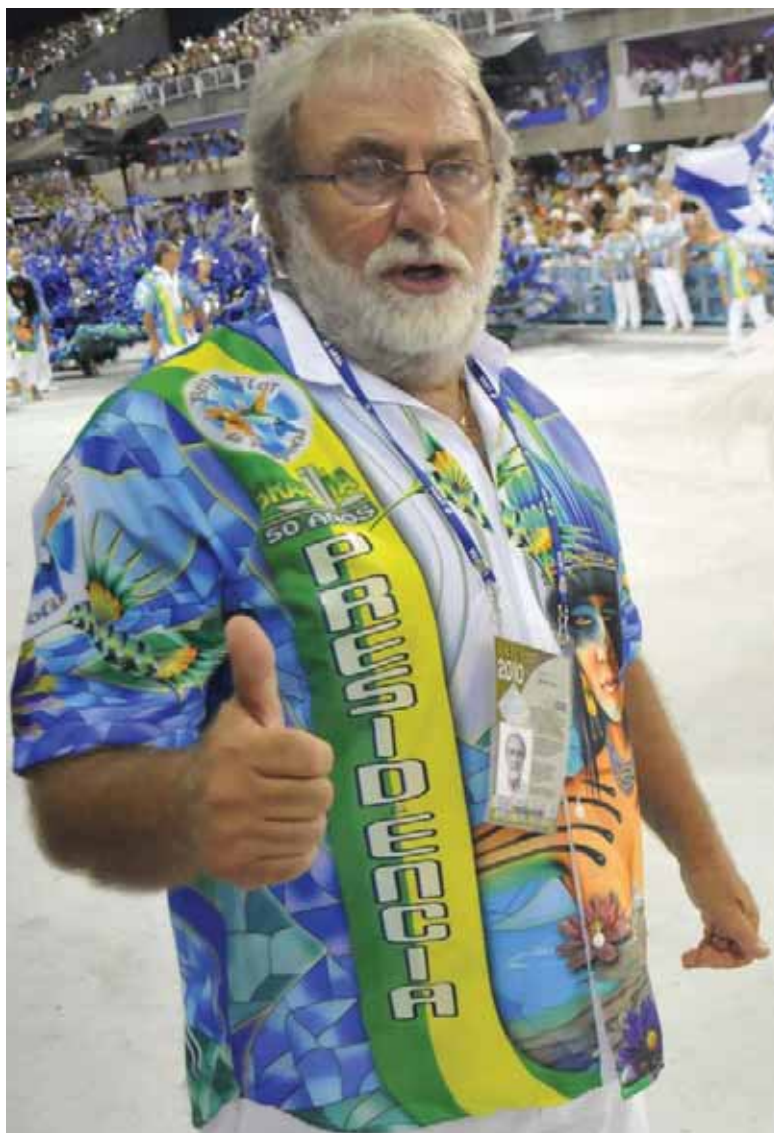
Devemos todas as nossas conquistas a cada componente

que se entregou com amor à esse sonho. Mas não podemos deixar nunca de afirmar que o grande artífice, arquiteto e realizador de tudo isso se chama Anizio Abrão David.

Um parceiro sempre disposto a agir, resolver, avançar.

Peço todos os dias que Deus lhe dê saúde em dobro, para que permaneça sendo esse grande líder da Beija-Flor de Nilópolis. Anizio, obrigado meu irmão!

Farid Abrão



HISTÓRIAS DE UM REI

O cantor e compositor Roberto Carlos faz parte da história da música brasileira.

Desde os tempos da jovem guarda até os dias atuais, onde brinda seus fãs com um repertório romântico e que aborda situações simples do cotidiano, Roberto Carlos se mantém um homem simples, apesar de todo sucesso e fama.

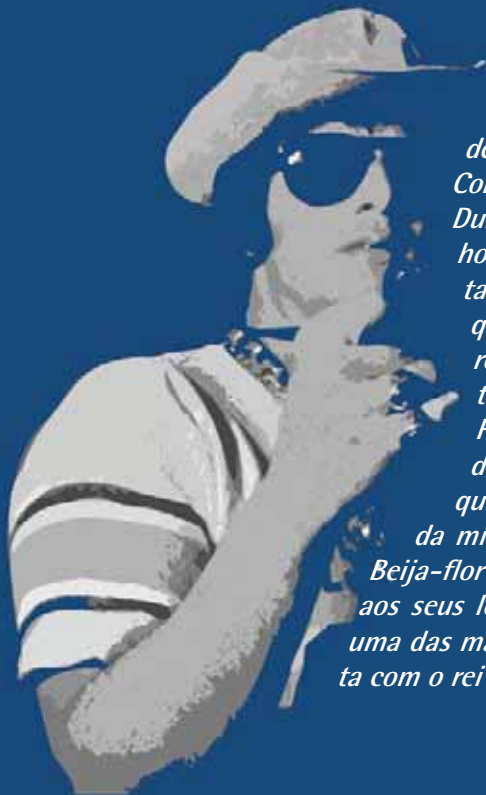
Sem se sentir seduzido pela promoção que a mídia exageradamente impõe a determinados artistas, Roberto permanece discreto e um pouco reticente a entrevistas. Associado a isso, cumprindo uma ampla agenda de shows e apresentações musicais, o cantor e compositor tem muito pouco tempo para dar entrevistas e contar um pouco de sua vida.

A revista Beija-Flor de Nilópolis, sempre atenta aos fatos do presente e do passado, para oferecer aos seus leitores informações de qualidade e relevância cultural, resgatou dos arquivos do radialista Hilton Abi-Rihan

uma importante entrevista concedida ao hoje também editor da revista Beija-Flor de Nilópolis para a rádio Continental nos anos 70.

Durante mais de duas horas, artista e radialista conversaram ao vivo, quando o entrevistado revelou detalhes importantes da sua história.

Respeitando o conteúdo da entrevista, mas adequando-a à linguagem da mídia impressa, a revista Beija-Flor de Nilópolis oferece aos seus leitores o que pode ser uma das mais completas entrevistas com o rei Roberto Carlos.



Abi-Rihan: Olá Roberto Carlos!

Roberto Carlos: Como vai Abi-Rihan, tudo bem? É um prazer grande falar com você e a gente poder bater esse papo, depois de um longo tempo!

Abi-Rihan: Roberto, você veio de Cachoeiro de Itapemirim em que ano?

Roberto Carlos: Eu vim de Cachoeiro eu acho que 1958, creio. É mais ou menos nessa época.

Abi-Rihan: E a sua carreira começou na rádio de Cachoeiro de Itapemirim, correto?

Roberto Carlos: Começou. Aos nove anos de idade eu cantei a primeira vez na rádio de Cachoeiro, no programa da petizada, apresentado pelo Jair Teixeira.

Abi-Rihan: Você gosta de Cachoeiro?

Roberto Carlos: Eu gosto de tudo de Cachoeiro, do rio Itapemirim, daquelas pedras, tudo... Do povo. Enfim, a gente gosta de tudo de Cachoeiro, tudo faz parte da vida da gente, faz parte das minhas emoções.

Abi-Rihan: Roberto, determinadas imagens a gente guarda. Lembro que eu era garoto e em julho, na festa do padroeiro de Mimoso do Sul, são José, você foi cantar num show lá, e cantou "Granada". Você se lembra disso?

Roberto Carlos: Lembro sim. Inclusive, quem me levou a Mimoso para cantar nesse show foi o Alceu Fonseca. Ele era dono da rádio Cachoeiro e ele foi lá e me trouxe no carro dele. Lembro que era um carrão, bonito, uma beleza, um Mercury! Lembro, lembro desses detalhes!

Abi-Rihan: Você tem um tio em Mimoso do Sul... seu Lúcio?

Roberto Carlos: Tio Lúcio faleceu e a tia Antonia faleceu há algum tempo. E eu sempre ia pra casa deles em Mimoso, eu passava, geralmente, férias lá. Pescava naquele rio... ela morava bem assim, na beira do rio. E eu pescava muito naquele rio, muito banho de rio, sabe? (risos)

Abi-Rihan: O primeiro contato que tive com você aqui no Rio de Janeiro foi na Rua Gomes Freire. Parece que você morava na Rua Gomes Freire e a rádio Continental era na Rua do Riachuelo. Você era vizinho da rádio Continental.

Roberto Carlos: Eu era vizinho. Morei bastante tempo na Rua Gomes Freire.

Abi-Rihan: É isso aí, você estava sem carro nesse dia e eu trabalhava na Continental, e você na época já falava "cara". E você falou: "Cara, vai pra onde? Quer uma carona?"

Roberto Carlos: Puxa vida, eu sabia que tinha bastante tempo que não falava com você, mas não sabia que era tanto tempo. Puxa vida, como passa, né?

Abi-Rihan: E você, então, ia para a TV Continental, cantava naqueles programas... De repente, explodiu. Você estava preparado para essa explosão?

Roberto Carlos: Bem, a verdade é que minha carreira, Abi-Rihan, ela começou muito gradativamente, vamos dizer assim. Porque o meu primeiro disco não aconteceu nada, e o segundo disco tocou, tocou alguma coisa.

Abi-Rihan: Foi "Splish splash"?

Roberto Carlos: Foi "Brotinho sem juízo". E depois veio um long play, "Louco por você". E depois eu gravei "Malena", um compacto simples. E depois veio "Suzy", e então "Splish splash". Depois, "Parei na contramão"... Então, tudo isso veio gradativamente. Não me pegou de surpresa. "Splish splash" foi sucesso no Rio de Janeiro, mas não foi no Brasil todo. Em algumas cidades do Norte sim, "Splish splash" chegou até lá... Depois o "Parei na contramão", e então o "Calhambeque", que foi realmente um grande sucesso.

Abi-Rihan: Inspirado no seu calhambeque da época?

Roberto Carlos: Não. O "Calhambeque", na verdade, é uma versão que o Erasmo fez de uma música. Erasmo uma vez apareceu com esse disco lá na Gomes Freire e falou: "escuta, essa música aqui dava uma versão boa". E eu falei: "então faz bicho". Ele já tinha feito a versão do "Splish splash", então ele fez a versão do "Calhambeque".

Abi-Rihan: O rei! Quem botou esse título de rei?

Roberto Carlos: Não sei bicho, não sei. Eu vejo isso com muito carinho. Naturalmente não me considero assim, mas vejo com muito carinho. Porque eu acho que isso deve ter começado realmente com os amigos, o pessoal de rádio, principalmente, que começou com esse tratamento. Eu recebo isso com muito carinho mas, sinceramente, não me vejo dessa forma, sinceramente não.

Abi-Rihan: No dia de Santa Luzia você não canta nunca, não é?

Roberto Carlos: Não. Dia de Santa Luzia não, porque

eu tenho uma promessa de guardar o dia de Santa Luzia, uma promessa que eu fiz quando do problema do segundinho. Fiz uma promessa, de guardar o dia de Santa Luzia, guardar de forma total, realmente. Então, eu não canto, não trabalho, normalmente nem saio.

Abi-Rihan: Você é católico?

Roberto Carlos: Sou. Desde Cachoeiro. Ia à missa com a mamãe desde garoto. Fiz a primeira comunhão aos 19 anos porque eu fui batizado aos 19 anos. Meu pai era espírita, minha mãe católica, então, quando eu nasci existia uma certa divergência de opiniões, se eu ia ser batizado, em que religião? Então, minha mãe me batizou por voto a Nossa Senhora da Penha e deixou que eu escolhesse mais tarde, como eu queria ser batizado e por quem eu queria ser batizado. Aos sete anos eu escolhi o meu padrinho e minha mãe, naturalmente, já havia me iniciado na religião católica. Mas esse meu padrinho se mudou, foi para São Paulo. Aí, em uma das primeiras vezes que fui a São Paulo, aos 19 anos, fiz contato com ele e marcamos o batismo. Eu fui batizado em São Paulo e fiz a primeira comunhão logo em seguida.

Abi-Rihan: O sujeito, o artista, de repente se transforma em uma verdadeira antologia. Aí o pessoal começa a criar histórias sobre o artista. Você tem alguma coisa contra a cor marrom?

Roberto Carlos: Não, absolutamente. Contra não, só que eu não uso marrom. Eu prefiro o azul, prefiro o branco. Gosto do vermelho também, mas marrom, realmente, não é uma cor que eu uso, não é uma cor que me atrai.

Abi-Rihan: Disseram-me que na hora do show, se tiver alguém de marrom você sai de perto.

Roberto Carlos: Aí já é invenção, você está entendendo? Absolutamente. Tem amigos que chegam para mim e dizem assim: "poxa, desculpe, eu vim de marrom, foi mal." Mas eu não tenho nada contra o marrom, só não uso! Você pode usar a cor que você quiser!

Abi-Rihan: Você começou com esse estilo de música que canta hoje, você é fiel às tradições, você já quis mudar um dia? É porque deu certo e ficou?

Roberto Carlos: Eu em Cachoeiro comecei cantando boleros. A primeira vez que cantei em rádio cantei "o amor e nosso amor", que havia gravado Gregório Barros ou Fernando Borel, não lembro bem quem foi realmente que gravou. E comecei a cantar muito em castelhano e depois a cantar em português. Então, deram-me um programa na rádio, eu cantava muito repertório do Nelson Gonçalves, do Albertinho Fortuna, os tangos, as versões que o Albertinho Fortuna fazia,

um sucesso incrível naquela época. Eu cantava todos. "Madreselva" e "Mano a Mano"... Tudo isso eu cantava. Então, cantava o repertório do Nelson, cantava os boleros do Gregório, do Fernando Borel, do Fernando Albuerne. Todos esses cantores de bolero, eu sabia o repertório deles quase todo. Então eu vim para o Rio, vim para Niterói. Em Niterói, eu conheci um rapaz chamado Luiz que começou a me ensinar alguns acordes no violão, e passei a me interessar mais pelo repertório do Tito Madi, pelo repertório do Luis Cláudio e alguma coisa do Dick Farney, também. Comecei a cantar aquele gênero de samba-canção, mas aquele samba-canção mais suave, e continuava cantando algumas coisas do Nelson também. Então veio o rock. Mas, as primeiras vezes que eu tentei a vida artística no Rio foi cantando esse tipo de música, "chove lá fora", Caubi também, eu lembro que eu cantava "conceição"! Enfim, e depois veio o rock! Na escola eu conheci o Otávio Terceiro que me ouviu cantando em uma das salas da escola e falou: "Você não quer que eu te leve até o produtor de um programa que eu sou o secretário dele?"

Então me levou para a televisão e eu cantei a primeira vez, "Tutti frutti". E comecei com esse negócio de rock. Aí veio a bossa nova. Eu comecei a cantar rock, cantava bossa nova, e Carlos Imperial, que estava no rock, começou a fazer um movimento, também de bossa nova. Fui trabalhar na boate Plaza. E aí... naturalmente que a bossa nova se enquadrava bem, eu precisava do emprego de crooner, então comecei a cantar bossa nova na boate Plaza. Tanto é que o meu primeiro disco era assim, bossa nova, João e Maria e Fora do Tom, do Carlos Imperial, que foi quem me levou pra gravar o primeiro disco, através do Chacrinha na Polidor. Então, quando eu fui para a CBS o Roberto Corte Real sugeriu que eu gravasse outros gêneros, que eu fizesse um LP

mais variado para ver com que tipo de música eu me identificava mais. Então eu gravei um LP bastante variado, tinha bolero, tinha um iê iê iêzinho, "iê-iê-iêzinho", tinha samba. E eu me defini mais pelo iê-iê-iê na época. E aí... gostei, comecei a fazer umas letras, e foi quando eu comecei a compor, fazendo algumas letras românticas. Gravando sempre o mais romântico que

me mostravam. Eu gravava, como "Malena", "Triste abandonado", do Helio Justos. E aí me defini nesse tipo de música. Comecei a compor, a partir cada vez mais para o romântico, fazendo, naturalmente, "Parei na contra mão", que foi no início, outras músicas assim, mais brincalhonas, como "Os sete cabeludos", "Mexericos da candinha". Então a coisa foi seguindo e eu fui me firmando nesse gênero e me identificando cada vez mais com ele. E, hoje em dia, realmente é o que eu gosto de fazer. Eu gosto de todo tipo de música, todo gênero de música eu gosto, realmente. Mas eu gosto mesmo da música romântica.

Abi-Rihan: Você falou em Niterói, você gravou uma música para sua tia. Aquela música foi grava-

da mesmo para sua tia?

Roberto Carlos: Foi feita para ela mesma, tia Amélia. Ela morava na Tijuca. Eu vinha de Niterói porque eu morava com outra tia em Niterói.

Abi-Rihan: Essa música foi feita para a tia da Tijuca ou de Niterói?

Roberto Carlos: Essa foi para a tia da Tijuca. É uma música bastante verdadeira, o tema é bem verdade. Aquele velho blusão de couro, surradão... e aí aguardava aquele franguinho assado, ou franguinho com batata, quando eu chegava tarde da noite. E tudo isso me veio na cabeça quando eu estava em Los Angeles, nessa época. E aí comecei a pensar naquelas coisas todas do passado, naquela luta toda. E a televisão estava ligada e eu ouvi alguém falar em "tio não sei o quê... E



o radialista Hilton Abi-Rihan, à época da gravação do programa especial com o Roberto Carlos.

tio pra lá, tio pra cá..." Aí eu falei: poxa... tio, tia. E aí eu me lembrei da tia Amélia e falei: eu nunca fiz uma música para uma tia ou para um tio meu, e aí me firmei na história da tia Amélia. E aí comecei a fazer, e comecei a chorar à beça porque as recordações começavam a vir, comecei a me emocionar muito. Mas entre um choro e outro vinham as frases. Fiz a música e liguei para o Erasmo imediatamente, dei o tema para ele, e contei a história toda para ele. Ficamos um tempão no telefone, foi uma conta altíssima!

Abi-Rihan: De Los Angeles para o Rio de Janeiro?

Roberto Carlos: É. Eu fiquei lá e depois telefonei para o Erasmo, dois dias depois, e ele disse: "olha, eu fiz uma parte aqui e talvez você goste, você adapta à realidade da coisa." Então ele mostrou e eu falei: "poxa, mas isso está ótimo! O negócio da roupa, da lavanderia e tal, minha roupa tem cheiro de lavanderia". Então eu falei: "mas isso é perfeito, bicho. É a história que eu te contei, exatamente." E aí umas frases dele, umas frases minhas, e aí foi nascendo. E aí, quando terminei a música, gravei lá mesmo. Foi uma música feita, praticamente, por telefone com o Erasmo.

Abi-Rihan: E como a tia soube?

Roberto Carlos: Quando estava gravada, ela ouviu. E ela se emocionou muito. Ela diz sempre que não pode ouvir essa música, quando toca ela não pode ouvir porque começa a se emocionar muito, mas ela ouve.

Abi-Rihan: Dois anos depois de ter composto uma música para sua tia Amélia, você fez uma música para dona Laura, sua mãe. Você fez primeiro para a sua tia?

Roberto Carlos: É. Falando diretamente da minha tia e da minha mãe, sim. Mas a verdade é que minha mãe já apareceu em outras músicas. É, já apareceu "No divã", que é uma música que eu fiz antes, há bastante tempo, que falava da minha mãe, lembrava bastante dela. Enfim, aquelas coisas da saída de Cachoeiro ... E fiz uma música para o meu pai também, "Traumas".

Abi-Rihan: Foi pra ele?

Roberto Carlos: "Meu pai um dia me falou", e a música "Estação", também, eu fiz inspirado na minha mãe. Uma vez fui levar a minha mãe até a rodoviária em São Paulo, porque ela não gosta muito de andar de avião. Então eu fui levá-la até a estação rodoviária. E quando a mamãe ia saindo assim, eu realmente senti, sei lá, uma emoção, uma saudade antecipada. Quando eu voltei para casa já voltei com o tema na cabeça, já vim no carro pensando na música. E aí, comecei a

fazer. Agora, homenagem mesmo, que se possa dizer homenagem, é o "Lady Laura", né? Que foi uma música também muito espontânea. Eu estava em Nova York. Era tarde da noite e aí comecei a pensar, violão na mão, comecei a fazer... "quantas vezes eu tenho vontade de ser um menino novamente, na hora do meu desespero gritar por você". Aquelas coisas que a gente quando está triste pensa em alguém... Alguém, sabe, alguém que pudesse te fazer um carinho, para você deitar no ombro e chorar suas mágoas. E aí comecei a lembrar dessas coisas de criança e como as coisas aconteciam. E aí comecei a fazer o "Lady Laura". Fiz uma boa parte do "Lady Laura" e, depois, aqui, continuei desenvolvendo com o Erasmo. E terminamos aqui, juntos, a letra.

Abi-Rihan: Roberto Carlos, determinadas músicas, por exemplo, "Lady Laura", a música que você fez para sua tia e outras músicas ... você quando faz e ouve outra vez, você se emociona, você chega a chorar? Na música que você fez para sua tia, você falou, foi feita entre lágrimas e choros, e várias músicas...

Roberto Carlos: Pelo menos os primeiros versos, sim.

Abi-Rihan: Com várias músicas acontece isso?

Roberto Carlos: Acontece sim, acontece muito! Principalmente nas músicas que falam das recordações, músicas como "Lady Laura", "Divã", "Tia Amélia". E outras músicas também, que falam às vezes da tristeza diretamente, também me emocionam. E me emocionam muito na hora que eu gravo. E muitas vezes quando eu canto, mesmo no palco, essas músicas me emocionam muito. Eu vivo realmente tudo aquilo que eu canto. Eu vivo no momento que estou cantando, no momento que estou compondo. Mesmo que não seja uma história que tenha acontecido diretamente comigo, eu me coloco naquela história. Tanto é que muita gente às vezes diz que as minhas músicas são muito autobiográficas. Não é bem isso não, é que eu me coloco realmente naquele tema, vivendo aquele tema. Faço como se fosse eu sentindo, porque eu passo realmente a sentir tudo aquilo que eu estou me propondo a fazer, tudo aquilo que eu senti, e me coloco dentro daquela história, daquele tema. E passo a vivê-lo realmente. Porque, de uma certa forma, mesmo que você não viva diretamente uma história, você, quando participa dela e sente aquela história profundamente, você realmente se coloca na história. E é assim que tem acontecido comigo, que sempre aconteceu. Por exemplo, uma música como "Detalhes" é uma música que, sempre que eu canto, eu realmente me emociono, até quando falo.



Já parei muitas gravações porque não dava, não dava. As lágrimas vinham, e eu já parei muitas gravações. Mas depois eu faço de novo, né? (risos).

Abi-Rihan: Roberto Carlos. O cara se transforma em ídolo, se transforma em grande cartaz e as pessoas começam a inventar coisas sobre esses grandes ídolos. O povo, o colunista, de maneira geral, as pessoas começam a criar, criar coisas bonitas, coisas feias. Ninguém nunca inventou nada de você. Tem algum segredo para isso? Todo mundo diz que Roberto Carlos é boa praça, que é um cara humilde, que é cara bacana. Que Roberto Carlos, quando encontra um amigo antigo dele, procura dar uma força... Que o Roberto Carlos quando encontra, de repente, com alguém que não via há muito tempo faz uma festa... E então ninguém nunca inventou nada contra você. Tem segredo disso aí?

Roberto Carlos: Não, eu acho que não tem segredo. Abi-Rihan, eu sou exatamente o que eu sou, eu sou assim. Eu dou muito valor as minhas amizades. Eu dou muito valor a essas coisas na vida. Esse carinho, esse amor que a gente recebe das pessoas. E eu recebo muito amor, tenho recebido muito amor na minha vida e eu tenho tentado retribuir esse amor. E eu acho que tenho retribuído. É assim que eu vivo.

Abi-Rihan: Essa fama toda, isso tudo que você conquistou, cantando, compondo, isso tudo que você conquistou, já trouxe problema pra você?

Roberto Carlos: Não. Não, porque eu procuro sempre olhar a janela do sol, sabe? Eu acho realmente que se você está virado para o sol você tem a sombra pelas costas, né? Então, eu procuro sempre olhar o lado bom de tudo isso. E não resta a menor dúvida que eu tenho tido acontecimentos e coisas maravilhosas na minha vida. Eu sou do tipo que agradece a Deus todos os dias. Então, eu acho que os problemas que possa ter tido foram totalmente compensados pelas alegrias que eu tenho tido. Logicamente, a gente sabe, quando se está tendo problemas, e a minha forma de ser é de tentar sempre superar os problemas e esquecê-los. Então, se alguma vez tudo isso me causou problemas, eu acho que até já me esqueci porque, às vezes são coisas até do próprio ofício, vamos dizer assim. Eu acho que a gente tem que encarar tudo com otimismo. E eu sou uma pessoa muito otimista. E isso tem me ajudado muito a superar os problemas, a curtir as alegrias, as pequenas e as grandes. Enfim, transformar as pequenas alegrias em grandes alegrias e superar os problemas. Essa é a minha forma de ser.

Abi-Rihan: Roberto, de repente, setenta, oitenta mil crianças cantam uma música em espanhol e recebem o Papa com essa música, que logo em seguida diz que conhece a música. Você não fica assim... Não chora não, de emoção? "O amigo"?

Roberto Carlos: Lógico que choro. Chorei mesmo.

Abi-Rihan: Você esperava aquilo?

Roberto Carlos: Não, não esperava. Foi uma emoção, realmente... Sei lá, não dá pra dizer com palavras, não dá mesmo pra dizer. Foi um negócio maravilhoso. As crianças homenagearem o Papa com essa música. Para mim foi maravilhoso. Realmente me emocionei demais. É mais uma alegria, mais uma emoção que as crianças me dão.

Abi-Rihan: E o papa declarou que conhecia a música. Você gravou em castelhana essa música?

Roberto Carlos: Gravei.

Abi-Rihan: E as crianças cantaram em castelhana?

Roberto Carlos: É. Cantaram em castelhana.

Abi-Rihan: Roberto Carlos, você reza quando vai dormir?

Roberto Carlos: Rezo, rezo sim. Rezo todos os dias. Isso já é de muito tempo, minha mãe me ensinou. (Risos)

Abi-Rihan: Já ficou com raiva de alguém?

Roberto Carlos: Não. Naturalmente que, às vezes, tem um momento que a gente se aborrece e fica chateado, fica nervoso e tudo, mas...

Abi-Rihan: E mágoa?

Roberto Carlos: Não, também não. Não sou de guardar esse tipo de coisa não.

Abi-Rihan: Mas no início da sua carreira aqui no Rio de Janeiro você encontrou dificuldades, não?

Roberto Carlos: Dificuldades, sim. Naturalmente que encontrei dificuldades. Você sabe que, inclusive, eu quando comecei fui a muitas gravadoras até chegar a CBS, eu andei um bocado. Mas, na verdade eu nunca recebi alguma coisa que me deixasse magoado. As pessoas diziam simplesmente para mim que não, que não dava, que não interessava, que eu devia tentar outra gravadora. Essas coisas a gente tem que encarar com naturalidade. Às vezes um artista não interessa para uma gravadora, mas interessa para outra. No caso, a última que eu fui interessou... Foi a CBS.

Abi-Rihan: Eu queria que você dissesse alguma coisa para seu público. Para as pessoas.

Roberto Carlos: O amor é a coisa mais importante. E tudo feito com amor, eu acho que sai sempre melhor. E que a fé, a paz, o amor e deus estejam sempre com vocês!

O REI, NA VISÃO DO BONI



José Bonifácio de Oliveira Sobrinho - o Boni

Abi-Rihan - Boni, qual importância do Roberto Carlos para a cultura e para a música brasileira?

Boni - A música brasileira teve duas mudanças fundamentais: uma foi liderada pelo Roberto Carlos - que veio com a Jovem Guarda - e a outra foi a bossa nova. Eu considero que as duas tenham, naquele momento, o mesmo peso porque houve uma renovação da música popular brasileira no sentido não só melódico mas também no sentido de letra. Mas eram músicas voltadas para endereços diferentes: uma para o público jovem e a outra para um público de gosto mais refinado. Esses dois movimentos fizeram com que a música brasileira saísse de uma mesmice que só era quebrada raramente por alguns expoentes dessa música, como Pixinguinha. Então, ela se tornou mais universal, nos dois pontos, tanto na música jovem como na música mais sofisticada. Então, eu acho que o Tom Jobim está para a sofisticação da música popular brasileira, como o Roberto Carlos está para a popularização de uma música endereçada a juventude de melhor qualidade. Quer dizer, as duas, de certa forma têm uma coisa em comum que é a melhoria da qualidade de música e letra.

O fenômeno de comunicação Roberto Carlos, pela durabilidade dele como sucesso, é único no Brasil.

Abi-Rihan: Você tem alguma teoria para o sucesso do Roberto Carlos?

Boni - O público gosta muito do Roberto porque, além de empatia e talento, ele tem a capacidade de envolver as pessoas. Ele trabalha em todas as classes sociais. Eu não vejo em nenhum cantor, em nenhuma pessoa de idade, em nenhuma pessoa jovem alguém que diga assim: "olha, eu não gosto do Roberto Carlos". Então, tem o sujeito que gosta mais, e tem o sujeito que gosta menos. Mas uma coisa é unânime: todo mundo gosta dele. E a confirmação disso é que eu vi um show do Roberto Carlos lá em Nova Iorque e fiquei impressionado com a diversidade de público. Gente mais velha, gente mais jovem, não era o pessoal saudosista da Jovem Guarda. Tinha muita gente jovem aplaudindo e vibrando com Roberto Carlos.

Hilton Abi-Rihan: A a música dele, Boni, é de qualidade?

Boni - A música do Roberto Carlos sempre teve uma letra com um bom acabamento, um bom gosto. Letras bem feitas, letras de boa qualidade poética. Ele tem coragem de abordar temas simples, que são as coisas mais interessantes da vida. O que é mais bonito do que um amor simples, bem declarado, bem feito, como a lembrança de um namoro, como a lembrança da aventura de um jovem?"

COMISSÃO DE CARNAVALESCOS

MIRO LOPES

Em time que está vencendo a gente muda poucas coisas.

Se não é bem esse o ditado popular, não importa. Afinal, quanto se trata de carnaval, a Beija-Flor de Nilópolis está pronta para reconstruir e reinventar. A si mesma e a todos os conceitos que estão por aí.

E não poderia ser diferente na condução da Comissão de Carnavalescos, instituída pelo Laíla, diretor de carnaval da agremiação nilopolitana.

Para o carnaval de 2011, a primeiríssima no ranking da Liesa manteve a equipe que já vem conquistando importantes títulos para a escola: Laíla, Alexandre Louzada, Fran-Sérgio e Ubiratan Silva - o Bira, contando com um novo reforço: o artista Víctor Santos, que retorna à casa depois de anos afastado da agremiação.

LAÍLA - RESPEITO ÀS RAÍZES

No universo do carnaval e das escolas de samba, talvez ele seja o diretor de harmonia e carnaval mais respeitado da atualidade.

Carrega sobre os seus ombros uma história de dedicação ao carnaval e à qualidade do espetáculo.

Não é um homem de articulações e acertos, ainda que esses sejam essenciais em uma negociação. Laíla, ou Luis Fernando Ribeiro, é um homem de decisão e de brigas - mas só aquelas onde pode defender esse espetáculo, que considera "a mais representativa manifestação da cultura popular".

Nascido no morro do Salgueiro, onde desde a infância teve contato com o samba tradicional, o samba de raiz, Laíla busca manter, nos desfiles da agremiação, as características básicas de um desfile de carnaval. Atento à necessidade das inovações que o público espera, Laíla é consciente nas suas palavras: "o desfile das escolas de samba é um espetáculo produzido pelo povo para o público. Não podemos ficar alheios a essa questão. Mas podemos apresentar um belíssimo e inovador espetáculo sem descaracterizar a festa. Infelizmente, alguns carnavalescos não têm esse entendimento e, por incapacidade de criar movimentos inovadores de bom gosto e inteligentes, acabam levando para a avenida pirotecnias e exageros que chamam a atenção, mas que não trazem novidades nem inovações para o desfile. É como se, para inovar na produção de cinema, o diretor filmasse as imagens de cabeça para baixo. Vai se destacar pela diferença, mas para o observador inteligente esse diretor e esse filme estará apenas fazendo firula, sem grandes contribuições. Naturalmente, no âmbito do carnaval a Liesa deve ficar atenta para que firulas exageradas não descaracterizem o espetáculo que o público quer ver. Acho, também, que cabe aos jurados prestarem mais atenção às regras do desfile, para que não premiem desfiles que fazem firulas em uma ou duas alas, mas que nas demais alas e carros apresentam um desenvolvimento mecríocre e abaixo da média

do espetáculo. A Beija-Flor vai continuar levando para a Sapucaí um desfile alegre, organizado, com um samba empolgante e um desenvolvimento harmônico dos carros, alas e componentes. O público sempre gosta disso. É assim que sabemos fazer carnaval. E se olharmos o público durante os 80 minutos que a escola desfila, vamos ver que é isso que ele quer", conclui confiante o diretor de carnaval.

LOUZADA E A DIMENSÃO DE UM CARNAVALESCO

Na essência da palavra - de pessoa que brinca, que gosta de Carnaval -, Alexandre Louzada se descobriu carnavalesco ainda pequeno, vendo as tias montando chapeuzinhos promocionais que eram distribuídos nos blocos de rua e nas escolas de samba. Efetivamente, a primeira fantasia que fez foi para uma ala da Portela. Alexandre era desenhista de rótulos de remédios, mas desenhava fantasias para as pequenas escolas de Niterói (RJ), onde nasceu e se criou. Ele festeja: "Eu estreei numa grande escola! E estou até hoje nessa vida. E em uma grande escola também".

Crítico da estagnação criativa e do excesso de estrelismo que muitas vezes alimenta os círculos do carnaval, Louzada defende uma função abrangente e bastante séria para o carnavalesco: "Acho que a função do carnavalesco é muito mais abrangente e muito mais complexa do que se pode imaginar. A satisfação e realização artística são enormes. Lida com todas as áreas das artes plásticas. Acho que hoje o carnavalesco é mais um diretor de arte do que um artista plástico, porque toda a concepção parte de uma primeira ideia, que é desenvolvida também literariamente. Você cria uma obra literária para se basear nela e transforma toda aquela pesquisa que você fez, todo o texto poético que você criou em visão plástica. Então, envolve muito mais do que puramente a pessoa ter talento e o dom de desenhar. Depois de todo esse processo criativo do carnaval é que o trabalho do carnavalesco esbarra em todos os dez quesitos", defende.



Com uma enorme bagagem na concepção e desenvolvimento de um carnaval, Louzada conquistou o reconhecimento internacional quando foi convidado a ir aos Estados Unidos ministrar workshops promovidos pelos estúdios Warner Bros. Na terra do Tio Sam, teve a oportunidade de conhecer o backstage de grandes espetáculos como Cirque du Soleil, The Blue Man Show, Miss Saigon, Right Time, Chicago, The Lion King e Scarlet Pimpernel. "O conhecimento adquirido foi de grande importância para a minha vida pessoal e profissional. Venho tentando compartilhar parte desse conhecimento, e colocá-lo, obviamente, em prática nos desfiles da Beija-Flor de Nilópolis."

FRAN-SÉRGIO E SUAS DUAS FAMÍLIAS NILOPOLITANAS

Nascido e criado em Nilópolis (RJ), onde reside, Fran-Sérgio tem duas famílias: a de sangue e a Beija-Flor. Uma está intimamente ligada à outra. Uma une e fortalece os laços com a outra. Iniciando seu amor pela Beija-Flor, quando ainda desfilava na ala das crianças, Fran-Sérgio passou para ala da comunidade, integrando, algum tempo depois, o abre-alas da agremiação como destaque, posto que ocupou durante doze anos.

"Nesse período eu já desenhava. Entrei para a faculdade de arquitetura, e o Aroldo do CAC (Centro de Aprendizagem Comunitário) me trouxe para fazer estágio na escola. Desenhei quadro anos com o Milton Cunha, e quando foi formada a Comissão de Carnaval em 98 fui convidado para fazer parte e me tornei carnavalesco da escola", relembra. A família original tem outros laços com a agremiação. O carnavalesco tem duas irmãs que se dedicam à escola: Alessandra faz a ala coreografada na Beija-Flor há muitos anos, e Angélica, a mais nova, desfila em carro e trabalha no ateliê do

carnavalesco, onde ele cria, confecciona e reproduz centenas de fantasias para o carnaval carioca, dentre elas as da bateria e composições alegóricas da azul e branco nilopolitana. Em 1999, projetou os carros alegóricos para a apresentação da Beija-Flor no CSI – Hallestadion, em Zurique, na Suíça.

Uma coisa que Fran-Sérgio faz questão de ressaltar é a unidade e integração da Comissão de Carnaval, liderada pelo diretor de Carnaval Laíla, evidenciando que todos têm o mesmo peso e medida e participam em todas as etapas da construção do enredo, desde sua concepção até o encerramento do desfile, no dia das campeãs.

Cria da escola, Fran é o único carnavalesco de uma só escola. Trabalha na Beija-Flor de Nilópolis desde os 16 anos: "É uma escola que me ensinou tudo, me deu tudo. Hoje, sou o que sou por causa da Beija-Flor. Essa coisa da família Beija-Flor existe realmente. É minha segunda família", acrescenta.

VICTOR E O RELICÁRIO DA GRATIDÃO

O carnavalesco Victor Santos, o mais novo integrante da comissão de Carnaval da Beija-Flor de Nilópolis, manifesta uma enorme gratidão ao presidente de honra Anizio Abrão David, e faz do coração o relicário desse agradecimento.

Nascido no Rio Comprido, Victor ficou órfão aos 5 anos e foi morar com parentes em Nilópolis. Na adolescência passou a vender balas pelas ruas do Centro e trabalhou na feira da Penha com o irmão Marcelo, que decidiu procurar a ajuda do Anizio, aproveitando-se de que seu pai tinha relacionamento de amigo com o presidente de honra da Beija-Flor: "Minha vida mudou completamente. Seu Anizio e o seu irmão Nelsinho nos tirou daquela situação. Tirou a gente da rua. Ele colocou a gente para estudar no colégio Nilopolitano, arrumou moradia e durante o tempo que achou

necessário nos deu uma mesada".

Em pouco tempo, Victor sentiu vontade de ter seu próprio ganho, e já interessado em Carnaval foi trabalhar no barracão da Beija-Flor em Nilópolis como aderecista, e depois como chefe de chapelaria. Nesse momento é que Victor considera ter iniciado realmente seu contato com o Carnaval. "Não conhecia nada. Nessa época, aos 16 anos, conheci o Joãozinho Trinta, o Laíla e o Viriato Ferreira, que era o grande desenhista. Um dia vi um desenho dele e fiquei fascinado. Nunca havia visto um figurino assim tão pertinho, tão vivo. Comecei, então, a me exercitar para tentar desenhar, pelo menos, um pouco próximo daquela arte do Viriato", relembra.

Percebendo a vocação de Victor para o desenho, Nelson o chamou para desenhar com o Joãozinho Trinta.. "Depois veio o Carnaval do lixo, aí fiz chapéu de baiana, chapéu de bateria, etc. Eu comecei a entender o que era Carnaval quando comecei a desenhar na equipe do Joãozinho Trinta, que tinha o Cid Carvalho, o Luciano, até o Paulo Barros". Com o fim da era Joãozinho Trinta e o início de carnavais mais democráticos e participativos, Victor foi convidado para participar da Comissão de Carnaval da Beija-Flor de Nilópolis, que havia sido criada por Laíla e estava em fase de implantação, onde permaneceu por pouco tempo, seguindo seus planos de realizar voos solos. Colaborou, então, na Vai-Vai e na Águia de Ouro, ambas agremiações de São Paulo. Hoje, fazendo o caminho de volta, e como bom filho, é novamente um dos carnavalescos da Beija-Flor de Nilópolis.

BIRA E A ARTE DE SE RECRIAR

Ubiratan Silva é um performer por excelência. Mais do que viver do teatro, dirigindo e interpretando, Bira tem o dom de criar personagens e se recriar quando sua arena é a Passarela do Samba Professor Darcy Ribeiro. "Na verdade, eu entrei para o Carnaval por causa do teatro", acentua Bira, integrante da comissão de carnavalescos da Beija-Flor de Nilópolis desde 1997. "Eu assistia o desfile e via aqueles figurinos maravilhosos, aqueles cenários maravilhosos, que são os carros alegóricos, e queria trazer essa qualidade de execução que o carnaval tem para o teatro. Então eu queria aprender como se fazia isso".

Ultrapassando os limites do tablado, Bira mesclou suas habilidades teatrais com o carnaval, tornando-se o re-



sponsável pelas dramatizações e performances de alas e alegorias, transformando passistas em "atores do samba". Nesse elenco, Bira tem sido o grande destaque individual. Por serem surpreendentes e intrigantes, suas performances – numa perfeita comunhão das artes de maquiagem e interpretação, – são sempre aguardadas com expectativa, embora nunca se tenha certeza da uma nova atuação nos desfiles da Beija-Flor no Sambódromo.

Bira sempre procurou incluir o teatro no Carnaval, a dramatização de um ponto forte do enredo e para isso preparou um grupo de passistas que ensaiaram exaustivamente "os seres de pele azul" para o enredo de "Patu-Anu". O pessoal desfilou com o corpo totalmente maquiado: "Começamos com 30 componentes, e hoje temos cerca de 600 pessoas transformadas em 'atores'. Foi exatamente com essa vontade de inserir o teatro no Carnaval que começaram as minhas 'performances' durante o desfile", conta Bira. Mesmo assim foi acidentalmente. Em 2004, no Carnaval de "Manôa Manaus" – Bira não recebeu sua roupa de desfile, e na hora – "veio assim, uma iluminação artística" – se automaquiou inteiro de onça. Foi um sucesso. No ano seguinte, maquiado pelo premiado Marcelo Augusto, que detinha uma nova técnica, Bira apareceu na "pele de lagarto". Em 2006, fez performances especiais para os três ensaios técnicos, maquiado de zebra, bandeira da Beija-Flor e, no desfile principal, de Sol. A última performance de Bira para o Carnaval foi no desfile sobre Macapá, quando saiu de saco garimpeiro. Sua intimidade peculiar com a arte da maquiagem artística fez o diferencial em diversos trabalhos de Bira, dentre eles o lançamento da TV Sony Bravia – Japão, episódios da "Turma do Didi" e "Zorra Total", e suas belíssimas maquiagens corporais, que ficaram marcadas na história do Carnaval Carioca. Maquiado de "homem-formiga para a novela "Os Mutantes" da TV Record, Ubitaran, o performativo, invadiu a televisão.

BIANCA e ANDRÉ

Se a Comissão de Carnavalescos dá o ar de criatividade no desenvolvimento do enredo, Bianca Behrends e André Cezari, que trabalham diretamente com os integrantes da Comissão de Carnavalescos, são os colaboradores que dão o suporte e o apoio necessários à boa qualidade do trabalho, seja junto à imprensa ou no apoio à criação e produção.

A cientista social Bianca Behrends, com especialização em cultura popular brasileira pela Universidade Federal Fluminense (UFF), é responsável por toda a pesquisa de retratação do enredo e pela documentação do Carnaval do Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis. Todo material é enviado à Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, à Rede Globo de Televisão (detentora dos direitos de transmissão do Desfile Oficial) e à Revista Beija-Flor.

Com quase 10 anos de trabalho na Equipe de Criação da Escola, junto à Comissão de Carnaval, declara todo o seu amor, respeito e reverência ao pavilhão nilopolitano: "é um prazer e uma honra conviver com aqueles que considero os mestres do Carnaval. Todos os dias aprendo com a equipe", declara Bianca.

Por estudar profundamente o enredo, depois de concluídos a documentação e o preenchimento da ficha técnica da Liga, Bianca Behrends atende à imprensa e fornece as informações e curiosidades para a elaboração de uma boa matéria, fiel ao que será apresentado pela escola na avenida, mas guardando alguns segredos que serão revelados somente na Sapucaí. Em 2008, foi a vencedora do Prêmio Plumas e Paetês, na categoria pesquisadora.



Desde 1995, André Cezari trabalha com Carnaval. Passou por diversas escolas, como Caprichosos de Pilares, Grande Rio, Portela e Porto da Pedra. Em 2005, foi campeão do grupo de acesso D com a Unidos de Padre Miguel. No ano seguinte, na Viradouro, desenhou as fantasias dos destaques, semidestaques e coordenou a decoração de oito alegorias. Por esse trabalho, recebeu o prêmio do Jornal Meia-Hora, categoria melhor alegoria, com o carro "Favela dos meus horrores". Há dois anos, André ingressou na Beija-Flor convidado pelo mestre Laila, e participa

de todo processo de criação, desde o enredo. "Meu sonho era trabalhar para a Comissão de Carnaval da Beija-Flor", revela o figurinista.

Cezari também trabalhou com Carnaval em Rondônia, Minas Gerais e Santa Catarina. Suas criações foram apresentadas tanto no tradicional concurso de fantasias do Hotel Glória quanto na Marquês de Sapucaí, tendo desenhado para renomados representantes do luxo e da originalidade, como Clovis Bornay (2001), Tereza de Aquino (2002), Carlos Reis (2002 e 2003), Neucimar Pires (2002 e 2003), Paulo Robert (2006), Nil de Yemanjá (2006), Flavio Shenilly (2006), Ludmila de Aquino (2006 e 2008), Santinho (2008), Marcos Alves, Zeza Mendonça, Zezito Avila e muitos outros.

André Cezari também é designer do cinquentenário bloco Cacique de Ramos.

CARNAVAL 2011

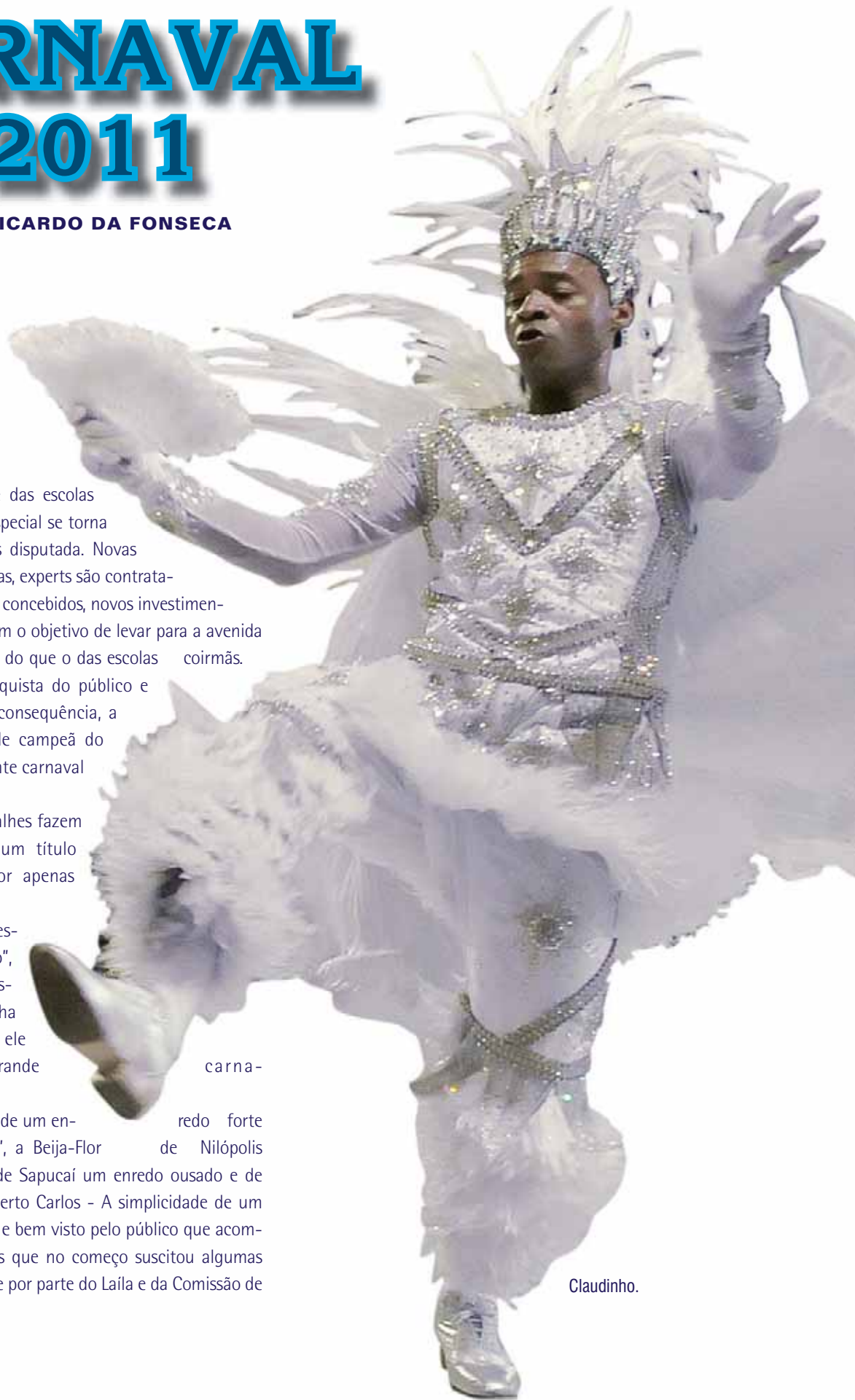
RICARDO DA FONSECA

A cada ano, o desfile das escolas de samba do Grupo Especial se torna uma competição mais disputada. Novas estratégias são buscadas, experts são contratados, figurinos originais concebidos, novos investimentos realizados, tudo com o objetivo de levar para a avenida um espetáculo melhor do que o das escolas coirmãs. A meta final é a conquista do público e dos jurados e, como consequência, a conquista do título de campeã do maior e mais importante carnaval do planeta.

Nessa "boa briga" detalhes fazem a diferença, já que um título pode ser decidido por apenas um décimo de ponto.

Pensando nisso, em descobrir o "pulo do gato", as agremiações investem também na escolha do enredo, para que ele seja o início de um grande carnaval.

Ciente da importância de um enredo forte para "entrar na briga", a Beija-Flor de Nilópolis leva para a Marquês de Sapucaí um enredo ousado e de ótima qualidade: "Roberto Carlos - A simplicidade de um Rei", que hoje é aceito e bem visto pelo público que acompanha o carnaval, mas que no começo suscitou algumas preocupações, inclusive por parte do Laila e da Comissão de



Claudinho.

Carnavalescos da agremiação. Quem nos conta isso é o próprio Laíla: "A Comissão de Carnaval já tinha alguns enredos praticamente fechados. Era só definir qual escolheríamos. Entretanto, um dia, o Anizio nos chamou e pediu para que olhássemos com carinho a proposta de um enredo sobre o Roberto Carlos. Na hora, falei com o Anizio que esse assunto não ia dar um bom carnaval à escola. O Anizio insistiu, e pediu que fôssemos conversar com o Roberto Carlos em São Paulo para avaliar melhor a situação. Foi uma experiência muito positiva, porque durante a conversa ficamos conhecendo importantes detalhes da vida do Roberto. Aos poucos, enquanto ele relatava parte da sua vida, dos seus sonhos e realizações, fomos sentindo que o Anizio tinha razão: Aquele homem, e a sua história, contada de maneira carnavalizada, poderia sim dar um grande carnaval. No final do nosso encontro, estava convicto de que estávamos com um grande enredo nas mãos. Voltamos para o Rio de Janeiro e começamos a desenvolver o enredo, até que chegamos ao que vocês verão na avenida."

Segundo Laíla, o desfile da Beija-Flor de Nilópolis será especial, pois irá contar, de uma maneira artística, importantes fatos da vida de Roberto Carlos que a maioria dos brasileiros desconhece.

Uma escola mais leve, mas sem renunciar ao luxo e à suntuosidade que é uma de suas marcas, a agremiação pretende fazer uma reviravolta na avenida: "não vamos mudar o nosso estilo, nem mexer nos pontos fortes da escola, que são muitos. Vamos levar um carnaval com novidades. Mas não essas novidades pitorescas que muitos, na ânsia se tornarem um novo Joãozinho Trinta, estão promovendo e que começam a descaracterizar o carnaval carioca. Queremos fazer um espetáculo de qualidade, onde a estrela tem que ser a agremiação. Por isso, a exemplo dos anos anteriores, nossos componentes estão empolgados e preparados para dar o máximo de si. Foi assim que fizeram nos anos anteriores, inclusive em 2010, quando fomos injustiçados. Apesar de a escola e seus componentes sempre darem o máximo de si, infelizmente nem sempre os resultados alcançados a olhos vistos são reconhecidos pelos jurados na Sapucaí.

Espero que esse ano os jurados tenham uma visão menos preconceituosa para o nosso desfile e busquem ser justos na hora de dar a nota à Beija-Flor de Nilópolis. Porque o público, esse certamente vai se empolgar, dançar e cantar com o espetáculo que vamos levar para eles."

Fabíola Oliveira David.



COMPOSITORES QUEREM CONTAGIAR A SAPUCAÍ COM SAMBA PARA RC

Tanto a crítica especializada quanto os compositores inscritos no concurso de samba-enredo na Beija-Flor para o Carnaval de 2011 foram unânimes: foi a melhor safra de sambas dos últimos anos. Eles atribuíram o interesse na disputa primeiramente ao tema do enredo, por ser uma homenagem a um dos mais populares cantores românticos do Brasil, Roberto Carlos – que tem uma carreira bastante marcante e pontuada por sucessos que fazem parte da chamada trilha sonora de várias gerações. Além disso, os concorrentes ressaltaram a importância da sinopse – bem escrita, detalhada, clara e objetiva. Estes fatores muito estimularam a parceira vencedora a produzir um samba solto, alegre, capaz de cair no gosto da comunidade e com todas as possibilidades de contagiar o público na Sapucaí, como espera a comissão de Carnaval. Os autores do samba vencedor deste ano já estiveram juntos participando de disputas na Beija-Flor, ou em outras escolas, como parceiros, e também como concorrentes. A afinidade com samba já era declarada. A admiração pelo estilo, pela inspiração, pelo talento, de um e de outro, foi agora ratificada com a parceira e, principalmente, com a vitória do samba que vai falar de "A simplicidade de um rei", que vem com a inspiração, a poesia, a harmonia e a assinatura de Samir Trindade, Serginho Aguiar, JR da Beija-Flor, Sidney de Pilares, Jorge Moreira, Theo M. Netto, Mourão e Kleber do Sindicato.

Disputando sambas na Beija-Flor desde 2003, somente no ano passado Samir (de Oliveira) Trindade desfilou na ala dos compositores da Beija-Flor, quando teve o seu samba escolhido para cantar e contar os 50 anos de Brasília. Com todo o gás de conviver com os sambistas de primeira linha da Ala dos Compositores da agremiação nilopolitana, Samir, em companhia de Serginho Aguiar, liderou a formação de uma nova parceria para disputar o samba-enredo para o Carnaval de 2011. Samir tinha a certeza de que não seria moleza: "Trabalhamos muito em cima desse samba-enredo. A cada ano a disputa fica mais acirrada, e não podíamos brincar em serviço. Por isso, durante muitos meses nos reunimos para trabalhar na produção do samba que vamos levar para a disputa. Se contar o tempo que gastamos para ensaiá-lo e defendê-lo na quadra da Beija-Flor... Vai ver que ficamos mais tempo com nossos parceiros do que com as nossas famílias", brinca Samir.

Sérgio, que era amigo de JR da Beija-Flor, o convidou para o grupo. Daí, o trio buscou outros parceiros. "Nós precisávamos de gente para fortalecer nossa parceria, porque é muita coisa que precisamos fazer. Então, buscamos nomes fortes dentro da agremiação, como o Sidney Pilares e Jorginho Moreira" explica Samir.

Sérgio (Luiz da Costa) Aguiar é integrante da ala dos compositores da azul e branco desde 2006. Um dos autores do samba do ano passado, Serginho explica por que se juntou a Samir e partiu para a parceria vencedora do enredo "A simpli-

cidade de um rei": " Da minha parte foi buscar mesmo novos ares, dar uma oxigenada. Saímos (eu e Samir) para formar um novo time que tivesse a mesma qualidade de criação, mas com uma nova concepção em termos de conjunto. A espinha dorsal das parcerias hoje mudou", resalta Aguiar. Para o Carnaval de 2011, além de a Beija-Flor levar seu samba para a avenida, outras escolas fora do Rio terão sambas com sua assinatura, como a Escola de Samba Tamandaré de Guaratinguetá-SP, que vai cantar "A viagem fantástica na história do circo"; em Viamão, cidade da grande Porto Alegre, é bicampeão pela ES Vila Isabel que virá com o enredo "O polo petroquímico é a alquimia do Carnaval!". O compositor se revelou empolgado com a escolha do tema, a clareza da sinopse que facilitou muito a criação do samba. "Todos na minha família sempre idolatraram Roberto. A gente cresce ouvindo RC."

Luiz Antonio Feliciano Marcondes Junior foi o primeiro convidado da dupla Samir-Sérgio para integrar a nova parceria. o Junior, JR da Beija-Flor é homônimo e filho de Nequinho da Beija-Flor. Um parentesco que valeu muito pela influência – vendo o pai compor – e pela maior aproximação com a escola nilopolitana, onde integrou da ala mirim desde cedo. Para JR, a influência do pai, tanto para compor como para admirar o Carnaval, foi fundamental. Desde 2000, ele faz parte da Ala dos Compositores e ao longo desses 10 anos sempre disputou o concurso de samba-enredo. Uma coisa é certa; nessa hora o parentesco nunca funcionou. JR lembra que, logo nos primeiros anos, embarcava na nau dos defenestrados. Somente



ano passado conseguiu uma boa classificação. E finalmente este ano JR emplacou com seus parceiros o samba com que a Beija-Flor homenageia Roberto Carlos.

"A rapaziada já vinha se namorando antes da escolha do enredo sobre o Rei", conta Sidney Pilares sobre a parceria vencedora do samba-enredo de 2011. "Depois da oficialização do enredo, até sair a sinopse, sentamos para alinhar o processo de trabalho", acrescenta. Para Pilares, a criação de um samba-enredo exige que todos participem. E preciso interagir com o grupo. "Às vezes você sugere uma ideia aparentemente ruim e ela é revertida. Às vezes, fulano está mais inspirado que o outro, vem com uma ideia melhor naquele dia, e cai na consciência de todo mundo que aquilo é o melhor para o samba. É assim que funciona, conta". Campeão de alguns carnavais - na Unidos da Ponte com "Da lata do lixo, ao luxo da lata"; e na Caprichosos de Pilares com "No transporte da folia, me leva Caprichosos no caminho da alegria" - fechou com o bicampeonato da Beija-Flor em 2005 como um dos autores de "Sete Povos na fé e na dor, Sete Missões de Amor", que valeu o Estandarte de Ouro.

Jorge (Tupiara) Moreira (da Silva) há dez anos compete na Beija-Flor, sendo um dos autores do samba bicampeão de 2005. Parceiro de Sidney de Pilares há 18 anos, Moreira tem uma trajetória de vitórias semelhante. O forte da participação de Moreira na composição do samba é a pesquisa e a letra. "Apesar da sinopse deste enredo estar bem clara e de contar uma história, sempre vou pesquisar porque, de repente, uma vírgula, uma palavrinha pode fazer toda a diferença. Por exemplo, a gente já estava com o samba praticamente pronto, "tava" no refrão e aí veio o Theo e sugeriu uma palavra que coube como uma luva", explica Moreira. "Mas esse ano eu sabia que tínhamos muitas

chances de compor uma bela música; afinal, muitos de nós crescemos escutando Roberto Carlos. Eu namorei escutando Roberto Carlos, e várias músicas do Rei fazem parte da trilha sonora da minha vida. E isso contribuiu muito para a composição do samba. Inclusive, quando componho, sempre falo de amor. É o cotidiano, o que vem na tua mente e o que você viveu" diz o compositor. Na juventude, Moreira participou e venceu alguns festivais. "Essência refinada" foi vencedor no Sambola, tradicional reduto de samba da Zona Norte.

João Theodoro de Moraes Netto nasceu no Estácio. É a segunda vez que Theo Netto disputa samba-enredo na Beija-Flor. Convidado por Samir, é o estrategista da atual parceria. Avaliou as possibilidades dos parceiros, considerou o envolvimento com a escola e comunidade, as disputas anteriores e concluiu que o histórico era favorável para levar o grupo à vitória. Quando soube que o tema do enredo seria Roberto Carlos o interesse foi imediato, porque foi criado ouvindo as canções do Rei. A primeira música que Theo "tirou" no violão foi um sucesso do cantor - "Nossa canção", de Luiz Airão. Aviador, paraquedista, administrador de empresas, e ainda de quebra oriundo de uma família de músicos e artistas, além de ser produtor do conjunto Lafayette. Sua aproximação com o samba foi através do seu colega de farda, Arlindo Cruz. Participa do Samba do Trem, como compositor do Buraco do Galo, de Oswaldo Cruz.





DO SONHO À INSPIRAÇÃO

Harmonia do Setor: Sr. Anízio, Laíla e Marcos Aurélio

ALA: COMISSÃO DE FRENTE
PRESIDENTE: CARLINHOS DE JESUS
NÚMERO DE COMPONENTES: 15

O FRED ASTAIRE DE CAVALCANTI PREPARA UMA COMISSÃO DE FRENTE INOVADORA

Ator, dançarino e coreógrafo, Carlinhos de Jesus reforça, este ano, o time da Beija-Flor de Nilópolis. Ele é o novo coreógrafo da comissão de frente da azul e branco.

"É um orgulho e uma alegria muito grande chegar à Beija-Flor. Cresci na quadra da Em Cima da Hora, fui acolhido e reconhecido na Mangueira, e agora chego a Beija-Flor, convidado pelo Laíla, quando já me imaginava aposentado da Sapucaí, com o coração aberto e com a vontade de estar e o prazer de ser tão bem recebido", disse Carlinhos de Jesus.

Até 2008, Carlinhos coreografava a comissão de frente da Mangueira. Sem se afastar do Carnaval nem do grupo

especial, o artista foi responsável pela performance que a bateria da verde e rosa apresentou ano passado. Bem antes de ser um dos criadores do espetáculo que vai pela Passarela do Samba, Carlinhos já era reverenciado pelo mundo do samba. Em 1995, foi homenageado pela Em Cima da Hora, com o enredo "No reflexo do espelho a arte de dançar", que cantou assim sua admiração: "Neste cenário de luz, o seu bailar me seduz, na azul e branco vem Carlinhos de Jesus"; em 2003, outra homenagem com o enredo "Santa Marta canta e encanta com Carlinhos de Jesus" e, em 2005, a homenagem foi da Escola de Samba Imperatriz Dona Leopoldina, de Porto Alegre (RS), com o enredo "Carlinhos de Jesus, a brasilidade dança e encanta a Dona Leopoldina".

OLHA O CARLINHOS DE JESUS AÍ GENTE!

RBF - Como é essa nova fase de Carlinhos de Jesus no mundo do samba?

Carlinhos de Jesus - É de muita expectativa. E muito boa. Não era meu plano voltar a fazer Comissão de Frente... e a Beija-Flor foi quem me deu uma reanimada nesse sentido. Deu um novo start. Hoje, minha vida se volta novamente

para uma coisa que eu gosto muito de fazer. O que eu sempre gostei de fazer. Com gás novo, porque é uma nova família. Eu sempre admirei muito o Anízio. Sempre respeitei muito o Laíla, como uma das grandes referências do carnaval. Acho que este momento coroa toda uma trajetória, toda uma vida de trabalhos com o Carnaval... É a minha grande conquista. Estar ao lado do Anízio, em uma agremiação como a Beija-Flor, que é uma escola de visibilidade, que sempre realizou muito pela qualidade do carnaval é uma honra e motivo de grande alegria. Ao lado de pessoas como o Laíla, da Comissão de Carnavalescos, e de toda essa equipe que trabalha pela Beija-Flor me sinto reconhecido e feliz por ter a certeza de que dei o passo certo.

Carlinhos de Jesus e Laíla.





Alexandre Louzada, Carlinhos de Jesus, Ubiratan Silva e Fran Sérgio.

RBF – Com foi essa aproximação com a Beija-Flor?

Carlinhos de Jesus – Eu nunca estive muito distante. Sempre tive um “pezinho” na Beija-Flor. Eu era garoto e passava minhas férias na casa da vó, Perdilde, ali na Mirandela. Com meu primo Cici visitava muito a escola de samba. E sempre admirei a Beija-Flor, mas nunca tive a oportunidade de me aproximar de uma forma mais intensa. E agora, o Laíla me convida, vamos dizer assim, sob a aceitação de toda a comunidade, toda a família Beija-Flor... e nossa, aí foi uma alegria!

RBF – Sua ligação com a arte começa no samba?

Carlinhos de Jesus – Sim, ela começa no samba. Desde pequeno eu dançava muito nas festas e reuniões que meus pais faziam em casa. Depois, mais crescido, eu ia para os clubes do bairro para dançar e me divertir. O carnaval foi o meu primeiro palco. Aos oito anos de idade fui desfilar como passista na Em Cima da Hora, escola de samba da comunidade do bairro, onde eu morava (Cavalcante, zona norte do Rio de Janeiro). E a partir dali, desse meu desfile na Em Cima da Hora, me tornei componente. Ali a dança passou a aparecer para mim como uma forma artística. Acho que a minha formação artística vem daí. A visão da dança como arte vem da Em Cima da Hora. Dos palcos, dos shows

**“Meninos, eu vi!
Eu vi Carlinhos de Jesus, ainda menino,
brilhando nos bailes de Cavalcante.
O sucesso era tanto que as meninas,
mesmo as que tinham cinco,
seis anos mais do que ele preferiam tê-lo
como par embora lá estivéssemos,
nós, simples mortais mas homens feitos,
para dançar com elas.
Por essas e por outras, ainda bem jovem,
Carlinhos já era conhecido como o
“Fred Astaire de Cavalcante”.**

Sergio Cabral, pai

RBF- O que é possível dizer sobre a comissão?

Carlinhos de Jesus – Eu poderia dizer tudo. Eu tive três ideias. Foi muito engraçado, a primeira ideia... eu cheguei muito animado, e senti que a escola não tinha gostado. Laíla disse na minha cara: Não gostei. Eu achei aquilo tão importante. Eu não queria que ele gostasse por gostar. Eu queria realmente que a escola gostasse dentro da visão artística e dentro do enredo. Aí eu descartei... Trouxe uma

segunda ideia. A escola gostou, mas no amadurecimento dela a gente teve dificuldade de execução. Aí surgiu uma terceira. Vi o Laíla todo empolgado e emocionado com a ideia. A gente partiu para execução

Mas Carnaval é isto mesmo!!

RBF – Como vê a comissão de frente?

Carlinhos de Jesus - Não é simplesmente passar pela avenida... O tempo, a execução coreográfica, a transparência da idéia, a leitura para o público, a idéia dentro da proposta não só do enredo, mas a proposta da comissão. A comissão pra mim é uma síntese do enredo. Ela tem uma licença poética para isso. Ela hoje é o grande espetáculo de abertura de um desfile e muito esperada pelo público. Outra coisa muito importante, a comissão para apresentação ao jurado deve ser específica, técnica... não pode ter erro, é fundamental agradar ao jurado e manter a nota 10. Tenho por hábito fazer também uma coreografia para o público, que é mais descontraída e cujo objetivo é a conquista da platéia.

AS FANTASIAS DE UM CORAÇÃO AZUL E BRANCO

ALA: 10 CASAL MS E PB

PRESIDENTE: SELMYNHA SORRISOZ & CLAUDINHO

NÚMERO DE COMPONENTES: 2

O Rei Roberto Carlos foi ver o samba lá no 'morro' de Nilópolis, lá na quadra da Beija-Flor; e descobriu que ela é mesmo boa de samba! E, coincidência ou não, é azul e branco também, assim como o seu coração. Juntou sua viola com o pandeiro da bateria e, neste instante, ele verdadeiramente sentiu-se parte desta família. De onde está, pode ver a 'porta-estandarte' sambando com arte e, em plena folia, de certo está nos olhos e nos sonhos de mil foliões.

VOA RISCANDO O AZUL DO CÉU

ALA: ARTE FOLIA

PRESIDENTE: VALÉRIA BRITTO

NÚMERO DE COMPONENTES: 72

Uma revoada de pequeninos e ágeis beija-flores voa pelos céus em um bailado transcendental, iluminados por feixes de luzes que cortam as nuvens brancas em meio a imensidão azul. O pavilhão da Agremiação ganha vida, transformando o chão da Avenida Marquês de Sapucaí em um dançante tapete azul e branco. É a Beija-Flor de Nilópolis vibrando com as emoções do Rei Roberto Carlos.





Selminha
Sorriso.



PINAH AYOUB

A CINDERELA NEGRA

Pinah, apelido que ganhou do amigo e compositor Almir Saint-Clair, é um dos maiores símbolos do carnaval carioca. Hoje vive em São Paulo com o marido Elias Ayoub e a filha Cláudia, e trabalha numa rede de armarinhos especializados em produtos carnavalescos.

Nascida Maria da Penha Ferreira, em Muriaé, Minas Gerais, Pinah veio para o Rio aos dois anos, com os pais e o único irmão. Herdou da mãe o físico longilíneo, de ossatura delicada; e do pai, que foi mestre-sala da escola de samba Tupi de Brás de Pina, o temperamento esfuziante. A família era pobre. A mãe era empregada doméstica e a avó, Alice, cuidava das crianças.

A beleza exótica ganhou repercussão internacional em março de 1978, quando o príncipe Charles dançou com ela durante a apresentação da Beija-Flor no Palácio da Cidade, residência oficial do prefeito do Rio. Alta, magra, com um sorriso luminoso e cabeça raspada, ela sempre fazia sucesso em concursos de fantasia e nos desfiles da Beija-Flor. A dança com o príncipe levou sua popularidade às alturas.

Durante muito tempo apareceria em jornais, revistas, livros sobre o carnaval brasileiro e sobre a realeza britânica, e até em um imenso pôster no Aeroporto de Heathrow, em Londres. No Carnaval de 1983, a Beija-Flor foi campeã com o enredo "A Grande Constelação das Estrelas Negras." Homenejava ídolos como Pelé, Grande Otelo, Clementina de Jesus e o histórico Ganga Zumba. O carnavalesco Joãozinho Trinta e o compositor Negoinho da Beija-Flor, autor do samba, acharam que Pinah merecia um lugar naquela galeria. Quando ela surgiu na Marquês de Sapucaí, no alto de um carro alegórico, a multidão, de pé, cantou o refrão: "É, Pinah, Pinah, Cinderela negra que ao príncipe encantou".

Linda Conde (ao lado)



MEU PEQUENO CACHOEIRO

ALA: AS GUERREIRAS

PRESIDENTE: NORMA PEREIRA & CARLOS DANTAS

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

Cachoeiro de Itapemirim localiza-se nas terras das cachoeiras de águas cantantes entre as serras do Espírito Santo, doce terra natal de Roberto Carlos. O brasão da pacata cidade tem como principais símbolos, a denominada coroa-mural, representada por torres que se encontram na parte superior do escudo – as quais simbolizam os sete distritos do município; e o ramo de café, principal produto agrícola da cidade.

O LARANJAL NO MEU QUINTAL

ALA: TUDO POR AMOR

PRESIDENTE: ÉLCIO CHAVES

NÚMERO DE COMPONENTES: 45

ALA: Colibri de Ouro

PRESIDENTE: Dinéia Amâncio

NÚMERO DE COMPONENTES: 35

O laranjal ou laranjeira, árvore cujos frutos são as laranjas, é uma lembrança da infância muito presente em Roberto Carlos, pois na casa em que ele morava quando criança, em Cachoeiro de Itapemirim, havia um laranjal

no quintal. O laranjal oferece frutos saborosos, redondos e alaranjados, além de belíssimas flores de laranjeiras, e exala um perfume inebriante. Referência à música "Meu Pequeno Cachoeiro", de Raul Sampaio, lançada em 1970, cuja letra diz "Recordo a casa onde eu morava / o muro alto, o laranjal...".

MEU FLAMBOYANT NA PRIMAVERA

ALA: 20 CASAL DE MS E PB

PRESIDENTE: DAVID SABIÁ & JANAILCE ADJANE

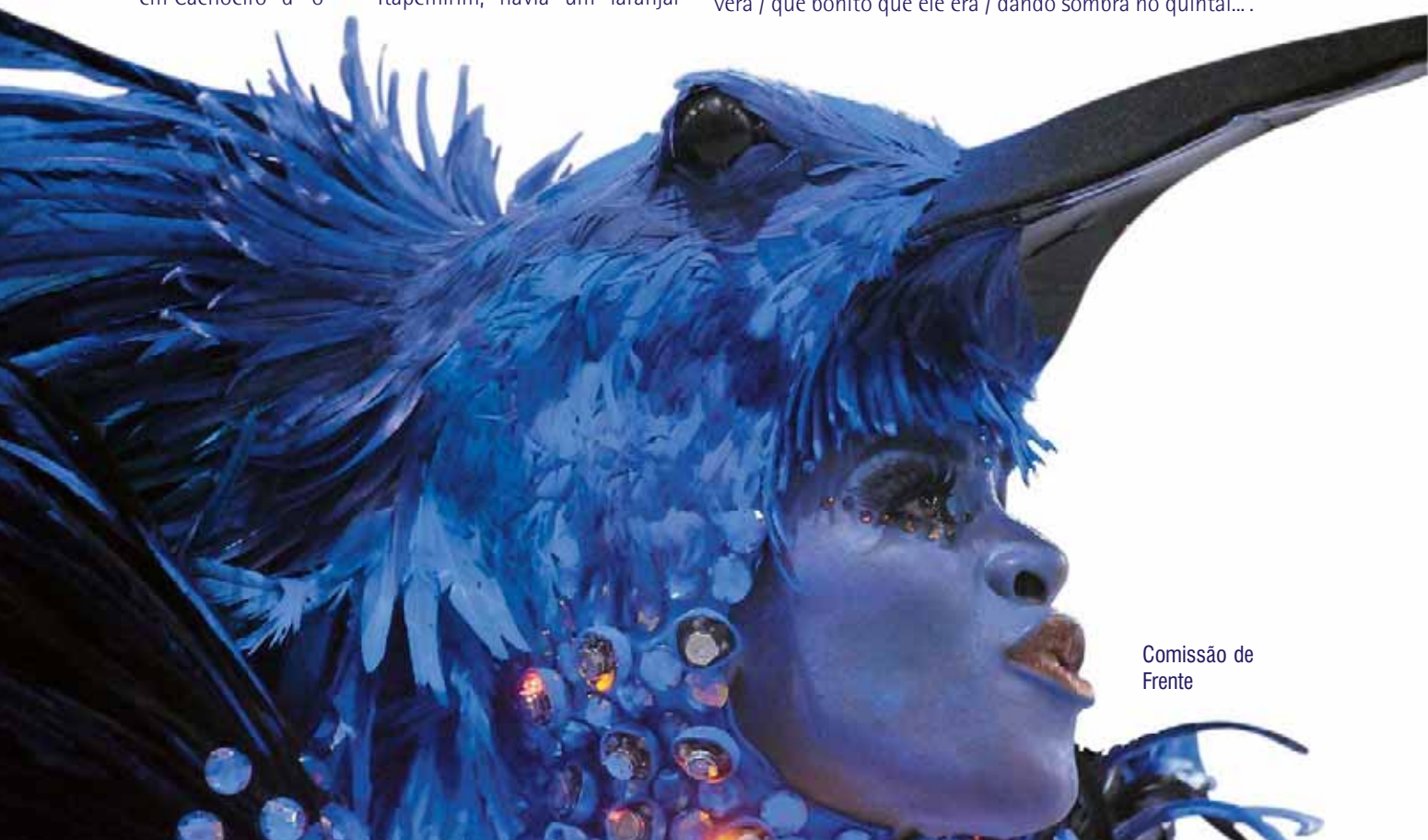
NÚMERO DE COMPONENTES: 2

ALA: Néctar do Samba

PRESIDENTE: Roberto Manguera

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

O Flamboyant é uma árvore cujas flores são majestosas, em tons de vermelho, laranja e amarelo. O maravilhoso flamboyant que havia no quintal da casa em que Roberto Carlos morou na infância anunciava a chegada da primavera e fazia uma aprazível sombra no quintal. Referência à música "Meu Pequeno Cachoeiro", de Raul Sampaio, lançada em 1970, cuja letra diz "Meu flamboyant na primavera / que bonito que ele era / dando sombra no quintal...".



O PASSADO EM RETRATOS NA PAREDE

ALA: 30 CASAL DE MS E PB
PRESIDENTE: ANDREZINHO & NANINHA FIDELLYS
NÚMERO DE COMPONENTES: 2

ALA: 08 OU 80
PRESIDENTE: IVONE FARRANHA
NÚMERO DE COMPONENTES: 70



Fotografias emolduradas da mãe, Dona Laura, do pai, Seu Robertino Braga e do próprio Roberto Carlos, guardam as lembranças que o Rei traz da vida, recordações da família e da infância querida em Cachoeiro de Itapemirim, para que a distância e o tempo não dissipem tais memórias. Através dos retratos na parede, é possível revisitar o passado e rever tudo igual como era antes.

O RELOJOEIRO DE CONSELHOS CERTOS

ALA: Signus
PRESIDENTE: Débora Rosa
NÚMERO DE COMPONENTES: 80
Homenagem ao Sr. Robertino Braga, pai de Roberto Carlos, que era relojoeiro, um artesão que fabricava e conserta-

va relógios. Nas lembranças de Roberto Carlos, pai, um senhor de cabelos brancos e sorriso franco, foi mestre de lições que o fizeram crescer, e uma referência que se esforçava para encher a vida dos filhos de fantasia ao enfeitar a realidade que eles viviam.



Ghislaine Cavalcante e a Comissão de Frente

LADY LAURA – MINHA MÃE COSTUREIRA

ALA: Pairando no Ar
PRESIDENTE: Rosivaldo
NÚMERO DE COMPONENTES: 70

A Sra. Laura Moreira Braga, mãe e grande incentivadora de Roberto Carlos, era costureira e, como tal, Lady Laura vivia em meio à tecidos, carretéis de linha, botões, tesouras, agulhas, fitas coloridas, fitas métricas e aviamentos diversos, materiais essenciais à execução de seu ofício.

A O REI DO ROCK E O ELVIS BRASILEIRO

ALA: ENERGIA DO AMOR

PRESIDENTE: AROLDO CARLOS

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

Quando se mudou para o Rio de Janeiro, na década de 1950, Roberto Carlos, seguindo a tendência juvenil da época, entrou em contato com um novo ritmo musical, o Rock; passando a ouvir famosos artistas, dentre eles, Elvis Presley. Convidado por Carlos Imperial, o Rei passou a se apresentar no programa musical "Clube do Rock", na extinta TV Tupi, onde era anunciado como "o Elvis brasileiro".

THE SPUTNIKS – A 1ª BANDA

ALA: AMIZADE

PRESIDENTE: CLEIDE ALVES

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

The Sputniks foi o primeiro conjunto musical do qual Roberto foi integrante. Formado pela "turma da Tijuca", no Rio de Janeiro, em 1957, o grupo era composto por Roberto Carlos, Arlênio Lívio, Tim Maia, Edson Trindade e Wellington. O nome foi influenciado pelos noticiários dos vôos orbitais da sonda Sputnik. Os seus criadores o consideravam um conjunto moderno, logo o nome da banda tinha de estar de acordo com a época, daí a sugestão do nome de um satélite espacial.

JUKEBOX – O ESTOURO ELETRÔNICO

ALA: COMIGO NINGUÉM PODE

PRESIDENTE: HÉLIO MALVIEIRA

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

A Jukebox é um aparelho eletrônico que tem por função reproduzir as músicas escolhidas pelos clientes que estejam em seu catálogo, ao se inserir moedas na máquina. A aparelhagem de som contava com uma seqüência de luzes coloridas, as quais piscavam enquanto a música tocava, e se tornou popular no início da década de 1960, quando a nova tecnologia foi utilizada para divulgar ídolos estrangeiros e inspirar artistas nacionais, fazendo das 'jukeboxes' a "sensação do momento", a embalar as festas de arromba das garotas papo firme e dos brotos legais.

SETE VIDAS PARA VIVER, MIAU!

ALA: KURTISAMBA

PRESIDENTE: MARCUS VINÍCIUS

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

A canção "Negro Gato", de autoria de Getúlio Cortes, foi lançada pela primeira vez em 1966, e narra a história de um negro gato de arrepiar, que tinha uma vida de amargar. Ao contar a sua triste história, o negro gato diz que há tempos não sabe o que é um bom prato... E que apesar de ter sete vidas para viver, sete chances para vencer, se ele não comer, vai acabar num buraco.



20. casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira.

SPLISH SPLASH – O BEIJO ROUBADO

ALA: SOL BRILHANTE

PRESIDENTE: ROSINALDO VIEIRA

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

A versão de Erasmo Carlos para a música de Bob Darian e Jean Murray foi feita em 1963, e afirma que "Splish Splash" foi o som do beijo roubado da menina no cinema, que fez barulho sem querer. Mas "Splish Splash" também foi o som do tapa que o rapaz levou, que não só fez barulho, mas doeu! Todo mundo no cinema ficou olhando e toda a família do rapaz vai ficar sabendo o que aconteceu.

EU SOU O TAL! ME CHAMO LOBO MAU

ALA: BEM QUERER

PRESIDENTE: OSVALDO LUIZ CORRÊA & WANDA MERCEDES

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

A versão de Hamilton Di Giorgio para a música "Lobo Mau", de Ernest Mareska, foi feita em 1965, e conta a história de um tal lobo mau conquistador, que não gosta de casamento e tem mil garotas, uma em cada lugar. Tudo o que ele faz ou fala é fingimento, e os rapazes têm inveja dele. Mas o que o lobo mau gosta mesmo, é de ficar rodeado de garotas, de beijá-las e depois, então, se mandar.

E QUE TUDO MAIS, VÁ!

ALA: FOCO DE LUZ

PRESIDENTE: MARIZA DOS SANTOS

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

A canção "Quero que Vá Tudo...", de Roberto Carlos e Erasmo Carlos foi lançada em 1965, e conta a história de um rapaz que só queria saber de ficar com sua amada. Fora isso, nada mais importava. Na época da Jovem Guarda, os rapazes só pensavam em pagar a conta do milkshake das meninas e nos amassos que não podiam passar das dez da noite; de resto, nada mais interessava.





Raíssa de Oliveira.

SETOR 04

A CAVALGADA DOS AMANTES

ALA: OS IMPOSSÍVEIS

PRESIDENTE: COSME

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

A composição "Cavalgada" foi escrita pela dupla Roberto e Erasmo Carlos em 1965, e descreve uma tórrida noite de amor, onde o amante cavalga a noite inteira por uma estrada colorida. As estrelas mudam de lugar e se aproximam só pra ver a paixão ardente dos amantes. Ainda brilham de manhã, quando, na grandeza deste instante e na beleza desta hora, o sol espera pra nascer.

SÓ VOCÊ AMADA, AMANTE

ALA: IRIDESCENTES

PRESIDENTE: SIMONE SANT'ANNA

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

A música "Amada Amante", escrita em 1971, é fruto da parceria de Roberto e Erasmo Carlos, e narra a história de um amor demais antigo, demais amigo, que manteve acesa a chama da verdade de quem ama antes e depois do amor. Um amor sem preconceito, que explode dentro do peito e faz as suas próprias leis. Em um mundo desamante, só a amada amante faz da vida um instante ser demais para os dois.

CÔNCAVO E CONVEXO - O ENCONTRO PERFEITO

ALA: JOVEM FLU

PRESIDENTE: SÉRGIO AYUB

NÚMERO DE COMPONENTES: 80

A canção "O Côncavo e o Convexo", escrita em 1983 por Roberto e Erasmo, trata de um amor que é demais, um sonho de paz, um encontro perfeito; fala sobre as curvas que se acham nas formas que se encaixam, na medida perfeita. Cada parte do casal tem a forma ideal, e quando estão juntas, coincidência total, do côncavo e convexo, no amor e no sexo.

SEMENTE DE SAMBA E DE AMOR

ALA: PASSISTAS

PRESIDENTE: ASSIS, ANDERSON, ALINE & THUAY

NÚMERO DE COMPONENTES: 120

O Rei Roberto Carlos foi ver a comunidade sambar, e quando ela sambou, pediu socorro! Viu então, germinar as sementes do samba e de amor, brotando dos mais pequeninos aos mais experientes pés dos passistas. A arte de sambar encontrou ali, um solo fértil para crescer e se perpetuar, enquanto o amor ao samba existir.

A VOZ QUE CANTA O AMOR

INTÉRPRETE

NEGUINHO DA BEIJA-FLORE

São 35 anos "puxando" o samba-enredo da azul e branco Beija-Flor de Nilópolis na avenida. Mas as emoções se renovam a cada ano, a cada momento, a cada história que ele vive. Neguinho da Beija-Flor está, como ele mesmo diz, "trifeliz". São muitos motivos para comemorar, mas três deles deixam Neguinho com mais energia e garra para entrar na Sapucaí. O carnaval 2011 da Beija-Flor será uma homenagem ao rei Roberto Carlos, seu ídolo. Além disso, o samba-enredo escolhido para defender a escola é de autoria de seu filho, JR, com outros compositores. O terceiro motivo é porque a crítica especializada em samba-enredo elegeu o samba da Beija-Flor um dos mais bonitos do carnaval 2011. Defender um samba-enredo que vai contar a trajetória de um rei como o cantor Roberto Carlos é uma emoção renovada: "sem dúvida, vou entrar na avenida com mais energia, alegria, felicidade e emoção. Afinal de contas, o rei Roberto Carlos

é um dos meus ídolos. Como dizem os gaúchos, é trifelicidade. A emoção na hora vai ser grande", revela Neguinho. Admirado por muitos e referência do carnaval carioca, Neguinho fala que o respeito por seu trabalho – por muitos colegas ele é chamado de mestre – se deve ao carinho, dedicação e fidelidade que tem pela Beija-Flor e pelo Carnaval. Não se julga melhor do que outros intérpretes da avenida: "respeito o trabalho de todos. Na minha visão todos são maravilhosos. Sei como é difícil cantar uma hora e meia sem intervalo", avalia.

A MULHER IDEAL

RAINHA DE BATERIA

RAÍSSA OLIVEIRA

Raissa de Oliveira é, na atualidade, a Rainha de Bateria que mais de perto representa a verdadeira tradição das escolas de samba, com a valorização da sua comunidade.

Nascida e criada em Nilópolis, a jovem sambista é a única Rainha de Bateria das escolas de samba do Grupo Especial que vive na comunidade da agremiação que representa.

"Para mim, é uma alegria representar na



avenida o meu povo. Sei que é uma responsabilidade muito grande representar uma agremiação como a Beija-Flor de Nilópolis. Mas, com o passar dos anos e com o apoio de todos os componentes da diretoria da escola, deixei claro que tenho condições de representar minha escola do coração com graça, ritmo e muito samba no pé. Ao mesmo tempo em que tenho muito orgulho disso tudo, agradeço a todos os que sempre me incentivaram.

Essa característica ímpar dá mais força e beleza poética ao desfile dessa agremiação que sempre foi fiel à sua comunidade.

Parabéns Beija-Flor!

O COMANDANTE DO SEU CORAÇÃO

ALA: BATERIA

PRESIDENTE: MESTRES RODNEY & PLÍNIO

NÚMERO DE COMPONENTES: 263

Referência ao tradicional show "Emoções em Alto Mar", o qual está na sua 7ª edição, e é realizado em um navio transatlântico, habitualmente no litoral do Rio de Janeiro e de São Paulo. Roberto Carlos, velejando num mar de emoções, navega momentos lindos, distribui rosas, carisma, simpatia e interpreta belas canções. É o comandante do show e de inúmeros corações.

PROVOCANTE E SENSUAL — MULATAS

ALA: 100 MÍDIA

PRESIDENTE: LÉO MÍDIA

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

Em diversas canções de Roberto Carlos, o amor se materializa de inúmeras formas. A mulher, escolhida como a sua principal personificação, muitas vezes utiliza-se de artifícios femininos, que podem ser considerados verdadeiras armas de conquista e sedução. Quando querem, as mulheres são mais quentes que os três dias de carnaval, mais quentes que dez fevereiro!

A VOZ DO CORAÇÃO

ALA: TOM & JERRY

PRESIDENTE: ROGÉRIO COUTINHO

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

É conveniente confessar que, às vezes, queremos domar o nosso coração, perguntar para ele algumas coisas e conseguir ouvir a sua voz. Seria tão mais fácil se ele fosse apenas uma jóia pendurada num cordão... Mas, infelizmente, o amor não se resolve assim. Nessa coisa de amor, é preciso ter muito cuidado, uma dose a mais e a gente faz tudo errado.

O AMOR MAIOR DO MUNDO

ALA: DOS CEM

PRESIDENTE: TEREZINHA SIMÕES

NÚMERO DE COMPONENTES: 40

ALA: AMAR É VIVER

PRESIDENTE: TERESINHA ALVES

NÚMERO DE COMPONENTES: 40

O amor é o grande sentimento que nunca está fora de moda, o bem maior de tudo o que existe. É a força do coração, capaz de encontrar uma palavra que não existe e chegar aonde só chegam os pensamentos; é energia que transforma defeitos em virtudes. O amor está cima da razão, e faz as suas próprias leis; é o refúgio e o motivo do regresso, perdura por séculos, milênios e dimensões.

A LINGUAGEM DAS ROSAS

ALA: BAIANAS

PRESIDENTE: LUIZINHO CABULOSOS

NÚMERO DE COMPONENTES: 80

As rosas vermelhas simbolizam o fogo da paixão, a brasa que incendeia o coração das amadas e amantes. Quando a gente ama pra valer, esse sentimento explode dentro do peito; é o refúgio e o motivo do regresso. É um sentimento sem medida, incontido, que não tem hora nem lugar pra chegar e, na sede de romance e de um amor infinito, puro e sem preconceito, nos faz beber das paixões desenfreadas.

Livia Rosa



AS CURVAS DA ESTRADA DE SANTOS

ALA: DÁ MAIS VIDA

PRESIDENTE: ANA MARIA MASCARENHAS

NÚMERO DE COMPONENTES: 100

"As Curvas da Estrada de Santos" é uma composição da dupla Roberto Carlos e Erasmo Carlos, escrita em 1969. Por uma mulher, se vai além dos limites, entra-se em desespero, dirige-se enlouquecidamente pelas ruas e estradas, sem rumo e sem direção. Mas, uma vez reconquistado o amor, é possível até respirar fundo e cantar as dores sentidas.

TAXISTA, O ARTISTA DO ASFALTO

ALA: SAMBANDO NA BEIJA-FLOR

PRESIDENTE: JORGE LUIZ SOARES

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

A música "O Taxista", composta por Roberto e Erasmo, em 1994, narra o dia-a-dia de um taxista, profissional que trabalha com o transporte alternativo e tarifado de passageiros, sem ter uma rota regular e contínua. O taxista sai logo cedo, sem destino certo, à procura de passageiros. "Terapeuta do asfalto", "analista urbano", ouve todo o tipo de histórias dentro do seu carro; no asfalto, é o próprio artista.

COMO UM BOM CAMINHO-NEIRO

ALA: É SHOW

PRESIDENTE: ROSIMERE EZEQUIEL

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

A canção "Caminhoneiro" foi composta por Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Jonh Hartford, em 1978. Hit de sucesso, "Caminhoneiro" chegou a ser executada 3.000 vezes em um só dia. O caminhoneiro roda as estradas do Brasil inteiro, muitas vezes de madrugada, exposto à perigos diversos e cheio de saudade da família e da amada, para abastecer os quatro cantos do país.

TANTOS CAMINHOS E TANTAS JORNADAS

ALA: RAÍZES DA FLOR

LUCIANA CASTRO

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

As placas têm a finalidade de contribuir para o bom fluxo do trânsito e para a segurança nas vias, e são divididas em placas de regulamentação, de advertência e de indicação. São instrumentos essenciais para informar aos usuários as condições, proibições, obrigações e as restrições de tantos caminhos e tantas jornadas.



PENSO NELA NO CAMINHO

ALA: Ninho de Pétalas

PRESIDENTE: Ivone Pinheiro

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

As viagens solitárias realizadas pelo caminhoneiro podem durar dias, semanas e até meses, deixando o motorista distante de sua amada por muito tempo. Quando ele pega a estrada, é como se o amor aumentasse mais... A saudade é grande, aperta o peito... Ele pensa nela no caminho, imagina o seu carinho e todo o bem que ela faz.

MANDEI PRO MECÂNICO

ALA: CABULOSOS

PRESIDENTE: LUIZINHO CABULOSOS

NÚMERO DE COMPONENTES: 80

Todas as pessoas que transitam com seus veículos pelas vias da cidade, de certa maneira, estão à mercê de infortúnios, podem padecer de algum tipo de pane, ou precisar de serviços mecânicos, como na música "O Calhambeque" (Road Hog), versão de Erasmo Carlos para a canção escrita por John Loudermilk e Gwen Loudermilk, onde Roberto Carlos canta que mandou o Cadillac pro mecânico outro dia, pois há muito tempo um conserto ele pedia.

NO CORAÇÃO SERTANEJO

ALA: CAMALEÃO DOURADO

PRESIDENTE: WALTEMIR VALLE

NÚMERO DE COMPONENTES: 35

UNI-RIO

PRESIDENTE: ANDRÉ PORFÍRIO

NÚMERO DE COMPONENTES: 35

No coração sertanejo, habita a paixão pela vida agreste e pelas coisas do campo, típicas de gente simples, como a moda de viola e o gado. A música "Coração Sertanejo", de Neuma Moraes e Neon Moraes, gravada por Roberto em 2005, diz que o sertão é um lugar onde tem beleza o ano inteiro, que não faltam estórias sobre animais e rios, e onde um violeiro toca para as pessoas sonharem, onde não se vê tristeza em meio a natureza.

TÔ NA RUA, TÔ NA PISTA

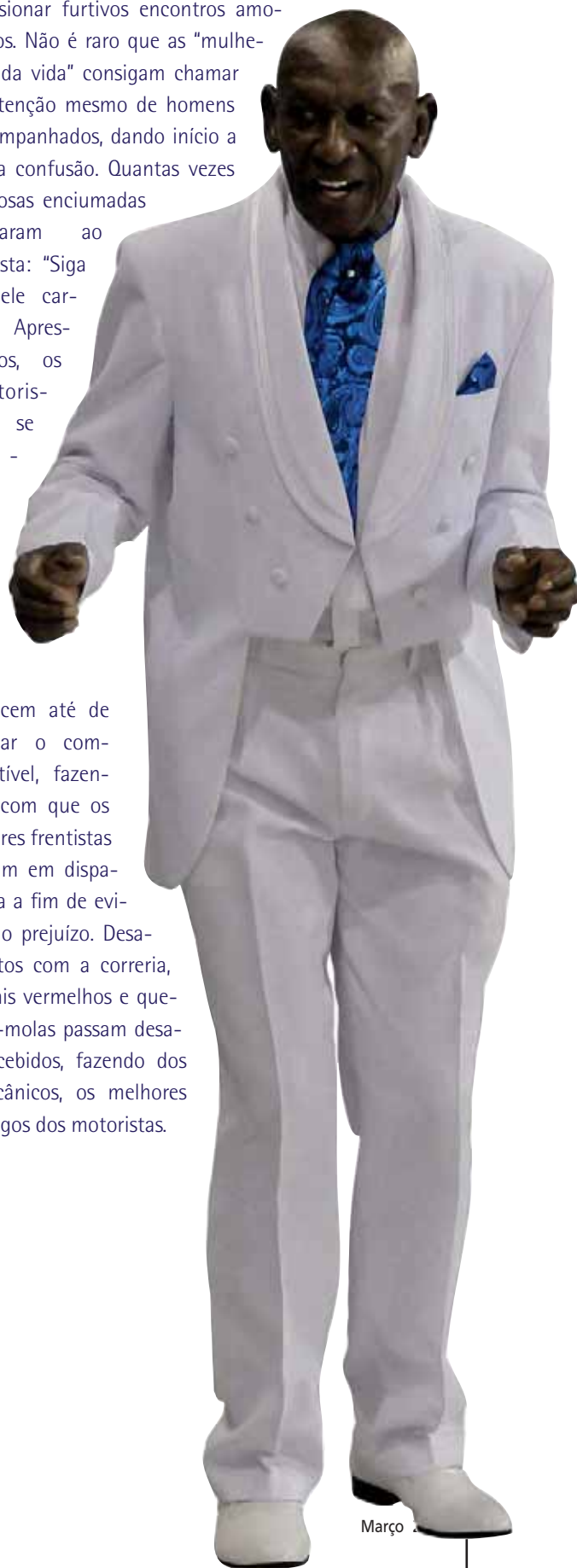
ALA: ONDA AZUL

PRESIDENTE: UBIRATAN SILVA, ROBERTO DE MELLO & JANE DE ANDRADE

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

A carência e a solidão nas estradas acabam por ocasionar furtivos encontros amorosos. Não é raro que as "mulheres da vida" consigam chamar a atenção mesmo de homens acompanhados, dando início a uma confusão. Quantas vezes esposas enciumadas gritaram ao taxista: "Siga aquele carro!". Apresados, os motoristas se

quecem até de pagar o combustível, fazendo com que os pobres frentistas saiam em disparada a fim de evitar o prejuízo. Desatentos com a correria, sinais vermelhos e quebra-molas passam despercebidos, fazendo dos mecânicos, os melhores amigos dos motoristas.





SETOR 06

RAÍZES DOS GIGANTES DAS FLORESTAS

ALA: KARISMA

PRESIDENTE: CLEBER MOURA

NÚMERO DE COMPONENTES: 80

As árvores são plantas permanentemente lenho-

sas de grande porte que, dentre outros atributos, se caracterizam por ter raiz pivotante, ramos secundários e caule lenhoso do tipo tronco. De maneira geral, atingem ao menos seis metros de altura na maturidade, o que as torna conhecidas como os gigantes das florestas. É preciso que haja preservação, para que não vejamos tanto verde na Terra morrendo, tantos gigantes tombados e tendo o seu sangue verde derramado.

A AMAZÔNIA E A CONSCIENTIZAÇÃO

ALA: VAMOS NESSA

PRESIDENTE: TUNINHO

NÚMERO DE COMPONENTES: 40

1001 NOITES

PRESIDENTE: LUIZ FIGUEIRA

NÚMERO DE COMPONENTES: 40

A preocupação com a preservação da natureza sempre se fez presente nas canções de Roberto que, em 1989 compôs, com Erasmo Carlos, a música "Amazônia"; cuja letra clama para que se preste atenção nos terríveis sinais de alerta e nos absurdos cometidos contra os destinos de tantas fontes de vida. A Amazônia, do mundo, tornou-se insônia; a mensagem é clara: "Quem desmata, mata".

Nelsinhoid.

ONÇA - SER CIVILIZADO COMO OS ANIMAIS

ALA: CASARÃO DAS ARTES

PRESIDENTE: GRAÇA OLIVEIRA

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

Com as suas manchas dispersas, tão características, a onça-pintada é o maior mamífero carnívoro do Brasil e o felino símbolo da fauna brasileira, classificada atualmente como em estado de ameaça iminente. Apesar de ser tão temida, foge da presença humana, e são raros os casos de ataque ao ser humano, que podem ocorrer em caso de fome ou defesa, ensinando a lição de que bom seria se o Homem conseguisse ser civilizado como os animais.

PAPAGAIOS - O MEIO AM- BIENTE FALA!

ALA: SORRISOZ

PRESIDENTE: MARCOS GOMES

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

O papagaio, com seu bico curvo e penas de várias cores, vive cerca de 100 anos e tem apenas 03 filhotes ao longo de sua vida. É capaz de imitar sons, inclusive a fala humana, sendo o verdadeiro porta-voz da natureza que reclama, pede, chora e chama, mas poucos escutam, pois a covardia é surda e só ouve o que lhe convém.

GARÇAS - A ELEGÂNCIA ECOLÓGICA

ALA: É LUXO SÓ

PRESIDENTE: NÁDJA GOMES

NÚMERO DE COMPONENTES: 80

A garça vive em bandos e frequenta rios, lagoas, charcos, praias marítimas ou manguezais de pouca salinidade, e se alimenta principalmente de peixes, sapos e outros animais aquáticos. Curiosamente, essas elegantes aves brancas costumam decorar as copas das árvores próximas ao Rio Itapemirim.

BORBOLETAS - A BELEZA DAS COISAS MAIS SIMPLES

ALA: ESPERANÇA

PRESIDENTE: CLÁUDIA

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

Ao contemplar a natureza nesse mundo, tentamos achar

um só defeito, mas encontramos a beleza das coisas mais simples, como as borboletas. Importantes agentes polinizadores de diversas espécies de plantas, são animais pequenos, singelos, levíssimos, delicados e lindamente coloridos. As borboletas têm dois pares de asas membranosas cobertas de escamas, sendo que alguns tipos de borboletas podem chegar a medir até 32 centímetros de asa a asa.

TUCANOS - LINDOS COMO A NOITE ESTRELADA

ALA: BORBOLETAS

PRESIDENTE: NÉIA NOCCIOLE

NÚMERO DE COMPONENTES: 35

TRAVESSIA

PRESIDENTE: DELANO SESSIM

NÚMERO DE COMPONENTES: 40

Os tucanos, com suas penas negras como uma linda noite repleta de estrelas, são aves que possuem um oco e imponente bico. Monogâmicos e territorialistas, se alimentam de frutas, insetos, ovos de outras aves e pequenas presas. O tucano ainda não é uma espécie ameaçada de extinção, entretanto, capturados e traficados, têm reduzida a sua população nas florestas, não só pondo em risco a variabilidade genética da espécie, como também ocasionando a morte de muitos animais durante o transporte.

ARARAS - O REFLEXO DO AZUL DO CÉU

ALA: PURA RAÇA

PRESIDENTE: EDSON REIS

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

A arara é um belíssimo tipo de papagaio em tons de azul e vermelho (podendo também ser encontrada em tons de azul e amarelo). A sua preservação se encontra ameaçada, graças, principalmente, à caça furtiva, devido à sua procura como animal de estimação. Não devemos deixar que o azul do céu se inflame, pois a mistura do vermelho fogo com o azul celestial só entram em harmonia nas penas coloridas das araras vermelhas.

A RELVA VERDE

1º PASSISTA

CÁSSIO DIAS



CIDADE MARAVILHOSA COMBINA
COM ENCANTOS MIL, QUE
COMBINA COM SORRISO,
QUE COMBINA COM
DESCONTRAÇÃO, QUE
COMBINA COM CARIOCA,
QUE COMBINA COM ITAIPAVA:
A CERVEJA SEM COMPARAÇÃO.

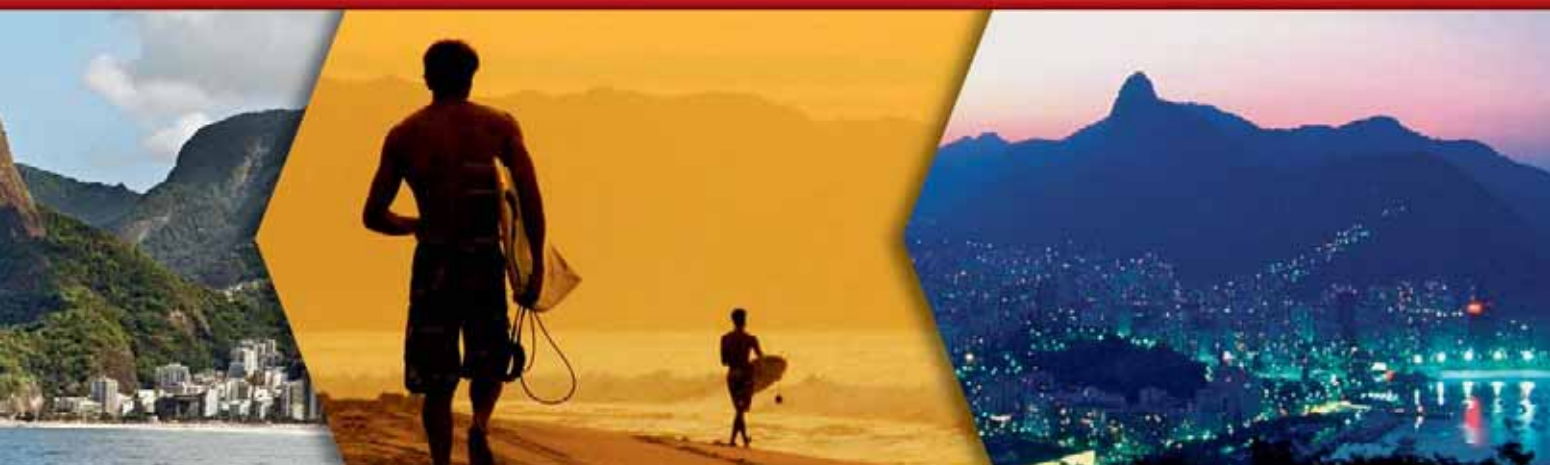
— ITAIPAVA —
A CERVEJA
— sem comparação —

Tem coisas que combinam perfeitamente. Produzida com água de excelente qualidade e ingredientes importados e selecionados, Itaipava é uma cerveja única. Por isso, ela combina com o que existe de melhor. Itaipava. A cerveja sem comparação. Combina com tudo. Principalmente com você.

www.cervejaitaipava.com.br



SE FOR DIRIGIR, NÃO BEBA.



BRINDEMOS AGORA O EU POSSO DANÇAR COM VOCÊ AMOR E A VIDA

ALA: CORTANDO O CÉU

NÚMERO DE COMPONENTES: 50

Em meio à luxuosidade do show "Emoções em Alto Mar", os garçons, até então simples funcionários que trabalhavam em restaurantes ou bares servindo comida e bebida aos clientes, transformam-se agora em coadjuvantes de um requintado espetáculo dedicado à celebração do amor e da vida. Suas gorjetas mais valiosas são os sorrisos, a felicidade do público e a voz do Rei Roberto Carlos.

ALA: A DANÇA DOS COLIBRIS

PRESIDENTE: ALESSANDRA OLIVEIRA

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

Ao som das canções de Roberto Carlos, as dependências de um navio transatlântico transformam-se em

um grandioso baile. As denominadas danças de salão, praticadas socialmente como forma de entretenimento, integração social e até mesmo competitivamente como esporte, passam a ser um motivo a mais para a aproximação entre os casais que assistem ao show do Rei em alto mar.



O VELHO HOMEM DO MAR

ALA: AMIGOS DO REI

PRESIDENTE: PRESIDÊNCIA

NÚMERO DE COMPONENTES: 120

O marinheiro, também chamado de velho lobo do mar, é a pessoa que opera embarcações ou assiste à sua operação, manutenção ou serviço. O termo aplica-se aos profissionais das marinhas de comércio e pesca, aos militares das marinhas de guerra e aos profissionais e amadores certificados da náutica de recreio. Mas durante o cruzeiro musical comandado por Roberto Carlos, são verdadeiros contra-regras, responsáveis pelo perfeito andamento do espetáculo.

PELAS ONDAS DA CANÇÃO

ALA: ESPECTRO DE MATIZES

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

É impressionante como as pautas e as notas musicais são traduzidas em envolventes ondas sonoras na voz do Rei; parecem estar em perfeita sintonia com as ondas do mar. O ballet de espumas brancas que se forma quando as águas ora se elevam, ora se cavam na superfície agitada do mar, apresenta-se ao som das canções de Roberto Carlos, e emoldura o casco do pomposo navio.



03

SECTOR

O GERMINAR DA FLOR DO BEM

ALA: DIAMANTES ALADOS

PRESIDENTE: HUMBERTO MARTINS & ADILSON PEDRO

NÚMERO DE COMPONENTES: 80

As rosas brancas são as nossas senhoras, as senhoras nilopolitanas, Marias, as mães baianas do samba, que com o seu axé, trazem proteção espiritual ao G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis. Assim como as rosas brancas, elas representam a pureza, a unidade, a humildade, a bondade e a dignidade.

O AMOR DECIDINDO A VIDA

ALA: OURO NEGRO

PRESIDENTE: CÁTIA CRISTINA SANT'ANA

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

A tonalidade cor-de-rosa clara, luminosa e brilhante é geralmente associada ao amor fraterno. Imagine todas as pessoas vivendo a vida em paz, uma irmandade de homens e mulheres; todas as pessoas compartilhando o mundo todo. Devemos crer na paz do futuro e no amor decidindo a vida.

MENSAGEIROS DA TRANSFORMAÇÃO

ALA: VÔO ESPLÊNDIDO

PRESIDENTE: PAULO HENRIQUE

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

Em diversas canções Roberto Carlos nos propõe a pararmos de andar correndo por aí sem direção e seguir por uma estrada que ainda não passamos. A acreditar que daqui pra frente tudo vai ser diferente, que vamos aprender a ser gente! Tudo nesse mundo pode se modificar, podemos transformar tanta coisa aparentemente impossível. Portanto, inspirados pela suavidade da cor lilás, associada a transformação, sejamos todos mensageiros dessas mudanças.

SOB O MANTO SAGRADO DE TODAS AS MARIAS

ALA: MAMÃE BEIJA-FLOR - DAMAS

PRESIDENTE: FRANCINETE & ROSÂNGELA

NÚMERO DE COMPONENTES: 100

De todas as Marias vêm as bênçãos lá do céu. Sob os vossos mantos sagrados, somos todos vossos filhos! Neste carnaval, o nosso samba-enredo soa como uma oração, um poema, cheio de emoção.



UM BATALHÃO DE PAZ

ALA: ASAS INVISÍVEIS

PRESIDENTE: IARA MARIANO

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

A música "A Guerra dos Meninos", escrita por Roberto Carlos e Erasmo, em 1978, explicitava o anseio de que o mundo se unisse em prol de um mesmo ideal: a paz entre todos os irmãos aqui na Terra. A Beija-Flor só não quer cantar sozinha. Quando isto acontecer, o ar se encherá de amor, o canto de paz ecoará pelos campos, subirá às montanhas, chegará ao universo e, então, será ouvido lá no alto, por Deus.

OS ANJOS QUE EU CONHECI

ALA: ENERGIA AZUL E BRANCA

PRESIDENTE: AROLDO CARLOS

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

Na canção "Traumas", composta pelo Rei e Erasmo Carlos, em 1971, Roberto Carlos afirma ter conhecido um anjo durante um delírio febril. Em meio a essa incessante busca pela paz, todos nós podemos reencontrar os anjos de nossa infância, e pedir à eles que segurem em nossas mãos, elevem os nossos pensamentos em oração e que suas luzes nos mostrem a direção a ser seguida.

OLHO PRO CÉU E SINTO CRESCER A FÉ

ALA: DOCE FLORESCÊNCIA - BAIANINHA

PRESIDENTE: AROLDO CARLOS

NÚMERO DE COMPONENTES: 80

Nas músicas cantadas por Roberto Carlos em exaltação à força da fé, aprendemos que aceitar a vontade de Deus é o maior bem da vida. A fé nos faz otimistas demais, e olhando a flor que nasce no chão daquele que têm amor, podemos olhar para o céu e sentir crescer a fé no único Salvador; naquele que é o caminho, a verdade e a vida!

UM MILHÃO DE AMIGOS

ALA: VELHA GUARDA

PRESIDENTE: DÉBORA ROSA

NÚMERO DE COMPONENTES: 70

Formada por antigos integrantes do G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis, a Velha Guarda é composta pelos baluartes do samba, a nata nilopolitana, a própria memória da Beija-Flor, que encerra o desfile convidando um milhão de amigos a cantar bem mais forte o hino da Deusa da Passarela para o carnaval 2011.



CAC *Rio*

CONFEÇÃO E ESTAMPARIA
EM SUBLIMAÇÃO



FORNECEDOR OFICIAL

Tels.: (21) 7838-0102 - 3335-0766 - ID 46*22503
andre.camisas@uol.com.br

A SERVIÇO DA ARTE

RICARDO DA FONSECA

A história do Desfile das Escolas de Samba é marcada por importantes momentos de transformações estéticas e artísticas que fizeram desse espetáculo popular uma das principais atrações da atualidade.

Em nenhum lugar do mundo encontraremos um evento de tanta magnitude e explosão artística, estética e cultural.

Resultado de um profundo processo de profissionalização, muitos desses momentos de transformação foram concebidos e promovidos pela agremiação de Nilópolis.

Basta lembrar a revolução estética que protagonizou - e que mudou toda uma visão de desfile de Carnaval - quando levou para a avenida o enredo "sonhar com rei dá leão", e conquistou o título de campeã do Carnaval de 1986.

Outras modificações conceituais foram apresentadas na avenida pela agremiação, entre elas a movimentação do casal de mestre-sala e porta-bandeira para o início do desfile, afastando-se da posição tradicional - junto à bateria.

Foi também a Beija-Flor de Nilópolis que investiu na produção de desfiles onde o luxo caminhava com a originalidade e a alegria.



Rogério Santinni

Em tudo o que realiza, esse carioca de 38 anos coloca a eficiência como palavra-chave. Dedicado profissional, Rogério acredita que "quando estamos determinados a realizar alguma coisa, precisamos identificar quais são os instrumentos que nos podem levar a alcançar esses objetivos. Não existe magia na realização das coisas. Se não estudarmos, se não buscarmos conhecer e entender os caminhos que nos levam ao lugar que queremos ir, desperdiçaremos energia em vão. Por isso insisto na importância dos nossos designers - autodidatas ou não - para que não parem de se aprimorar. Seja através de cursos, workshops, viagens culturais, enfim, que se mexam, que se movimentem na direção da realização."

Atualmente, o grande desafio da agremiação nilopolitana é manter o nível e a qualidade do desfile que leva para a avenida, apresentando um espetáculo bonito, criativo, empolgante e inovador, que cativa e conquiste a atenção e a preferência do público, da imprensa e dos jurados.

Para isso, a agremiação nilopolitana oferece aos seus destaques e casais de mestre-sala e portabandeira fantasias de qualidade, beleza e resistência, produzidas por um time de designers de moda de primeira linha.

A revista Beija-Flor de Nilópolis se reuniu com esses artistas da moda para levar a você, leitor, um pouco daquilo que pensam sobre assuntos relacionados ao mundo da moda e do Carnaval.

Revista Beija-Flor de Nilópolis - Como vocês veem a moda e a necessidade de mudanças dentro de um desfile, especialmente para levar à avenida novidades que possam impressionar o público e os jurados?

Henrique Filho - Quando falamos em moda, não podemos deixar de pensar nos grandes desfiles de moda nacionais e internacionais, das grandes grifes. O que é apresentado nesses grandes eventos são as tendências de uma estação. No carnaval, No Carnaval, acho que podemos fazer uma relação semelhante. Se os designers de moda mais qualificados que trabalham com o Carnaval ficarem atentos, poderão identificar desafios ergonômicos que terão solução com a utilização de novas tecnologias, novos desenhos, novos elementos ou materiais. Essas soluções, se forem eficientes, acabarão se tornando tendências e serão seguidas, aos poucos, por outros designers na avenida. Lembro que nos carnavais do passado as ombreiras usadas pelas destaques e rainhas de baterias eram bastante desconfortáveis e limitavam muito os movimentos do braço. Era praticamente impossível a destaque levantar os braços por causa das ombreiras duras e de material pouco flexível. Um dia, depois de observar essa e outras questões, comecei a estudar alternativas para essa dificuldade. Até que um dia criei ombreiras mais leves e que permitiram a destaque - no caso a Luma de Oliveira -, realizar todos os movimentos de braço que desejasse. No carnaval seguinte, minha solução estética e funcional foi utilizada por praticamente todas as destaques, o que de certa maneira deu um novo impulso ao visual dos desfiles.



Henrique Filho

Esse paranaense de 56 anos é o preferido das estrelas, como Adriane Galisteu, Xuxa, Luma de Oliveira, Waléria Walensa (a Globeleza), Luana Piovanni e Claudia Raia. "Comecei desenvolvendo fantasias de destaque para os amigos desfilarem nas escolas de samba do Rio de Janeiro. Um dia, seguindo os conselhos de um amigo, vim conhecer o Carnaval do Rio de Janeiro. Me apaixonei! Na Beija-Flor, iniciei em Agotime, após ser chamado pelo Anizio para solucionar o desafio proposto pela comissão de frente, que era transformar a rainha africana em pantera negra. A partir do resultado de Agotime, o Anizio me chamou para fazer a comissão de frente da agremiação. Hoje, no entanto, só trabalho na criação de produção da roupa da Fabíola"



João Calheiros

Nascido em Niterói há 46 anos, João Calheiros acredita que na sua profissão não basta apenas ser criativo. "Criar é fundamental no nosso trabalho, mas é preciso que não deixemos de lado a organização e a capacidade de articulação. Afinal, estar conectado às diversas possibilidades que o mercado oferece significa ter mais alternativas para trabalhar nas fantasias. São tecidos e outros adereços que podem ser descobertos nessa nossa rede de contato", afirma.

Penso, então, que devemos estar atentos, porque algumas inovações são resultado da busca de soluções estéticas e ergonômicas. Outras, no entanto, ocorrerão quando desejarmos modernizar, criar e embelezar ainda mais esse grande espetáculo.

Revista Beija-Flor de Nilópolis - Como vocês avaliam a questão da estética do Carnaval, e especialmente a questão das fantasias? Qual o papel delas na apresentação da Beija-Flor de Nilópolis?

Zeito - A estética no Carnaval é tudo (risos). Não basta um bom enredo e um samba-enredo contagiante. Se a escola não impressionar pela beleza plástica, pela forma como seus componentes se apresentam na avenida, todo o resto perde força. A qualidade de um desfile está na harmonia de diversos elementos, dentre eles o que trata da estética das coisas. Dos carros alegóricos, da fantasia dos componentes... Não se pode descuidar de nenhum desses itens.

No nosso caso, como ficamos com a responsabilidade de produzir algumas das mais importantes fantasias, as que muitas vezes contam pontos para a agremiação, o trabalho é redobrado. No meu ateliê, costumamos as fantasias e todos os seus adereços à mão. Nada sai daqui sem que seja avaliado por um criterioso e rígido controle de qualidade. Sei que é assim também nos ateliês mais renomados, como o do Henrique e do Rogério. De minha parte, sempre que faço as fantasias para os destaques ou para os casais de mestre-sala e porta-bandeira, analiso cuidadosamente, olhando bem de pertinho cada detalhe, como se os jurados fossem estar ali, na avenida, ao lado do componente. Mas aprendi com o Joãozinho Trinta a também trabalhar com a perspectiva do distanciamento das fantasias. O que faço, então, é também olhar as fantasias de longe, com o olhar distanciado dos jurados.

João Calheiros - Acompanho os desfiles de carnaval desde meus nove anos, quando ia com meu pai assistir os desfiles. Daquela época para os dias atuais é nítido que a produção e o acabamento das fantasias podem decidir um campeonato. Nesse sentido, a Beija-Flor realmente inovou quando fez um desfile valorizando o luxo, a beleza e a qualidade das suas fantasias e dos seus carros alegóricos.

E a força da sua comunidade na avenida, bem vestida, bem tratada, sempre tem um efeito arrebatador. A escola cresce. Por isso que ano a ano ela está na briga pelo título. Por isso ela é o que é hoje.

Mas é importante frisar que esse componente que vai para a avenida gritar bem alto o amor à Beija-Flor está confiante na vitória porque sente na pele - literalmente - que a sua agremiação não poupou esforços para oferecer a ele uma fantasia de qualidade.

É por isso que digo que, se a alma da escola é a integração dos seus componentes, o corpo dessa alma é essa fantasia feita com carinho, com respeito, com qualidade. Ambos caminham - ou melhor - desfilam juntos.

Revista Beija-Flor de Nilópolis - Apesar do valor que vocês dão à estética e ao cuidado na confecção das fantasias, podemos afirmar que não é uma unanimidade no meio do Carnaval. Vocês concordam?

Rogério Santinni - O meio do Carnaval ainda convive com segmentos não tão profissionais. Mas isso é natural. É assim em todas as profissões e meios de trabalho. Você sempre encontrará desequilíbrios. Não podemos esperar que todos avancem e atinjam os mesmos níveis a um só tempo.

Sou professor no SENAI/CETIQT e observo que essa visão mais amadurecida do que é arte e qualidade, dos conceitos de estética e profissionalismo faz parte de um processo de crescimento individual. Não podemos desmerecer o profissional que ainda não despertou para a necessidade de investir na qualidade do seu trabalho. É um processo em evolução.

Apesar disso, é evidente que a cada ano, ao observarem que os profissionais que se destacam são aqueles que possuem uma filosofia profissional de trabalho e que prestigiam a qualidade extrema, esse indivíduo vai despertar para a necessidade dessas mudanças através da profissionalização.

Considero, no entanto, que a cada ano os dirigentes das escolas de samba estão buscando solucionar esses desafios, investindo em cursos de capacitação para oferecer ao público um desfile com mais beleza e qualidade nessas sutilezas, tão relevantes para o Carnaval.



Zezito Ávilla

Cearense, 49 anos, considera que "a confecção das roupas e fantasias para o carnaval é um ato quase que religioso. Me concentro e me entrego emocionalmente no que estou fazendo. É um trabalho artesanal, onde cada detalhe é feito com muito cuidado e carinho, em respeito ao componente, a agremiação, ao público e ao espetáculo. As fantasias que confeccionamos, com a qualidade que a produzimos, é inegavelmente uma obra de arte."



A FORÇA DA COMUNIDADE

HAROLDO COSTA

Os detratores dos desfiles da escola de samba – e existem muitos – costumam proparar que as escolas de samba hoje em dia são todas iguais. Que se prestigia o espetáculo em detrimento dos componentes, e que as baterias estão mais preocupadas em inventar firulas do que sustentar o vigor do samba e da dança.

Como diz na gíria: tudo papo furado.

A vitalidade das escolas de samba e, por consequência, do desfile das escolas reside exatamente na constante revitalização que acontece.

Só não vê quem não quer.

O que essas pessoas não percebem é que tudo muda, a cidade, as pessoas, o modo de se observar o que se passa ao redor e a quantidade de informações que chega para todos e de todas as formas.

É isso que determina a mutação incontrolável da nossa maior festa e do seu momento maior.

Não há fórmulas estabelecidas ou não teríamos as surpresas que a cada ano nos são apresentadas.

Aí está, acredito, o fator que torna imprevisível e excitante os desfiles das escolas de samba. As características básicas de cada uma permanecem mas, cada uma a seu modo, trata de surpreender o público e a comissão julgadora.

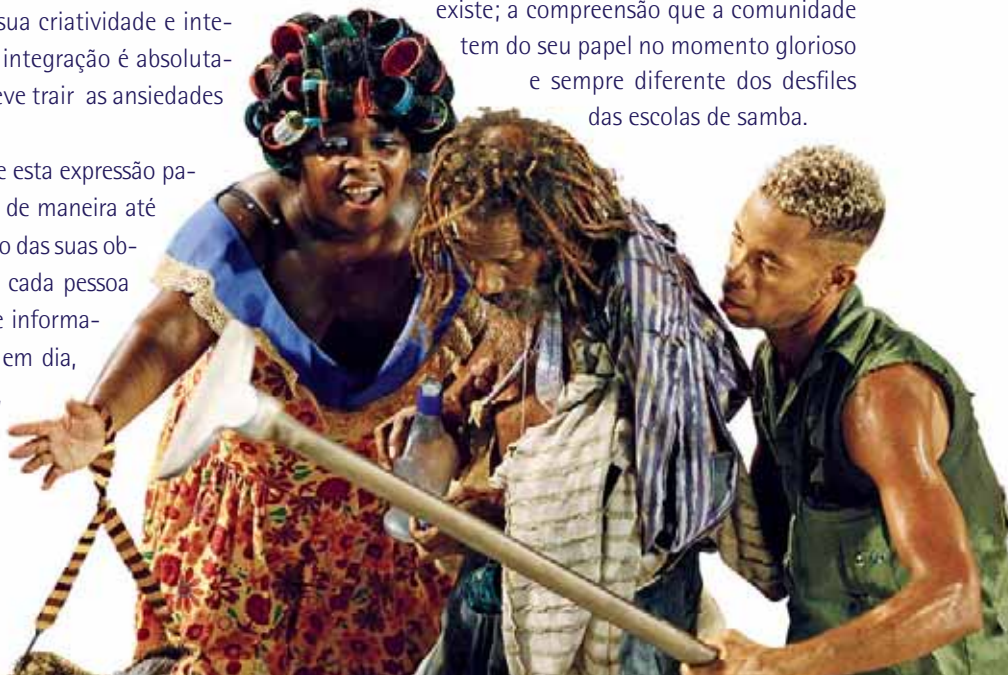
Com o passar do tempo, os enredos vêm adquirindo uma linguagem especial no que diz respeito ao desenvolvimento. É aí que o carnavalesco revela sua criatividade e integração com o todo da escola. Essa integração é absolutamente necessária, porque não se deve trair as ansiedades dos componentes.

A visão estética da escola, ainda que esta expressão pareça sofisticada e pedante, existe, e de maneira até contundente. Esta visão é o resultado das suas observações e do processamento que cada pessoa ou grupo costumam dar à carga de informações que todo mundo recebe hoje em dia, seja pela televisão, internet, twitter, iPod ou outras ferramentas que estão à disposição de qualquer um, não importa onde resida.

Portanto, o carnavalesco tem que estar atento a esta realidade, que se torna sua também à medida que ele convive com as bases, e passa a adotar este olhar que faz a diferença. E esta é a força da comunidade. Que não é um coletivo ou ajuntamento de pessoas que moram numa mesma região, mas sim a expressão de uma forma solidária às vezes imposta pelas circunstâncias, mas que depois ganha uma poderosa significação e personalidade próprias.

É isto que se observa na Beija-Flor. É uma escola que reflete a sua comunidade e dela recebe toda a seiva que faz, de cada desfile, uma ato de paixão, de entrega e amor total. Assistir a um ensaio na quadra é viver momentos de inesquecível beleza. O empenho com que os vários setores se dedicam é no mínimo comovente. Ali está a base do samba, a crença no seu poder e na sua importância como elemento transformador. Não há como ficar indiferente à batida da bateria que, por horas a fio, mantém o ritmo sem alteração e com uma pontuação rígida e permanente. As alas fluem e refluem como onda em maré cheia. É visível o orgulho que eles sentem e transmitem. Não há idade nem sexo, todos estão lá como que exercendo uma missão especial, única, onde cada um tem uma parte a cumprir.

É a força da comunidade, base da existência e do sucesso da Beija-Flor. Ganhar é uma contingência, o desfile é uma competição, e devem existir ganhadores e perdedores. Mas isso não afeta o principal, sem o qual nenhuma escola existe; a compreensão que a comunidade tem do seu papel no momento glorioso e sempre diferente dos desfiles das escolas de samba.





Seu carro pode ter muitos sonhos.
Pelo menos um deles a gente realiza.

Combustíveis Petrobras. O sonho de consumo de todo carro.



UM FUTURO PRESENTE

CLAUDIA FLORÊNCIO

No Brasil muito se discute a respeito de justiça social. Como promovê-la? Como atingir toda a população, e principalmente a parte menos favorecida?

Para a grande maioria dos sociólogos, pedagogos e intelectuais, a resposta está na educação, porque é nela que se desenvolve uma nação. Somente através do conhecimento um país cresce, se desenvolve e promove a verdadeira justiça social e a cidadania plena.

Muitos são os desafios das políticas educacionais no Brasil. Sabe-se que desde as nossas raízes históricas, a população mais carente tem pouco acesso à educação de qualidade, boa alimentação e saúde. É um trabalho muito grande a ser feito e os resultados só aparecem quando este trabalho começa nos primeiros anos de vida. A educação infantil tem um papel social importante no desenvolvimento humano e social e se configura como uma das áreas educacionais que mais retribui à sociedade os recursos nela investidos.

Em contrapartida a um quadro de abandono e poucos investimentos, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis promove projetos sociais com crianças e jovens da baixada fluminense através da Creche Julia Abrão David, do Educandário Abrão David, do Centro de Atendimento Comunitário Nelson Abrão David (CAC), e de projetos variados na área dos esportes, com aulas de jiu-jitsu, futebol, handebol e natação, e na área da cultura e das artes, com aulas de balé clássico, dança popular, bailados de carnaval (mestre-sala, porta-bandeira e passista) e bateria para crianças e jovens.

Tive um enorme prazer em conhecer o trabalho sério e cuidadoso desenvolvido pelo Grêmio Recreativo Beija-Flor de Nilópolis, que muda e transforma o destino de milhares de crianças e promove um futuro com maiores possibilidades. Isso sem contar com a tranquilidade que os pais podem usufruir e ir para seu trabalho com a certeza de que

A REAL FUTURE

The question of social justice is often discussed in Brazil. How can it be promoted, to improve the lot of the less fortunate members of the population?

For the great majority of sociologists, educators and intellectuals the answer is education, seen as the key to developing a nation. Only through knowledge can a country grow, develop and provide true social justice and full exercise of citizenship.

There are many challenges facing Brazilian education. Equal access to a good education, as well as to adequate nutrition and health care, has historically been denied to those on the lower rungs of society. The challenges to correct this situation are many, and efforts must start in the first years of life. Early childhood education plays a crucial role in the development of human and social capital and is one of the areas where the returns to the investments made by society are the greatest.

To help correct this situation of neglect and underinvestment, the carnival association, or “samba school”, Beija-Flor of Nilópolis (officially named Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis) promotes social projects to help children and youths in the Baixada Fluminense region of the state of Rio de Janeiro through the Julia Abrão David Daycare Center, the Abrão David School, the Nelson Abrão David Community Center and various projects in the area of sports (jiu-jitsu, soccer, handball and swimming) as well as culture and the arts (ballet, popular dance and carnival activities) aimed at children and youths.

I had the opportunity to learn more about the important work done by Beija-Flor of Nilópolis to transform the lives of thousands of young people by giving them a chance for a brighter future. This is without mentioning the peace of mind their parents enjoy while at work, knowing their kids are receiving an excellent education in a caring environment, as all children need and deserve.

I felt honored to be received by Maria de Lourdes Goulart, the director of the daycare center and school since their founding. She movingly told me some stories about her former students who she has seen become doctors, lawyers, teachers and military officers. I was impressed with the polite way I was received by the students, from the youngest to the oldest, and could see that this behavior is the result of the work



seus filhos recebem uma educação de qualidade e que são tratados com todo cuidado e carinho, como uma criança merece e precisa.

Senti orgulho quando fui recebida por Maria de Lourdes Goulart, diretora da creche e do educandário desde a fundação que, muito emocionada, contou algumas histórias de alunos que por ali passaram e hoje são médicos, advogados, professores e militares. Posso dizer que fiquei surpreendida pela forma educada que fui recebida pelos alunos, dos menores aos mais velhos, e pude constatar que é o resultado do trabalho da diretora e dos funcionários que todos os dias se dedicam a cuidar das crianças como se fossem seus verdadeiros filhos.

CRECHE JÚLIA ABRÃO DAVID

A creche foi inaugurada em 1978 numa casa na Rua Joana Gonçalves, centro de Nilópolis, especialmente para receber 70 menores que ficavam nas ruas ou em casa sozinhos enquanto seus pais trabalhavam. Não existia na baixada fluminense uma obra assim e por isso a procura foi grande. Com a compra de um terreno de 2.490 m² na Rua Mário Valadares, em 1982, o projeto pode ser ampliado, e hoje atende 284 crianças na faixa etária de dois aos seis anos, gratuitamente e em regime de semi-internato. A seleção é feita baseada na renda familiar, que não pode ultrapassar três salários mínimos. Se a mãe está desempregada, a direção da creche ajuda na procura do emprego nas indústrias e no comércio da região.

O dia por lá começa cedo, às 07h30min, quando as crianças chegam.

Meia hora depois, já devidamente com as roupas trocadas e limpas, vão tomar o café da manhã especialmente preparado pelas nutricionistas com pães, biscoitos, leite e vitaminas. Os menores de quatro anos vão brincar e os maiores vão direto para as salas de aula.

Depois do banho, chega a hora do almoço, rico em proteínas, com legumes frescos e pouca gordura, sempre com a preocupação de atender às necessidades nutricionais dos pequenos, totalizando quatro refeições diárias.

No dormitório, com berços, camas macias e lençóis limpos e cheirosos, as crianças dormem para repor a energia para as atividades na parte da tarde, e ao acordar recebem um lanche. Antes de irem para suas casas todos tomam mais um banho e jantam.

A creche também recebe alunos de municípios vizinhos como São João de Meriti, Queimados, Duque de Caxias e Belford Roxo, que são distribuídos conforme a idade: Berçário (seis meses aos três anos), Jardim I (três aos quatro anos) e Jardim II (quatro aos seis anos). Na creche as

of the director and staff, who dedicate themselves daily to caring for the kids as they would their own sons and daughters.

JÚLIA ABRÃO DAVID DAYCARE CENTER

The daycare center was opened in 1978 in a house on Joana Gonçalves Street in downtown Nilópolis, to look after 70 children whose alternative was to stay in the streets or at home unattended while their parents were working. There was no similar project in the Baixada Fluminense region and for this reason demand was strong. The center was expanded in 1982 with the purchase of a property measuring 2,490m² on Mário Valadares Street. Today it serves 284 children between two and six years old, at no cost, providing care virtually from dawn to dusk. The children are chosen based on family income, which cannot be more than three times the minimum monthly wage. If the mother loses her job, the staff help her find new work through contacts with local industries and commercial establishments.

The day starts early, at 7:30, when the kids start arriving.

A half hour later, with their clothes changed and faces and hands washed, it's time for breakfast, prepared according to the recommendation of a nutritionist, consisting of rolls, crackers, milk and fruit smoothies. The kids younger than four then go to play while the older ones go to the classrooms.

Before lunch the kids have a bath. The high-protein and low-fat lunch consists of a varied combination of meat, rice, beans and fresh vegetables, chosen to meet the nutritional needs of young children.

After lunch it's nap time, in cribs and beds with clean and fresh-smelling sheets, to let the kids recharge their batteries for the afternoon activities. When they wake up they can have a snack, and before going home they have another bath and a light supper.

Besides Nilópolis, the center also receives kids from the nearby cities of São João de Meriti, Queimados, Duque de Caxias and Belford Roxo. The children are divided by age into three groups: Crèche (six months to three years old), Nursery School I (three and four years old) and Nursery School II (four to six years old). The daycare center also provides medical and dental care, always looking out for the total welfare and full development of its young charges. The main building has a nursery room, classroom, activity room, bedrooms, kitchen, play yard and green area, to provide plenty of

crianças ainda recebem assistência médica e odontológica, sempre visando o total bem-estar dos alunos e um desenvolvimento pleno.

A sede possui berçário, sala de aula, sala de atividade, sala de vídeo, dormitórios, cozinha industrial, pátio e uma área verde. Proporciona, assim, conforto, espaço e infraestrutura para o desenvolvimento das crianças, que são estimuladas através de atividades lúdicas a exercitar as capacidades motoras e iniciar o processo de alfabetização.

As crianças crescem ... e depois dos seis anos, o que fazer com elas para garantir a continuidade da educação?

Para Maria de Lourdes Goulart, diretora da creche desde a fundação, era um sofrimento preparar as crianças de seis anos para ir para outra escola: "Todos aqui na creche tem alimentação adequada, assistência médica e odontológica, disciplina e muito carinho. Era triste me desligar delas, e sempre chorava muito. Ganhei quatro salas e pude atender mais crianças, mas ainda faltava, porque quando elas saíam da quarta série iam para outros colégios que não tinham a mesma estrutura que oferecemos. O Anizio, que sempre acompanhou de perto o que acontecia na Creche, decidiu então abrir o educandário para dar continuidade à educação de qualidade que as crianças necessitam", conclui Maria de Lourdes.

Assim, a Beija-Flor de Nilópolis, atendendo mais uma vez a necessidade das crianças da região e chamando para si a responsabilidade de continuar a ajudá-las, funda o Educandário Abrão David. No total, 18 mil pessoas já foram beneficiadas pela creche e educandário.

EDUCANDÁRIO ABRÃO DAVID

Fundado em 19 de fevereiro de 1987, visando dar continuidade ao trabalho iniciado na Creche Júlia Abrão David, o Educandário Abrão David atende hoje 1.130 crianças. Os alunos do 1º ao 9º ano do ensino regular têm aulas de inglês, educação física, aula de informática, história da arte e artesanato com pintura de materiais reciclados, conscientizando os pequenos da importância da preservação do meio ambiente.

Quando completa seis anos de idade, a criança que sai da creche é automaticamente matriculada no educandário, onde continua a receber os mesmos benefícios, como quatro refeições diárias, tratamento odontológico e assistência médica.

Desde o primeiro momento, o Educandário, como é carinhosamente conhecido na região, surpreendeu pelo seu projeto moderno e grandiosidade, e já se diferenciava no cenário da educação. Com uma estrutura própria de 875 m², conta hoje com 13 salas de aula, laboratórios de ciên-

space and infrastructure for the comfort and development of the kids, who are stimulated through fun and educational activities to exercise their motor skills and also start learning to read and write.

But the question soon arose of how to continue the good work after the kids were older than six.

For Maria de Lourdes Goulart, director of the center since its founding, it was hard to see the kids leave for other schools after having prepared them with such high standards: "Everyone here receives good food, medical and dental care, discipline and lots of love. It was sad to see them leave and I always cried a lot. I managed to get four more classrooms and we could serve more kids, but still after finishing fourth grade they had to go to other schools that didn't have the same structure we offered. So Anizio, who always closely followed what happened at the center, decided to open a school to continue the high-quality education the children need."

Thus, once again Beija-Flor of Nilópolis met the needs of the region's kids by founding the Abrão David School. To date over 18 thousand children have benefited from the daycare center and school.

ABRÃO DAVID SCHOOL

Founded on February 19, 1987 to continue the work started by the Júlia Abrão David Daycare Center, the Abrão David School today serves 1,130 children, from the first through ninth grade. Besides the core subjects, the students have classes in English, physical education, computers, art history, painting and handcrafts with recycled material, to heighten their awareness of environmental preservation.

When they turn seven, the kids leaving the daycare center have enrollment guaranteed in the school, where they continue to receive the same benefits, with three meals and a snack daily and medical and dental assistance.

Since the outset, the school has been ahead of its time and has stood out as a center of excellence. With floor space of 875 m², today it has 13 classrooms, a science lab and computer room, lunchroom with capacity of 120 people, library, kitchen and administrative facilities.

The school's curriculum is based on the main pedagogic concepts for success: a holistic vision, selection of subjects aimed at continuing to higher education, nurturing of a deep understanding instead of rote memorization, and encouragement of self-development. Besides this, the students learn patriotism by singing

cias e informática, refeitório com 120 lugares, biblioteca, cozinha industrial e dependências administrativas.

O projeto educacional do Educandário está calcado no resgate dos principais conceitos pedagógicos de sucesso: visão holística, seleção de conteúdos voltados para continuidade de uma vida acadêmica, encorajamento da compreensão profunda e consolidada dos conteúdos - ao invés da aprendizagem de memorização - e incentivo ao autodesenvolvimento. Além disso, os estudantes aprendem noções de civismo, como cantar o Hino Nacional e ter postura de respeito ao país. Nas datas comemorativas, como o Dia da Independência e o Dia do Soldado, os alunos fazem pesquisas para conhecer a história do país e despertar desde cedo a noção de cidadania. O objetivo é consolidar uma educação de qualidade que vai muito além dos muros da escola, é preparar as crianças e jovens para os desafios da vida adulta e oferecer condições para que o aluno consiga sempre evoluir visando à inclusão social das crianças e suas famílias.

CENTRO DE ATENDIMENTO COMUNITÁRIO NELSON ABRÃO DAVID

Todo trabalho desenvolvido pela creche e pelo educandário precisa dar frutos. Os jovens, a partir dos 16 anos, precisam estar preparados para enfrentar um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e o "fantasma" do desemprego. Hoje em dia é difícil arrumar um bom emprego, e com a falta de experiência dos jovens fica mais difícil ainda. Torná-los devidamente capacitados como mão-de-obra especializada pode mudar o destino da maioria deles e abrir um leque de novas possibilidades e um futuro mais promissor. A Beija-Flor de Nilópolis, mais uma vez para atender a necessidade dos jovens da baixada fluminense (não só para os oriundos da creche e do educandário), e minimizar as dificuldades e desafios que eles irão enfrentar nos primeiros anos da vida adulta, funda o Centro de Atendimento Comunitário Nelson Abrão David (CAC).

Inaugurado em 03 de agosto de 1991, o CAC promove cursos gratuitos para qualificação profissional que, além do conteúdo teórico, também oferece aos estudantes aulas práticas para que possam ganhar experiência e mais conhecimento em suas funções.

Antigamente o curso profissionalizante tinha apenas a função de preencher uma lacuna existente na hora de confeccionar um currículo. Porém, nos dias de hoje, a situação é diferente. O mundo competitivo e globalizado em que vivemos nos fazem encontrar muitas informações e mudanças constantes, o que torna a concorrência profissional muito grande.

Os cursos profissionalizantes servem para promover uma maior igualdade entre as classes sociais, e faz com que muitos jovens tenham um futuro promissor.



the national anthem and instruction in civics. For commemorative days, such as Independence Day and Soldiers Day, the students carry out special research projects to learn more about the country's history and instill notions of good citizenship and respect for their country from a young age. The objective is to consolidate an excellent education that goes beyond the school walls, to prepare young people for life's many challenges and enable them to evolve, aiming at the social inclusion of the kids and their families.



O CAC funciona na antiga quadra da Beija-Flor, que desde a inauguração da atual estava ociosa. A ideia era aproveitar o espaço e tirar os adolescentes das ruas, da ociosidade, e pior ainda, do risco da marginalização.

Para Aroldo Costa da Silva, coordenador do CAC e responsável pela sua administração, o centro é um porto seguro para qualificação profissional em diversas áreas. "Aqui ministramos cursos de telemarketing, espanhol, inglês, informática, marceneiro, esteticista, modelo e manequim, atendimento ao cliente, técnica de vendas, cabeleireiro,

NELSON ABRÃO DAVID COMMUNITY CENTER

All the work done by the daycare center and school can't just stop there. Young people when they reach 16 need to start preparing to face an increasingly competitive job market. Today it's tough to get a good job, and for the young and inexperienced it's even harder. Providing specialized training can change the future of these people on the cusp of adulthood, by opening a new range of possibilities. The leaders of



estilismo, fotografia, turismo, auxiliar de creche, acompanhamento de idosos, decoração artística para bolos, doces finos para festas, salgados, tricô e crochê e corte e costura. No setor industrial o CAC oferece refrigeração, elétrica residencial, marcenaria, hidráulica, conserto de eletrodomésticos e mecânica de motocicletas. Além disso, temos cursos de artesanato, fantasias e adereços, atividades esportivas como karatê, capoeira, ginástica para terceira idade, dança de salão, aerodança e dança do ventre. Para a comunidade prestamos serviços como orientação jurídica, orientação nutricional, clínica médica, psicologia, pediatria, angiologia, odontologia e laboratório", conclui Aroldo. Para participar em um dos cursos oferecidos pelo CAC é necessário passar por um processo de seleção. Os adolescentes precisam ser maiores de 16 anos e comprovarem

Beija-Flor of Nilópolis once again decided to contribute to the needs of young people in the Baixada Fluminense region, by preparing them to face the challenges of their first years of adult life, through the Nelson Abrão David Community Center.

Opened on August 3, 1991, the community center offers free professional education courses. Besides theoretical classes, the students participate in practical classes to allow them to gain hands-on experience of various professions.

Originally the idea was just to provide some basic technical training in certain areas to improve the students' résumés. But the situation is different now. The competitive globalized world economy requires comprehensive knowledge and the ability to face constant change, to be able to compete in an ever more demanding job market.

The professional courses serve to promote greater equality among social classes and give the students the tools to unlock the door to a more promising future.

The community center operates at the site what formerly served as Beija-Flor's carnival practice area. With the opening of the new rehearsal grounds, the old area became idle. The idea then arose to use the

space for a training facility, to provide teens with an alternative to hanging out in the streets and possibly succumbing to bad influences.

According to Aroldo Costa da Silva, the center's coordinator, it provides a safe haven to learn the skills necessary for a wide variety of professions. "Here we give classes in telemarketing, Spanish, English, informatics, cabinet making, cosmetics, modeling, customer service, sales, hairdressing, fashion, photography, tourism, childcare, care for the elderly, catering, knitting, crochet and sewing. In the industrial sector, the center offers classes in refrigeration, residential electrical systems, carpentry, plumbing, appliance repair and motorcycle repair. Besides this, we have classes in handcrafts, cos-

estar matriculados e cursando a rede pública de ensino, além de serem residentes na baixada fluminense. Cada aluno pode fazer um curso por vez, mas como o objetivo é formar uma mão-de-obra cada vez mais qualificada, ao terminar um o aluno pode se matricular em outro curso. Muitos dos cursos são realizados segundo as demandas da população que procura o centro e expressa suas necessidades de acordo com as exigências do mercado de trabalho. A partir daí, liderados por Aroldo, uma equipe busca parcerias para a realização dos cursos mais solicitados. Todos os cursos são ministrados por professores altamente qualificados e muitos deles são realizados em parcerias com empresas e instituições. Um deles é a parceria do CAC com o SENAC para a realização de cursos de qualificação comercial, e com o SENAI, nos cursos voltados para a área industrial. Dar possibilidade de aprender uma profissão e ganhar o seu próprio sustento impede que muitos se tornem dependentes da ajuda governamental e possam avançar por seus próprios meios. É o velho conceito de "ensinar a pescar além de dar o peixe". Proporcionar à população mais carente a chance de aprender uma profissão é a chave para o desenvolvimento de uma nação, reduzindo a miséria e ao mesmo tempo elevando a condição social das famílias e de seus membros. Iniciativas como as promovidas pela Beija-Flor de Nilópolis devem ser vistas como uma oportunidade de ouro capaz de libertar milhares de brasileiros do ciclo vicioso da estagnação social. Também devem ser pensadas como um fator de diminuição das disparidades de renda e sociais que tanto envergonham o nosso país.

PROJETO "O SONHO DE UM BEIJA-FLORES"

O projeto "O Sonho de um Beija-Flor" é um projeto de inserção social e educativa realizado pela Beija-Flor de Nilópolis voltado para as crianças e os jovens fluminenses, que recebem aulas de esportes e artes, como jiu-jítsu, natação, futebol, capoeira, balé, bateria, passista, mestre-sala e porta-bandeira mirim.

Inaugurado em 2005 em uma área de 2.000 m², o projeto atende hoje a dois mil alunos do município de Nilópolis e cidades vizinhas, na faixa etária de seis a 16 anos.

O objetivo é mais do que aprender a respeitar o adversário ou ter confiança nos colegas do time, mas principalmente despertar o potencial que cada aluno guarda dentro de si. É notório entre os especialistas que a prática esportiva é um instrumento educacional que faz com que jovens desenvolvam capacidades técnicas, sociais e comunicativas essenciais para o desenvolvimento individual e social.

tume making and sports activities like karate, capoeira, exercise for the elderly, ballroom dancing, aerobic dancing and belly dancing. We also provide services to the community in nutritional guidance, medicine, psychology, legal advice, pediatrics, angiology, dentistry and laboratory tests," he concludes.

To participate in one of the classes offered by the community center, it is necessary to pass through a selection process. Adolescents must be older than 16 and prove they are enrolled in a public school, besides residing in the Baixada Fluminense region. Each student can only take one course at a time, but since the objective is to provide the skills to face an increasingly competitive job market requiring multiple skills, after finishing one class the student can sign up for another.

Many of the subjects taught are in response to the needs expressed by the community, according to the demands of the job market. When a new need is identified, Aroldo and his team seek partnerships with local businesses to help with the course.

All the courses are taught by highly qualified instructors and many of them are given in partnership with companies and institutions. Two of these partners are SENAC (National Commercial Training Service) and SENAI (National Industrial Training Service).

Giving young people a chance to learn a profession and earn a decent living prevents many of them from relying on government assistance, allowing them to advance by their own efforts. It's the old concept of teaching people to fish rather than giving them fish. Providing the neediest parts of the population a chance to learn a profession is a key to the development of the nation as whole, by reducing misery and raising the social condition of families.

Initiatives like these promoted by Beija-Flor of Nilópolis are a golden opportunity to free thousands of Brazilians from the vicious cycle of social stagnation. They are also a factor to diminish the socioeconomic disparities that embarrassingly still plague our country.

THE "HUMMINGBIRD'S DREAM" PROJECT ("O SONHO DO BEIJA-FLORES")

The "Hummingbird's Dream" project of Beija-Flor of Nilópolis provides classes for children and teenagers in sports and the arts, such as jiu-jítsu, swimming, soccer and ballet, along with a program for junior carnival pace dancers, standard bearers and masters of ceremonies.

JIU-JITSU

Desde 2006, na quadra de esportes da Beija-Flor, são ministradas aulas de jiu-jitsu pelo faixa preta Elan Santiago que, entre outros trabalhos, comandou equipes nos EUA e na Coreia. "As aulas são para alunos de 06 até 17 anos da região que comprovem estar estudando e são realizadas em dois turnos para se adequar ao horário escolar de cada um. Em razão do desempenho que nossos alunos estão tendo na sala de aula, todo ano nós os inscrevemos em diversos campeonatos de jiu-jitsu aqui no Rio de Janeiro e em outras cidades do Brasil. E eles têm sempre demonstrado um enorme espírito esportivo aliado a uma grande explosão dentro do tatame. Por isso, é comum que a equipe Beija-Flor de jiu-jitsu sempre saia com um título nessas competições.", comenta Elan.

Started in 2005 in an area of 2,000 m2, today the project serves two thousand students from Nilópolis and neighboring cities, from six to sixteen years old. The objective of the sports classes is more than just to learn to respect the adversary and have confidence on one's teammates. The main thrust is to unleash the potential within each student. It is well known among educators that practicing sports is an educational instrument that also helps young people develop technical, social and communication skills, essential for individual development and social adjustment.



Fomos apurar as declarações do professor Elan e pudemos constatar que, de todas as modalidades oferecidas pelo projeto, o jiu-jitsu é a que mais tem rendido medalhas e títulos, num total de mais de 150 medalhas, entre ouro, prata e bronze. Não que a conquista de medalhas e títulos seja o principal objetivo do trabalho. Obviamente que não. Segundo o prof. Elan Santiago, "São diversos os objetivos da escolinha de jiu-jitsu: Além de ensinar um esporte de reconhecimento mundial, que pode vir a se tornar a profissão de alguns, estamos aqui preparando homens para interagir na sociedade. Homens mais equilibrados, capazes de discernir melhor as coisas para que possam ser eficientes 'tomadores de decisão'. Estamos aqui para ensinar a esses jovens e crianças o valor da coragem e da disciplina para alcançarem seus objetivos na vida. Estar aqui para esses meninos e meninas é, sem sombra de dúvida, uma oportunidade de escreverem as suas próprias histórias de

JIU-JITSU

Since 2006, jiu-jitsu classes have been given at the Beija-Flor sports court by black belt Elan Santiago, who among other jobs has led teams in the United States and Korea. "The classes are open to students from the regions from six to seventeen years old who are making regular progress in school. There are two daily sessions depending on their school schedules. Because of the students' good performance in the classes, each year we sign up for various jiu-jitsu tournaments here in the Rio de Janeiro metropolitan area and in other cities in Brazil. They always show a great spirit of sportsmanship and determination on the tatame. For this reason it's common for Beija-Flor's jiu-jitsu team to emerge with a title in these competitions," comments Elan.

This is no exaggeration by Élan Santiago. Of all the sports offered by the project, jiu-jitsu has produced

um modo bem diferente de seus antepassados, uma vez que muitos deles não puderam alcançar voos mais altos em razão dos limites que impuseram a si mesmos", conclui.

BALÉ

Há 10 anos, a professora Ghislaine Cavalcanti, coreógrafa profissional, comanda o "aprendendo com o balé", que inclui aulas de balé clássico, jazz e sapateado. Formada pela Escola de Dança do Teatro Municipal em 1973, trabalhou na Walt Disney Company e passou seis anos na Europa, na Companhia de Balé da Espanha. Quando voltou ao Brasil, Ghislaine começou a trabalhar na comissão de frente da Beija-Flor de Nilópolis, e com o amplo apoio do Anizio e do Laila inovou na Comissão de Frente da agremiação, apre-

the most titles and medals: a total of over 150 gold, silver and bronze ones. But winning titles and medals isn't the project's main goal. According to Élan, "the jiu-jitsu program has various objectives. Besides teaching a sport that is practiced all over the world, which might even become a profession for some, here we're preparing people to interact better with society. More level-headed people are able to size up situations better and become more efficient decision-makers. We're here to teach these young people the value of courage and discipline to enable them to reach their goals in life. We're here to give these boys and girls an opportunity to forge their own futures, to surpass what their parents may have achieved, to



sentando revolucionárias performances, como a levada ao público em Agotime.

Envolvida nas atividades da agremiação, não demorou para Ghislaine identificar uma importante carência na região: Apesar de todas terem o "samba no pé", boa parte das famílias da região não possuíam essa visão mais profissional da arte da dança.

Foi então que Ghislaine resolveu montar um projeto social relacionado à dança e o apresentou ao Anizio, que foi instantaneamente aceito pelo presidente de honra da agremiação.

Para testar a receptividade da comunidade, começou com um trabalho de dança que teve a duração de quatro meses. E o trabalho não parou mais.

Segundo a coreógrafa, "A dança tem um papel social muito importante. Além de auxiliar no desenvolvimento da sensibilidade e da percepção auditiva, visual e emocional,

learn not to place limits on their own development as individuals," he concludes.

DANCE

For the past ten years, Ghislaine Cavalcanti, a professional choreographer, has headed the "Learning with Dance" program, which provides classes in ballet, jazz and tap dancing. A graduate in 1973 of the Dance School of the Rio de Janeiro Municipal Theater, she previously worked for the Walt Disney Company and spent six years in Europe with the Spanish Ballet Company. On her return to Brazil, Ghislaine started working with the lead dancers (comissão de frente) of Beija-Flor, and with the full support of Anizio and Laila, she introduced innovations that revolutionized their performances, such as during the 2001 carnival, with the theme "Agotime".



Through her involvement with the community, she soon identified an important insufficiency in the region: although everybody has “samba in their feet”, many families in the region did not have an idea of the professional opportunities in the world of dance. So she resolved to set up a social project related to dance and presented her idea to Anízio. Beija-Flor’s president of honor immediately

saw the potential and agreed to the sponsorship. To test the community’s receptiveness, the work started with a four-month pilot project, and there’s been no looking back since. According to Ghislaine, “dance has an important social role. Besides helping to develop sensitivity and auditory, visual and emotional perception, dance strengthens this wonderful temple that is our body. Our children grow up healthier, develop their motor skills and become better prepared for life. Besides this, our classes instill a new perception of things, of music, of art...The kids develop another vision of the world, much more mature than before. Association with these aspects makes them better people, more able to achieve their objectives in life. This is without mentioning that change in goals themselves – now more mature – is one of the great benefits we identify daily in our students. Dance is without doubt a form of self-development,” she says. The groups are formed of up to 25 students, from four to seventeen years old, whose families don’t have the means to afford paid classes. Demand is great and there’s usually a waiting list.

a dança desenvolve esse templo maravilhoso que é o nosso corpo. Nossas crianças crescem saudáveis, desenvolvem suas habilidades motoras e, assim, se tornam mais preparadas para a vida. Além disso, as nossas aulas despertam nas crianças e nos jovens uma nova percepção das coisas, da música, da arte... Elas desenvolvem uma outra visão de mundo, muito mais madura do que a que tinham. A associação de todos esses componentes faz delas pessoas melhores, mais capacitadas a conquistar seus objetivos na vida. Isso sem falar que a própria modificação de objetivos – agora mais maduros – é um dos grandes benefícios que diariamente identificamos em nossos alunos. A dança é, sem nenhuma dúvida, uma forma de desenvolvimento do ser”, conclui a professora.

Os grupos são formados por 25 alunos no máximo, com crianças de 04 a 17 anos e que não podem pagar uma academia. A procura é grande e as convocações são feitas por uma lista de espera, de acordo com o surgimento de novas vagas.

PASSISTA, MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA MIRIM

A Beija-Flor é carnaval, alegria, samba no pé e competência no que se refere a cruzar a avenida e encantar o público. A escola sempre valoriza componentes da comunidade dando mais ‘energia’ e brilho aos desfiles. Para despertar o amor pela escola e ensinar aos pequenos a arte e magia do carnaval, a Beija-Flor oferece cursos de passista, mestre-sala e porta-bandeira mirim para crianças de 05 até 14 anos de idade.

JUNIOR PACE DANCER, MASTER OF CEREMONIES AND STANDARD BEARER PROGRAM

Of course, Beija-Flor is a synonym for carnival and samba, bringing joy to spectators on the parade avenue with the breathtaking skill and beauty of its dancers, musicians and float riders. Three essential ingredients of any carnival parade are the pace dancers,

Os cursos de mestre-sala e porta-bandeira são coordenados por dois ícones do carnaval carioca, Claudinho e Selminha Sorriso. São eles que ensinam para as crianças, a partir de três anos de idade, a arte e os passos de uma das figuras mais importantes do carnaval. Afinal de contas é de responsabilidade do casal de mestre-sala e porta-bandeira cruzar a avenida carregando a bandeira da escola e encantar o jurado e o público, que sempre esperam com grande expectativa pela passagem do casal. O objetivo é formar novos talentos e construir desde já futuros componentes de uma escola de samba que cuida do presente pensando sempre no futuro.

master of ceremonies and his consort the standard bearer. Beija-Flor has always valued the contribution of community members in lending more energy and brilliance to the parades. To instill love for the school and teach youngsters the art and magic of carnival, Beija-Flor offers a program for junior pace dancers, masters of ceremonies and standard bearers, open to kids from five to fourteen years old.

The course for master of ceremonies and standard bearer are coordinated by two icons of Carioca (Rio) carnival, Claudinho and Selminha Sorriso. They teach kids starting at three years of age the art and steps of two of the most important figures of carnival. After all, the master of ceremonies and standard bearer dance down the avenue carrying the samba school's banner, and are a major focus of the judges and the spectators, who always eagerly await the passage of the "royal couple". The goal of the junior program is to develop new talents and assure future components of the Beija-Flor, which always acts today thinking of the future.

COPA AMÉRICA DE JIU-JITSU

A competição Copa América, idealizada e organizada pelo faixa preta, professor de educação física, campeão e mestre em Jiu-Jitsu Raphael Abi-Rihan, acontece anualmente no América Futebol Clube, no Rio de Janeiro. Cerca de 1.000 participantes, da categoria pré-mirim até supersênior, suam seus quimonos numa competição que vem se consolidando com uma das mais importantes do país e conta com a participação de atletas de diversos países.

O apoio da Beija-Flor de Nilópolis, especialmente de seu patrono, Anizio Abrão David, que acompanha pessoalmente as competições, permite que a garotada que treina o ano todo com o professor Elan Santiago, num dos projetos esportivos patrocinados pela escola com crianças da baixada fluminense, participe da competição. Os resultados são positivos. A equipe da Beija-Flor já ficou em primeiro lugar na colocação geral. "A realização da Copa América é um sucesso. O evento já está no

nível dos grandes torneios oficiais" avalia Raphael. Raphael Abi-Rihan começou no Jiu-Jitsu aos sete anos de idade e sabe da importância da prática esportiva do Jiu-Jitsu, que tem como filosofia a "não violência", para a garotada que cresce aprendendo a respeitar os adversários e ter disciplina para alcançar os resultados que desejam.



Abi-Rihan, Anizio e Raphael.

MENSAGEM A NELSON ABRÃO DAVID

HIRAM ARAÚJO

Quando, em 25 de dezembro de 1948, dia de Natal, um grupo de sambistas que brincavam nas ruas de Nilópolis se reuniu na casa de Milton de Oliveira, o negão da cuíca, e fundou o Bloco Carnavalesco Beija-Flor, poucos perceberam a importância da data do acontecimento.

A data, que aparentemente se opunha a uma ocorrência carnavalesca, foi intuitivamente percebida por D. Eulália de Oliveira, mãe de Milton, como precursora de bons ventos, porque em determinada ocasião ouviu de um professor seu parente o seguinte conselho: "Guarda sempre o 25 de dezembro como uma data propícia para inaugurar alguma coisa, pois os Persas comemoravam nesse dia Mitra, o deus-sol, muito respeitado pelos povos antigos e que a Igreja Católica inteligentemente fixou como o dia do nascimento de Cristo.

Vou me explicar melhor. No antigo rito de Mitra surgem duas figuras semelhantes: Cautes e Cautopates, a primeira com uma tocha acesa para cima, e a outra com a tocha apagada e virada para baixo. Uma estimulando a vida, a outra a morte.

A formação de duplas ou gêmeos simboliza a dialética, o movimento sempre presente rumo ao futuro, integrando as partes, no sentido do aperfeiçoamento.

A primeira integração da dupla, conseqüente à fundação da Beija-Flor, surgiu quando Marlene, filha de José Rodrigues Senna, conheceu e se casou com Nelson Abrão David. José Rodrigues Silva, homem sério, integrante da Marinha, com grande experiência administrativa, assumiu a presidência da Escola de Nilópolis, e Marlene, sua filha, ao se integrar à escola, como passista e depois porta-bandeira,



No momento que estamos falando de Nelson Abrão David, contei essa história preliminar para enfatizar que os acontecimentos quando surgem de valores mitológicos predominantes nos contos de fadas e narrativas fantásticas se encadeiam para a formação de simbologias fortes, como no caso da Beija-Flor de Nilópolis, Nilópolis: o das duplas e gêmeos.

se uniu matrimonialmente a Nelson Abrão David, filho de D. Júlia e do Sr. Abrão, que a exemplo de seus pais tinha um forte relacionamento com a comunidade de Nilópolis. Nelson frequentava a Escola, por isso conheceu Marlene, mas não tinha envolvimento administrativo com a Beija-Flor.

Um dia Nelson falou a Marlene: "Vou me candidatar à presidência da Escola."

Marlene, embora contente, preveniu ao marido: "você é uma pessoa bondosa, mas não tem experiência administrativa, o meio é cheio de armadilhas, junte-se a pessoas como o Cabana e vai dar tudo certo."

Logo Nelsinho teve como seu principal assessor e conselheiro Cabana, e tocou os trabalhos.

Chamou o irmão Anizio e formaram a dupla administrativa da Escola.

Corria o ano de 1972. Através do jornalista Aroldo Bonifácio, trouxe o Prof. Manuel Antônio Barroso, e a Beija-Flor, que desfilaria no Grupo II, foi vice-campeã com o enredo "Educação para o Desenvolvimento".

Com Rosa Magalhães como carnavalesca, fez uma trilogia de carnavais com temas correspondentes: Educação para o Desenvolvimento, Brasil Ano 200 e o Grande Decênio, conseguindo se manter entre as Escolas de Samba do Grupo Principal.

A dupla Nelson e Anizio iniciaram, concomitantemente, um trabalho social na comunidade de Nilópolis, estabelecendo a união da Escola de Samba Beija-Flor e do município de Nilópolis, logo incorporando o nome Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis.

Eu tive o privilégio de me aproximar de Nelsinho, como carinhosamente o chamávamos, através de Amaury Jório que, inclusive para regularizar a situação da Escola de Samba de Nilópolis, colocou como sendo sua sede a casa que morava em Ramos.

Um dia o Amaury Jório me disse: "O Nelsinho e o Anizio querem se encontrar com você e o Mazinho, pois pretendem fazer uma homenagem ao Natal, recém-falecido, falando do jogo do bicho no enredo Sonhar com Rei dá Leão."

E lá fomos nós cinco para uma churrasceria em São Cristóvão, quando acertamos a iniciativa e vimos emergir, a



partir daquele momento, sob o signo dos gêmeos, a grande arrancada da Beija-Flor de Nilópolis rumo ao sucesso.

Pouco antes de morrer, Nelsinho, com seu irmão Anizio, para aproveitar o espaço da antiga quadra da Beija-Flor, inaugurou o

Centro de Atendimento Comunitário – CAC, no dia 3 de agosto de 1991, dando formação profissionalizante para diversas áreas de serviço: refrigeração, artesanato, eletricista, marceneiro, fotografia, esteticista, dança de salão, karatê, capoeira, nutrição, etc.

No dia 17 de setembro de 1991, quando ainda passava pelo quarto estágio do calendário gregoriano que diz: "aos 50, eu sabia quais eram os preceitos do céu", em plena maturidade, as Parcas cortaram o fio de vida de Nelsinho.

Nelson Abrão David está vivo no Centro de Atendimento Comunitário que leva o seu nome.



FAMÍLIA ABRÃO DAVID/ SESSIM

QUANDO A POLÍTICA IMPULSIONA O PROGRESSO

HILTON ABI-RIHAN

O Brasil é reconhecidamente um país jovem em termos de conquistas políticas e democráticas.

Não há como negar que a construção de um estado de bem-estar social pleno é um longo processo, onde erros e acertos são ingredientes do cimento dessa construção.

Muitas cidades do país ainda não foram capazes de oferecer representantes públicos da altura das suas necessidades e demandas sociais, e por essa razão avançam em direção ao progresso econômico e social a passos lentos.

É esse um dos principais desafios da sociedade moderna.

O município de Nilópolis, berço da agremiação líder do carnaval carioca, tem buscado encarar de frente esse desafio, construindo uma história diferente.

Município que alcançou os maiores índices de desenvolvimento e progresso na baixada fluminense, diversas são as razões que fazem de Nilópolis uma força política na região, capaz de oferecer aos seus moradores e às empresas que lá estão sediadas uma cidade próspera e com um alto índice de qualidade.

Dentre essas razões, uma que não pode ser desconsiderada é a união, a força e o comprometimento de muitos políticos com a sua comunidade que, nascidos nilopolitamos, permanecem leais à sua cidade e a seu povo, buscando nas suas esferas de atuação levar recursos, melhorias, progresso e qualidade de vida à população e à região.

É o caso dos políticos da família Abrão David e Sessim: Simão Sessim, deputado federal, Sérgio Sessim, prefeito de Nilópolis, Ricardo Abrão, deputado estadual, Abraãozinho, vereador de Nilópolis e Farid Abrão, ex-deputado estadual e ex-prefeito de Nilópolis, que trabalham com empenho e afinco para transformar a cidade que recebeu seus ancestrais libaneses em um lugar melhor para morar, viver e ser feliz.

Farid Abrão, Abraãozinho, Ricardo Abrão, Simão Sessim, Sérgio Sessim e Marcelo Sessim.



SÉRGIO SESSIM

PREFEITO DE NILÓPOLIS
CLAUDIA FLORÊNCIO

O engenheiro e atual prefeito Sérgio Sessim nasceu em Nilópolis no dia 15 de março de 1963. Casado com D. Sônia e pai de três filhos, Sérgio, Saulo e da caçula Sofia, Sérgio teve sua primeira experiência como candidato em 2008, sendo eleito com quase 43% dos votos válidos.

Criado numa família com tradição política, Sérgio acredita que a democracia no Brasil privilegiou, num primeiro momento, pessoas que falavam muito e pouco faziam, mas percebe que hoje a política está se solidificando, se modernizando, e que a sociedade está mais atenta, cobrança mais atitude dos seus líderes. Sua família sempre teve um compromisso com a cidade, realizando, lutando e amando Nilópolis.

A cidade, berço da Escola de Samba Beija-Flor, tem um dos melhores índices de qualidade de vida do Estado do Rio de Janeiro, e se tornou atrativa inclusive com o aumento da população.

Tudo isso está diretamente ligado às famílias Abrão David e Sessim, que têm amor pela cidade.

Segundo Sérgio, seus avôs, que vieram do Líbano, escolheram Nilópolis para viver e formar sua família. Quando o avó faleceu todos foram criados pela tia, D. Júlia, mãe de Anizio, que formou uma família unida.

Desde o princípio transmitiram o amor pela cidade.

Sessim David e o Abrão David, tios de Sérgio, se casaram no Líbano e quando vieram para o Brasil passaram dificuldades juntos. Foram eles que ajudaram a construir o primeiro hospital da cidade. E a família continua fazendo muito pela cidade. Um dos projetos grandiosos que serão realizados no seu governo será a construção de um enorme Complexo Cultural que terá atrações diversas para a população de Nilópolis.

EM QUALIDADE E PREÇO, O CARIOCA JÁ ESCOLHEU

Acessórios para churrasco
Bebidas
Biscoitos e petiscos
Carnes, peixes e salgados
Congelados
Doces
Pães e bolos
Frios e laticínios
Hortifruti
Material de Limpeza
Perfumaria e Higiene
Produtos animais
Utilidades do lar

**PRODUTOS SELECIONADOS
E FRESQUINHOS PARA
ATENDER MELHOR
VOCÊ E A SUA FAMÍLIA**

Venha conferir nossos preços e serviços

Horário de atendimento
Segunda à Sábado de 6:30h às 22:00h
Domingos e Feriados de 7:00h às 22:00h

PORTOFINO

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 673 - Copacabana
Telefone: (21) 2236-5045

Televendas: 4002-3639

O MISTÉRIO DAS ESCOLAS DE SAMBA

FELIPE FERREIRA

Um mistério parece rondar os primeiros anos das escolas de samba no Rio de Janeiro, além da famosa discussão sobre a origem de seu nome. Como explicar o fato de que um regulamento "oficial" tornando obrigatória a ala de baianas e proibindo a participação de instrumento de sopro na bateria tenha sido elaborado e reconhecido pelas próprias escolas apenas um ano após o primeiro concurso divulgado oficialmente (aquele organizado em 1932 pelo jornal Mundo Sportivo que reuniu os grupos recém-formados)? Qual o sentido de se regulamentar algo que nem bem tinha nascido? O que haveria por trás deste verdadeiro, e aparentemente inocente, paradoxo? A possível resposta a essas questões pode estar no próprio surgimento desses grupos no final dos anos 20.

Diferentemente das brincadeiras carnavalescos populares, que formavam o chamado Pequeno Carnaval e enchiam as ruas do Rio de Janeiro desde finais do século XIX, as escolas de samba se organizaram com formato de desfile e nome específico num curto período de tempo. A confusão que misturava os grupos populares (por muitas décadas

chamados indistintamente de ranchos, blocos, cordões ou sociedades) e que persistiu até as primeiras décadas do século XX contrasta de forma marcante com o súbito aparecimento do termo "escola de samba" e a determinação regulamentada de sua organização e composição. Em suma, as escolas de samba parecem surgir de um processo "consciente" e de um sentimento de urgência bastante diferentes daqueles que organizaram lentamente as demais brincadeiras carnavalescas cariocas.

Estes processos e estes sentimentos são consequências de certo sentimento de desapontamento com o carnaval popular manifestado por parte da elite cultural do início do século XX. Procurando algum tipo de manifestação carnavalesca que fosse mais simples e popular que os ran-



chos – então acusados de apresentarem espetáculos em que predominavam o luxo e os enredos excessivamente complexos – alguns intelectuais passariam a se interessar pelos chamados blocos ou cordões. Estes grupos, entretanto, apesar de louvados por suas raízes profundamente populares e sua forte influência negra, carregavam consigo uma aura de violência e desregramento que impedia uma identificação total com os ideais carnavalescos então desejados.

A valorização e o reconhecimento de um novo ritmo tocado por grupos localizados nos morros em torno do centro e na então zona rural da cidade vai atrair a atenção da sociedade para o chamado "samba de morro" que, com forte influência do batuque e dos chamados "instrumentos selvagens" dos negros, iria se diferenciar do samba "maxixado" que começava a se espalhar pelos salões cariocas. São estes novos grupos de samba que irão responder aos anseios da elite cultural da capital brasileira estabelecendo-se como manifestações essencialmente populares, afastadas dos vícios da "espetacularização" dos ranchos e da violência sempre latente dos cordões e blocos.

A própria localização destes grupos iria ajudar em sua rápida aceitação e valorização pela sociedade, visto que, nas primeiras décadas do século XX, os morros, e as favelas neles localizadas, eram olhados como locais idílicos em sua simplicidade e pureza. Lugares onde "o cantar alegre de um viveiro" e a "sinfonia de pardais anunciando o anoitecer" coroavam a "ventura desta vida" resumidas na "cabrocha, o luar e o violão".

Aproveitando-se do súbito e intenso interesse da sociedade do asfalto, os grupos de samba de morro se organizaram, procurando responder à visão que esta cultivava em relação ao "popular". Valores como simplicidade, inocência, pureza, tradição e negritude eram características desejadas pela elite. Características estas que rapidamente impregnam e definem estes agrupamentos em formação. Ser reconhecido com um grupo "tradicional", que toca e canta um ritmo "verdadeiramente brasileiro", apegado a raízes negras e a expressões essenciais de nossas mais remotas origens, é um elemento primordial para a valorização e aceitação dessa nova forma de organização musical popular. Os convites para se apresentar em festas oficiais, para participar de espetáculos populares e, mais tarde, para gravar suas músicas são a grande recompensa desta negociação.

É dentro deste contexto que o jornal Mundo Sportivo decidiria organizar o primeiro concurso destes conjuntos musicais que já então são chamados de escolas de samba.

Ungidos pelos ideais da tradição e desejosos de ampliarem seu reconhecimento perante a população, estes grupos irão aceitar, e mesmo incentivar, uma regulamentação da disputa que chame a atenção para sua tradicionalidade. Em termos musicais, este apego às raízes do ritmo que os consagrou – o samba – se traduz no afastamento dos instrumentos "americanizados" representados, basicamente, por aqueles de sopro e pela valorização dos tambores "africanos". Em termos da organização dos grupos, a questão da tradição se expressa através da obrigatoriedade da presença dos grupos de baianas, já então verdadeiros símbolos da ancestralidade negra brasileira. A presença de uma regulamentação capaz de destacar os elementos da raiz popular desses grupos de samba marca não somente uma característica determinante, mas representa uma necessidade essencial para sua própria formação. É esta necessidade, reconhecida tanto pela intelectualidade institucionalizada quanto pelas próprias camadas populares envolvidas na produção popular, que está por trás do paradoxo identificado no início deste texto. A valorização da tradição nas escolas de samba faz parte de sua própria organização como grupos carnavalescos diferenciados e é produto de uma negociação entre os costumes assimilados e vivenciados por aqueles que produziam a cultura e a ideia de "povo" desejada e reconhecida por aqueles que a institucionalizam.

O próprio termo "escola de samba", de origem tão misteriosa, ressoa esta negociação. Se até hoje não se conseguiu esclarecer como e quando ele surgiu, a bela narrativa de Ismael Silva destaca a questão mais importante: o nome é produto, ele mesmo, de uma negociação, associando o sentido do termo "escola", reconhecido universalmente como espaço institucionalizado de organização e transmissão do saber, à palavra "samba", ritmo essencial, negro e popular, representativo das nossas "raízes" mais profundas. A genialidade do discurso fundador elaborado por mestre Ismael reside exatamente nesse jogo de cintura típico da cultura popular, assimilando as mais diversas influências, cedendo quando necessário, impondo quando possível e criando as maravilhas que nos identificam como cidade, país e cultura e que têm como grande exemplo as nossas escolas de samba.

Felipe Ferreira é professor do Instituto de Artes da Uerj, coordenador do Centro de Referência do Carnaval e Membro do Estandarte de Ouro de O Globo.

THE MYSTERY OF SAMBA SCHOOLS

FELIPE FERREIRA

A mystery appears from the first years of samba schools in Rio de Janeiro, besides the famous discussion about the origin of your name. How explain an official rule that force "ala das baianas" (the bahian row) and prohibit woodwind to the bateria (percussion unit)? It was elaborated and recognized by own samba schools just one year after the first competition publicized officially. (Organized in 1932 for sport world newspaper). What the sense in regulatory something new? What will exist behind of this true, and innocent paradox? The possible answer can be in groups belonged to the end of 20s.

Differently jokes in common carnival, that formed a small carnival and occupied Rio de Janeiro streets, since end of 21st century, the samba schools was organized as a parade format and with a specific name, in a small period of time. The confusion that involved common groups (for many decades called ranchs, blocs, cords or society) manifested a contrast with term "samba schools", your organization and composition. So, the samba schools appears from a conscious process and from a urgency feeling. So different of others jokes, because wasn't arranged in a slow process.

These process and feelings are consequence of disappointment feelings with common carnival manifested by a cultural elite from beginning of the 20st century. Looking for any kind of carnival manifestation, that was clearer and common than ranchs- accused to exposed show with splendor and difficult songs-. Some intellectual people will demonstrate interest for blocs or cords. These groups even with deep roots and strong black influence, had a violent aura and were disorderly. It impeded a real identification with carnival ideals.

The valorization and recognition of a new rhythm played by groups localized in hill around the centre and youth zone, will attract society attention for called "hill samba". It with strong influence from drumming and "savage instrument" from blacks, will be different than samba "maxixado". It starts to spread around the balroom in Rio de Janeiro. These new groups will answer to longing of cultural elite in brazilian capital. They introduce popular manifestations, distant to ranchs shows and violence, always constant in cords and blocs.

The localization of these groups will help in your acceptance and valorization by society, because in the first decades of the 20 st century, the hills and the slums were calm places with simplicity and purity. Places where "the

happy sing from aviary" and the "swallows symphony informing darken" finalize with "life adventure" and "the mullato, moonlight and guitar".

Samba groups answer the elite. Valuables like simplicity, innocence, purity, tradition was things desired by elite. These characteristics penetrate faster, defining the structure of these groups.

An essential element to valorization and acceptance this new musical organization is to be recognized as a traditional group, that play and sing a rhythm essentially brazilian. The recompenses are invitations for officials parties, folk shows, and after, for record your own musics.

Inside of this context the sportworld newspaper decide organize the first competition between these music groups, already called "samba schools". According the ideals of tradition, these groups will accept a ordinance in dispute, they encourage it to call attention a seriousness. This affection to rhythm roots that consecrated them-samba- was explained by the distance of american instruments. So, the woodwind and african drum win a upside. And about the group organization, is obligatory the presence of bahian row, a real ancestor symbol. The regulation that emphasize elements from popular root are a determination characteristic and represent a essential necessity to your own formation. It's necessity, very familiar to intellectual people and grassroots, is behind of paradox in beginning of this text.

The tradition valorization in samba schools make part of your organization as a carnival group and is a result between habits and folk ideas. These ideas, was desired and recognized by who institutionalized them.

The term "samba schools", from so mystery origin, disseminate this negotiation. If to this day, can't clarify how and when it emerged, the wonderful narrative by Ismael Silva, to foreground the most important question: The name result of a negotiation, associating the meaning of term "school", universally received as a space with organization and transmission of knowledge to word "samba". It's a essential rhythm, black and folk, representing our deep roots. The geniality of founder speech elaborated by master Ismael consist in to be flexible. The pop culture assimilate the different influences, conceded when is necessary, impose when is possible and create the wonders that identify us as a city, as a country and as a culture. An example is our samba schools. (versão: Leticia Frey)

Aria™

A MAIS NOVA ATRAÇÃO DE LAS VEGAS



www.arialasvegas.com

Representante
exclusivo no Brasil
Jorge Medeiros
Tel.:(21) 2496-6337

DEIXA FALAR

José Bonifácio de Oliveira Sobrinho - Boni

Deixa Falar é o nome da primeira escola de samba do Rio de Janeiro, fundada em 1928 e que mais tarde passou a ser a "Estácio de Sá". Não sei se Ismael Silva, um de seus criadores, optou pelo nome "Deixa Falar" para, logo de cara, definir que pouco se importava com a opinião dos tradicionalistas da época. Mas "Deixa Falar" sugere claramente que era essa a intenção. O fato é que a expressão

"DEIXA FALAR" é tão forte que ainda hoje é perfeita para retratar aqueles que ainda não perceberam a importância das escolas de samba, não somente como o maior espetáculo da terra, mas, acima de tudo do ponto de vista da cultura popular e de seus aspectos sociológicos.

O fenômeno escola de samba é tão grande e esmagadoramente real que incomodou e sempre incomodará aqueles que pouco ou nada conseguem realizar. O primeiro passo para entender a importância das escolas é perceber os múltiplos campos de atividade e relacionamento que envolvem essa realização.

As escolas nasceram como expressões de uma comunidade ou de um conjunto de comunidades. É a bandeira de um bairro ou de um conjunto de bairros. O amor pela escola bate forte como um surdo de primeira. E não adianta reclamar da invasão de artistas e alienígenas porque isso é pura bobagem. Eles são apenas a azeitona na empada e, às vezes nem isso. Quem participa mesmo é a comunidade. O primeiro desafio que o modelo enfrenta é juntar samba com representação visual. É compatibilizar uma narração feita por imagens concebidas pelo carnavalesco com a música nascida nas alas dos compositores dessas comunidades. É aí que se dá a fusão da mais autêntica cultura popular com a arte, a arquitetura, a engenharia, a logística e a disciplina. E sem que nada da emoção se perca. Não há enredo e samba-enredo que vá para a frente se a comunidade não "comprar" a ideia e se empenhar para levar a proposta para a Avenida. Isso é lindo. Essa emoção domina todos os componentes desde a chegada na concentração até o último participante deixar a dispersão. E fica. E resiste até a apuração. E, perdendo ou ganhando, a esperança de cada escola renasce para o próximo ano. E lá vão todos juntos trabalhar de novo. Novo enredo, novo samba, nova motivação.



Tudo e todos se juntam de novo: desenhistas, carpinteiros, ferreiros, costureiros, eletricitas, um sem números de "eiros" e "istas", mas todos artistas. Uma mistura de classes sociais e diferentes culturas unidas pela garra e pelo orgulho de fazer o melhor. A grande pergunta vem em seguida: Quanto custa tudo isso? A preciosa mão-de-obra que é empregada em larga escala nas escolas tem que ser remunerada. O espírito de corpo está presente, mas o nosso corpo físico precisa de comida. E os materiais? O valor é muitas vezes maior do que se possa imaginar. Ingressos, subsídios, direitos, todas as rendas somadas ficam muito abaixo do custo real. Aí vem os patronos. Muita gente os acusa de utilizar as comunidades e estabelecer uma relação com elas de poder e subserviência. Deixa Falar. Sou testemunha que essa relação não existe. Como em toda empresa, há uma hierarquia na escolas de samba. É claro que os patronos são beneficiados com o reconhecimento pela sua participação, mas todas as empresas e governos gastam fábulas para criar uma boa imagem. Não se pretende aqui criar uma idéia de mecenato, pois a competição e o prestígio são elementos

dessa equação. Mas, sem a organização trazida pelos patronos e sem os investimentos feitos por eles não existiriam escolas com a criatividade e a qualidade que existem hoje. Empregos seriam descartados, fornecedores teriam sua atividade financeira reduzida e comunidades deixariam de ser atendidas. Conheço em detalhes as realizações da Beija-Flor em Nilópolis, com o assistência médica, esportes, educação e apoio social. É um belo trabalho que colhe prestígio, mas nada é pedido em troca.

Indo além, é preciso registrar que as escolas de samba, isoladamente, não teriam como concentrar seus esforços e organizar um espetáculo dessa magnitude se não houvesse um planejamento e uma coordenação oficial da Liga das Escolas de Samba. Foi a LIESA que propiciou o profissionalismo que administra todo o talento daqueles que vivem para o carnaval, especialmente para as escolas de samba. Que continue como está, por amor, paixão e muita emoção. Está tudo dando absolutamente certo. Que se danem os detratores.

Deixa Falar.

Gabriel e Anizio David na Marquês de Sapucaí.



Baixada Fluminense

Celeiro de grandes sambistas

FLÁVIA COHEN

“COM A MINHA SOGRA EU NÃO QUERO GRAÇA,
A ELA TENHO MUITO RESPEITO,
ELA BEBE CACHAÇA ELA FUMA CHARUTO,
TEM BIGODE E CABELO NO PEITO.
NÃO SEI NÃO, MINHA SOGRA PARECE SAPATÃO,
NÃO SEI NÃO, MINHA SOGRA PARECE SAPATÃO”.

Poucos sabem que este divertido samba imortalizado na voz do grande sambista Bezerra da Silva foi escrito por três compositores da baixada fluminense: Miltinho, Tião Miranda e Roxinho. Assim como eles, a baixada possui muitos outros talentos não conhecidos pelo resto do estado e do país.

Em uma descontraída conversa com alguns desses compositores, que tem a baixada fluminense como seu lar, a revista Beija-Flor de Nilópolis foi conhecer o naipe de feras que não abrem mão de um bom samba... nem abrem mão do lugar onde vivem. Roxinho, Adezonilton, Pinga, Menilson e Caboré, além dos compositores de samba-enredo J. Veloso e Adilson Doutor jogaram conversa fora, contaram histórias, conversaram sério, relembrou suas trajetórias, entoaram suas composições e fizeram o que mais lhe dão prazer: sentar numa roda de amigos e falar sobre samba. Roxinho, batizado Alan Ferreira Cardoso, é o genro da famosa sogra “que parece sapatão”. Ele admite que se não fosse o Bezerra talvez esta música estaria até hoje guardada no fundo de uma gaveta. A história deste samba é tão engraçada quanto a letra, conta ele. “A minha sogra parecia mesmo sapatão, tinha um bigode, cabelo no peito e era brava pra caramba. O meu cumpadre, Tião Miranda,

falou: ‘Sua sogra é meio esquisita’. Aí quando eu fiquei noivo fiz esse samba para brincar lá na Escola de Samba Unidos de Santo Elias, e deu até briga porque eu não queria esse refrão, quem colocou foi o Miltinho. O Bezerra ouviu, gostou, gravou e foi um sucesso”, revela.

Roxinho diz que a música da sogra e outra famosa, Garrafada do Norte, também gravada por Bezerra, foram censuradas pelo regime militar. A letra de Garrafada fala “de uma erva proibida”, o que já era um motivo e tanto para a censura: “Se Deus criou a natureza e as belezas dessa vida, então, por que malandragem, essa erva é proibida? Tem gente que diz todo pró dessa erva é maneira e medicinal só o chá da raiz faz milagre, faz malandro pular sem haver carnaval. Ela inspira, ela alegre, ela acalma, ela deixa malandro de cuca legal, tem otário que perde a cabeça porque já tem parte com o espírito do mal”. Roxinho conta que fez esta música com os compositores Wilsinho Saravá e Édson Show em 1980.

Quem também teve 15 músicas regravadas pelo Bezerra da Silva foi o compositor Enedir Vieira Dantas, nacionalmente conhecido como Pinga, um sambista de respeito na baixada, vencedor em 1979 do samba “Da Lapinha ao Coreto, um folguedo popular”, considerado um dos melhores sambas-

enredos da história da escola Arrastão de Cascadura. Para ele, a roda de samba é um vício, uma cachaça. A inspiração, diz ele, vem do cotidiano, de uma conversa de bar com os amigos, tomando uma cerveja... mas os acontecimentos ligados às mulheres são sempre ricas fontes de criação para bons sambas, como este que Pinga escreveu chamado 'Tapa na cara': "na mesa que eu sentava você também pode sentar que eu não vou dizer que não, não vou não... e se quiser beber pode pedir que vou pagar com a maior satisfação. E apesar dos pesares o que passou já passou, minha vida continua, esqueci o desamor. A cicatriz da ferida pouco a pouco se apagou e o que você fez comigo pertence ao passado e pra mim já passou".

Até briga de marido e mulher pode dar em samba, literalmente. Tudo começou assim na vida do compositor Adelzoniton. Ele escreveu o primeiro samba depois de uma briga com a esposa, ou como

diz ele a "dona encrenca". Comprou uma bebida, daí veio a inspiração e dela saiu a letra do samba "Pode acreditar em mim". E, mais uma vez, o Bezerra foi padrinho de um compositor de talento que surgia. "Tive um encontro com o falecido Moacir Bombeiro e agradeço muito a ele por ter me apresentado ao Bezerra da Silva, nessa época ele estava morando em Cascadura. Fomos pra casa do Édson Show, cantei esta música e não parei mais", relembra.

Para esses compositores, Bezerra foi o principal sambista que estava na mídia e não deixou a baixada sem atenção. Roxinho conta que, em homenagem ao amigo, escreveu: "Artisticamente falando, Bezerra da Silva da cobra criada descobriu um punhado de bamba escondido no morro favela e baixada. O samba não tem fronteira, levanta a poeira porque é raiz. Tempo da realidade retrata a cultura do nosso país. É por isso que na nossa baixada a rapaziada tem essa visão, que a mídia fabrica o sucesso vendendo pro povo uma má impressão".

Na conversa, os compositores foram unânimes: sambistas que não esquecem a baixada, como Dicro, Nequinho da Beija-Flor, Jairo Braúlio, Sérgio Fonseca, grupo 100%, Cabana, Serginho Meriti, Ary do Cavaco, terão sempre o respeito da rapaziada "porque alcançaram o sucesso e não negaram suas origens, nem deixaram de passar parte da vida deles aqui na baixada", comenta Adelzonilton Barbosa da Silva.



Compositores da baixada fluminense durante entrevista .

Para Veloso, a grande dificuldade enfrentada pelos compositores da baixada é que a maioria dos artistas de nome que estão hoje no circuito comercial não vieram da baixada, e por isso não tem ligação com a região, o que dificulta o apoio e a promoção desses craques da música: "Nenhum dos grandes artistas que estão aí na mídia gravando é da baixada fluminense, então eles não têm interesse de olhar para cá. Temos aqui compositores com músicas que se gravassem fariam sucesso. Na verdade somos deixados de lado pela própria mídia", protesta.

No entanto, ele tem esperança que esse quadro possa mudar se houver mais iniciativas, como fez a Secretaria de Cultura de Nova Iguaçu na virada deste ano ao convidar sambistas da baixada para cantar ao lado de artistas consagrados. "Se acontecer isso com as secretarias de outros municípios é uma maneira de ter visibilidade. Mas a mídia em geral coloca a baixada como se fosse o resto. Aqui tem uma rádio em Nova Iguaçu que não é ouvida fora daqui. Hoje, para os nossos

artistas ficarem conhecidos eles precisam tocar e cantar na Lapa, na cidade do Rio de Janeiro”, observa Veloso.

Roxinho conta que a Ala de Compositores da escola vai lançar o segundo CD daqui a alguns meses, mas nem conta com a repercussão dos meios de comunicação, devido à dificuldade que encontram para que suas músicas toquem no rádio. “Será um CD de excelente qualidade, com músicas muito boas. A gente grava pra dar continuidade ao nosso trabalho e para valorizar a escola, mas sabemos que não temos acesso à grande mídia”, lamenta.

O compositor Menilson, nascido Antonio Menilson Bezerra, que já pulou muitos carnavais desde 1970 quando ganhou o primeiro samba-enredo pelo bloco de carnaval Passo do Ganso, diz que mesmo encontrando dificuldade em gravar suas músicas não consegue parar de compor, de ficar fora do mundo do samba. “No ano que você não está fazendo samba, essa parada te corrói e você em casa lembra do boteco, da cerveja, do bate-papo, de uma mentira, de uma verdade, de uma conversa fiada e isso te faz falta. A gente fica esperando aparecer uma oportunidade para mostrar pra alguém...”

É uma pena que nem todos ainda conservem aquele pique para escrever como no início de carreira, como é o caso do experiente compositor e intérprete Caboré: “Não tenho mais estímulo pra compor. Compor para não gravar! Se aparecer um cara corajoso que tenha grana, uns 200 mil disponível pra gastar e tiver coragem, a coisa funciona – porque aí ele tem dinheiro pra brigar com a mídia”, comenta ele.

“Um dos problemas é que, com a crise do mercado fonográfico, os artistas têm preferido regravar sambas antigos de sucesso a arriscar gravar músicas novas, de compositores pouco conhecidos. Os cantores estão regravando, mas isso não quer dizer

que não tem música nova. Hoje em dia a gravadora não assume a gravação, o artista é quem paga e coloca o selo dele pra vender” – afirma Caboré, o Edson Pinto da Silva.

E a baixada continua gerando bons e novos sambistas? O compositor Adilson Doutor – Adilson Santos –, veterano em samba-enredo desde 1968, parceiro em letra de Wilsinho Saravá e de Tia Socó, acha que há bons sambistas surgindo, mas falta parceria entre as gerações: “Acho que está faltando entrosamento do compositor jovem com a velha guarda. Porque tem muito garoto bom, mas não está dando seguimento ao samba de raiz. E não estão chegando junto da gente, pois se chegar um garoto com boas ideias nós vamos receber de braços abertos com o maior prazer”, avisa Adilson.

Acostumado a só ouvir dentro de casa clássicos do samba como Miltoninho, Carlos Roberto e Candê, Veloso acredita que falta uma política pública de incentivo à valorização da música popular brasileira e isso reflete no gosto musical da garotada: “Eu acho que nem é muito culpa dos garotos, porque quando você tem um país que coloca o funk como patrimônio cultural, já vem lá de cima essa pobreza. O garoto no computador, falando aquela linguagem pela metade, achando que é certa... se você não vigiar seus filhos eles vão escrever errado”, alerta Veloso.

No entanto, independentemente de ter espaço na mídia, fazer sucesso e ganhar dinheiro, o que eles, na verdade, mais gostam e querem fazer é samba, estar no meio da turma e, claro, verem sua obra um dia cantada por todos. “Vou te falar que para o sambista a obra é mais do que tudo. O dinheiro é bom, mas isso acontece naturalmente. O sambista quer ver a sua obra valorizada, sua obra ser cantada”, confessa Roxinho.



LANÇAMENTO

“Nossa devoção” é o nome do segundo CD lançado pela Ala dos Compositores da Beija-Flor de Nilópolis. Com compositores do naipe de Wilson Bombeiro, Adilson Doutor, Gilson Doutor, Roxinho, Veloso e Marcelo Guimarães, o CD traz alguns grandes sambas de raiz e medianos de autoria desses compositores, entre eles as músicas “Mensagem a um amigo”, “Força da comunidade”, “Minha devoção” e “Eu sei que vai clarear”. O preço do CD é R\$ 15,00 e ele pode ser adquirido no barracão da Beija-Flor na cidade do samba ou na boutique da quadra, em Nilópolis.

DICRÓ

O MESTRE DA IRREVERÊNCIA NO SAMBA

Dicró é chamado de mestre malando do samba carioca. Nascido na Baixada Fluminense, precisamente em Mesquita, mas considerado cidadão da Chatuba, acaba de completar 65 anos.

Roberto Ribeiro lançou sua primeira gravação, "Samba do sofá" (c/ Geraldo Babão). Em 1977, Dicró grava, como intérprete, músicas de sua autoria – "Barra pesada" (c/ José Paulo) e "Mão no fogo", – no LP "A hora e a vez do samba", produzido por Ramalho Neto, uma coletânea que reunia Dedé da Portela, Cartolinha, Carlão Elegante, Djalminha e Rubem Confete.

Em 1980, entrou para ala dos compositores da Beija-Flor, quando Bira Quininho era o intérprete oficial da escola. No ano seguinte, entrou Neguinho da Beija-Flor no lugar dele. Nesse mesmo ano, vence a disputa de samba-enredo em parceria com o Neguinho e Picolé da Beija-Flor. Dicró cantarola: "A muralha que me fascina / Quem tem olho grande não entra na China", é o refrão do enredo "Carnaval do Brasil, a Oitava das Sete Maravilhas do Mundo".

– "Depois eu fui pra Grande Rio a mando do Anizio, que emprestou vários componentes para ajudar a nova Acadêmicos da Grande Rio e eu estava entre eles. Eu fiquei muito feliz porque a Grande Rio é uma afilhada da Beija-Flor", revela Dicró.

Na nova academia do samba de Caxias, Dicró também venceu um samba-enredo. Ele relembra o refrão: "Ô luar, ô luar (Ô, luar!) Vem pratear a nossa rua / A semente da fartura semear / Virar o mundo de bumbum pra lua". O trecho é do samba para enredo "No mundo da Lua", do carnavalesco Alexandre Louzada. O intérprete era Nego e o samba se tornou um hino para os caxienses, que o cantam sempre no "esquenta" da escola.

De apelido, Dicró, na realidade, se tornou nome artístico. E para quem quer saber o que significa, aí vai a resposta: surgiu das iniciais do seu nome Carlos Roberto de Oliveira. Uma simulação para esclarecer melhor: – De quem é este samba? É de CRO! (Entenderam?!). Erros de fonética e de grafia nos levaram a Dicró. Considerado um dos mais bem humorados críticos de comportamentos e do cotidiano do subúrbio onde sempre viveu, Dicró é daqueles que não livra nem a cara da sogra,



principalmente depois de ela ter lhe inspirado os maiores sucessos.

Em recente temporada no "Fantástico, o show da vida", na Globo, ele fez dela presença constante em todos os seus programas. A série foi interrompida e Dicró explica: "Eu parei com o Fantástico porque os caras queriam que eu saltasse de asa-delta com um baita negão atrás de mim, dizendo que era instrutor. Pô, nunca um negão subiu em cima de mim na terra, vai subir em cima? Enquanto eu não mudar de ideia, eu não volto?"

Mas Dicró não para: "Tô fazendo show, tô viajando pelo Brasil todo, e vou trabalhar no Carnaval pela Riotur", informa. E, paralelamente divulga seu mais recente lançamento fonográfico. Depois da Melô da Galinha, ele "ataca" as oxigenadas. "Então, arrumei uma loura que é Xuxa em cima e Jovelina embaixo, porque todo crioulo não pode ver uma loura que cai de quatro", justifica.

E para ver o tempo passar, Dicró circula pelos quiosques do Piscinão de Ramos, que existe graças a sua atuação como cidadão. Arrendou um quiosque que é o ponto preferido dos frequentadores do local, e que inspirou o CD "Dicró no piscinão" (2002).

UMA NOVA
NILÓPOLIS
ESTÁ SENDO CONSTRUÍDA

www.nilopolis.rj.gov.br

Padronização das calçadas
Revitalização de praças
Obras de pavimentação e drenagem
Recapeamento asfáltico
Revitalização da sinalização viária
Construção do Telecentro de Olinda
Ginásio Municipal
Concha Acústica
Novo Calçadão da Av. Mirandela
Novo Viaduto
Construção de ginásio e quadras poliesportivas
no Parque Municipal Natural do Gericinó



O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO NOS ENREDOS CARNAVALESÇOS DO G.R.E.S. BEIJA-FLORES DE NILÓPOLIS

ALEXANDRE ROSENDO

1 INTRODUÇÃO

O Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis é uma escola do grupo especial do carnaval do Rio de Janeiro que foi fundada em 25 de dezembro de 1948, como um bloco carnavalesco. Em 1954, tendo como madrinha a Portela, fez seu primeiro desfile como G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis, pelo segundo grupo, conquistando o primeiro lugar.

Na década de setenta começou a ficar entre as escolas de maior destaque ao ter Joãosinho Trinta, como carnavalesco, que lhe deu cinco títulos, vencendo os carnavais de 1976, 1977, 1978, 1980, 1983 e os vice-campeonatos em 1979, 1981, 1982, 1985, 1986, 1989, 1990. Em 1989, com o apoteótico desfile defendendo o enredo "Ratos e Uribus, larguem a minha fantasia", levou o Cristo Redentor coberto com plástico preto e uma grande faixa com o dizer "Mesmo proibido, rogai por nós", rodeado de mendigos. Tal fato causou grande polêmica e fez a Beija-Flor ser escolhida e ovacionada pelo público, como a "campeã moral". Até 2010, a escola foi onze vezes campeã (1976, 1977, 1978, 1980, 1983, 1998, 2003, 2004, 2005, 2007, 2008) e quatorze vezes vice-campeã (1967, 1973, 1979, 1981, 1982, 1985, 1986, 1989, 1990, 1999, 2000, 2001, 2002, 2009) estando como a terceira escola com mais títulos, sendo que a primeira é a sua madrinha, a Portela.

Dessas vitórias, três enredos estavam relacionados à temática amazônica, os quais sejam: "Pará - O Mundo Místico dos Caruanas nas Águas do Patu-Anu" (1998); "Manoá-Manaus-Amazônia-Terra Santa... Que alimenta o corpo, equilibra a alma e transmite a paz" (2004) e "Macapaba-Equinócio Solar, Viagens Fantásticas ao Meio do Mundo" (2008). Esses três enredos amazônicos narraram sobre a história, os mitos, isto é, o "Cosmo Amazônico", o nascer e renascer da Amazônia com seus mistérios.

Este artigo primeiramente irá levar à discussão as definições relativas ao conceito de Mito e Cosmogonia, e posteriormente irá procurar nos enredos supracitados essa

"Cosmogonia Amazônica", para ao final revelar reflexões acerca da cultura amazônica na cultura carnavalesca carioca.

2 A MITOLOGIA AMAZÔNICA

2.1 Conceito de Mito

Em relação ao conceito de mito podemos elencar algumas definições como: uma narrativa tradicional com caráter explicativo e/ou simbólico, profundamente relacionado a uma dada criatura ou religião; uma história que procura explicar os principais acontecimentos da vida, os fenômenos naturais, as origens tanto do mundo como do homem, por meio de deuses, semi-deuses, heróis; isto é, criaturas sobrenaturais; uma tentativa de explicar a realidade, que com o ceticismo não se explica. Entretanto, esse mito está associado ao rito, que é um modo de se concretizar em ação o mito na vida do Homem, como exemplo as orações, danças, rituais etc.

O aspecto mítico vem desde a antiguidade. Os gregos através de suas viagens, desbravando mares, perceberam que os titãs, deuses olímpicos, heróis, ou qualquer outro ser mitológico que habitava outros locais, era na verdade seres humanos: "O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos. O mito conta graças aos feitos dos seres sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, quer seja uma realidade total, o cosmos, quer apenas um fragmento, uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, é sempre, portanto, uma narração de uma criação, descreve-se como uma coisa que foi produzida, como começou a existir."

Eliade, em sua pesquisa sobre o mito, ainda trás mais algumas explicações no que concerne ao entendimento do mito para os povos primitivos.

"O mito é considerado como uma história sagrada, e portanto uma história verdadeira, porque se refere sempre a

realidades. O mito cosmogônico é verdadeiro, porque a existência do mundo está aí para provar, o mito da origem da morte é também verdadeiro porque a mortalidade do homem prova-o."

Desta feita, podemos dizer que o mito está ligado ao surgimento dos Homens e dos deuses com a apresentação de um conjunto de fábulas. E o mito cosmogônico é uma resposta à interrogação quanto à origem da humanidade e do mundo habitado por ela. Tanto que nas várias mitologias encontramos a figura de um criador, um demiurgo, que por autonomia fundou o mundo em sua forma atual. Esses mitos costumam se referir a uma matéria pre-existente a toda criação. O oceano, o caos, ou a terra, como nas mitologias da África.

Da mesma maneira que Caillois ratifica sua hipótese sobre o mito: "Não parece que a capacidade de criar ou de viver os mitos tenha sido substituída pela de os justificar. Pelo menos, é preciso reconhecer que as tentativas de explicação têm sido quase constantemente decepcionantes: o tempo, do mesmo modo que deu origem a diferentes Tróias, sobrepôs as camadas das suas ruínas sem o mínimo critério. Esta estratificação, aliás, não deixa de ser instrutiva e talvez um corte em profundidade revelasse, nas suas linhas gerais, alguma dialética."

O elemento mais frequente nas cosmogonias, seja na asiática, na norte-americana, seja na amazônica, é a água. No intermédio em que a terra retira do fundo da água o espírito ou animal e introduz no mundo um elemento de desordem ou mal. Tivemos esse traço mitológico no "Mundo místico dos Caruanas". Se a mitologia é o estudo dos mitos e lendas de uma cultura em particular, e

filósofo. Outras descobertas ainda nos dizem que o 'mito' é um gênero inacessível, tanto na Grécia quanto fora dela e que a ciência dos mitos, de Cassirer e de Lévi-Strauss, não é capaz de definir seu "simples objeto". Ainda recentemente, não nos iludiamos supondo que a análise estrutural dos mitos começasse com os Gregos pensando sua própria 'mitologia', sob a forma de uma interpretação conceitual, ou então que o 'pensamento mítico', em sua maturidade, chegasse, aqui e ali, a uma lógica das formas que ultrapassasse seus próprios limites!

3 A COSMOGONIA NO CARNAVAL

3.1 Os Caruanas da Beija-flor

Em 1998, com o enredo "Pará - O mundo místico dos Caruanas nas águas do Patu-Anu". A cosmogonia esteve presente no surgimento das cidades encantadas que estavam submersas. Para entender este enredo, é necessário ter conhecimento da narrativa mítica que deu origem a ele: "No princípio, o mundo era totalmente recoberto pelas águas. Foi então que apareceu o Girador, um ser animador, curador, um demiurgo, que pairou acima delas. Ele tinha a forma de uma iabaça, uma cumbuca de barro. Do Girador desceu Auí, um ser delicado e transparente, com nadadeiras coloridas nos braços, pés poliformes, que nadava com agilidade para construir sete cidades sobre o mar e nelas acomodar seu povo.

As cidades foram construídas e outros seres semelhantes à Auí desceram do Girador e habitaram esses locais. Entretanto, as

cosmogonia o sistema hipotético da criação do universo, temos a cosmogonia presente na mitificação amazônica.

Uma arqueologia do 'mito' nos levaria a concluir que a mitologia, incontestavelmente, existe pelo menos desde que Platão a inventou a sua maneira. Todavia, não dispõe de um território autônomo, nem designa uma forma de pensar universal cuja essência pura aguarda seu próprio

sete cidades confundiam



com as águas por serem grandes túneis transparentes com barbatanas.

O Girador havia orientado para que Aui nunca explorasse o fundo de remoinho das águas, pois lá encontrava Anhangá, 'o resto da natureza'. Certo dia, olhando para o fundo, Aui desobedeceu, mergulhou e atingiu o centro do remoinho, causando um desequilíbrio que resultou no fim de Aui, do povo e das sete cidades, todos tragados pelo remoinho. A terra do fundo aflorou. O Girador voltou lentamente sobre a terra. A cabeça de Aui foi dividida em três energias poderosas chamadas Ituaí, Janaum e Aguaguara, que se manifestaram nos reinos animal, vegetal e mineral. As sete cidades de Aui se transformaram em cidades encantadas e seus habitantes, agora vivendo sob as águas, passaram a se chamar Caruanas, energias ou encantados." Este início de narrativa é a base do enredo, que ao longo de seu desenvolvimento teve muitas peripécias. O enredo foi baseado no livro "O Mundo Místico dos Caruanas da Ilha do Marajó", da Pajé Zeneida Lima.

Percebe-se no desfile a visão mítica e de encantamento dos carnavalescos em relação à Amazônia, assim como a força cosmogônica da água como alicerce da narrativa. Através da água a vida nasce e renasce. E tudo no início era água. No abre-alas que veio representando o Girador, havia um grande chafariz jorrando água e os personagens referentes aos encantos das águas em destaque que evocavam o caruana beija-flor.

Outro ponto importante no desfile foi a pajelança. A Comissão de frente, dirigida por Ghislayne Cavalcante, encenou o ritual de pajelança. A Comissão foi composta por quatorze mulheres e pelo ator Jorge Lafond que representava o pajé. A comissão representava a delicadeza dos caruanas, os seres encantados das cidades submersas, e a força do índio do Marajó, forte, guerreiro e sensível.

A epígrafe abaixo do samba-enredo de 1998, de autoria de Alencar de Oliveira, Wilsinho Paz, Noel Costa e Baby, pode nos fazer refletir sobre a pajelança:

(...)
Pajé, a pajelança está formada
Eu vou na barca encantada
Anhangá representa o mal
Evoque a energia de Aui
Pra vida sempre existir
Ofereça ao mar pra isentar a dor
(...)

A Pajelança é um culto às energias da natureza. O Pajé caboclo canta o lamento ao ver sua cultura ser destruída.

Ele faz parte do mundo dos encantados e dos viventes.

Pajelança é um culto à encantaria que herdamos da cultura aborígene em nossa civilização. Ao incorporar a cultura civilizada sofreu influência das outras culturas colonizadoras e africanas. Perdeu sua pureza de origem. Contudo, eu permaneço fiel aos ensinamentos do pajé que me preparou, Mestre Mundico do Maruacá.

O termo "pajelança" designa o culto e as cerimônias. O culto representa o encontro entre o homem e as energias da natureza, os caruanas, companheiros do fundo, ou simplesmente encantados. Por meio da pajelança, os viventes podem ser auxiliados em suas dificuldades. Porém, esse auxílio está condicionado ao merecimento de quem pede e ao limite do poder do caruana. Também é preciso ter fé e amor à Natureza, pois ela é a grande mãe, a origem e o fim de todas as coisas.

A Pajé Zeneida Lima, única pajé do Brasil, esteve presente na avenida. Dizem alguns que fez uma pajelança durante o desfile. Através do vídeo do desfile, percebe-se que o público não estava empolgado. Entretanto, estava concentrado, assistindo ao desfile, como uma espécie de encantamento.

3.2 A Terra Santa Manauara

Em 2004, com "Manôa-Manaus-Amazônia-Terra Santa... que alimenta o corpo, equilibra a alma e transmite a paz", vimos uma Amazônia mitificada num outro ponto de vista. O Homem povoou terras, criou mitos, lendas, deuses e a própria civilização. Por ambição a todo custo, os bravos conquistadores, ditos civilizados, saem de seus locais de origem singrando mares numa busca dantesca pelo Novo Mundo. Destruíram culturas milenares, mutilaram povos, sacrificaram deuses e a história das civilizações para impor a sua. Sendo que o objetivo final era a conquista do Eldorado, sem eles saberem ao certo em que consistia.

A Amazônia, antes tida como uma inviolável muralha verde estava vulnerável a vontade humana. A ganância e a incúria fizeram com que as Amazonas, guerreiras douradas - a tribo mística das Amazonas - fossem abduzidas pelos espíritos da fauna e flora, num duelo pela continuação da vida. Nessa batalha criou-se um confronto crucial pela aliança com as forças sobrenaturais. Um duelo entre a ambição e a preservação.

Nesse enredo, os mitos e os seres encantados da floresta, não estão sendo perseguidos por algo lendário ou sobrenatural, mas sim pela ganância do Homem. Nesse caso, os espanhóis com sua gana de conquistar o continente americano. Como vemos no trecho do samba-enredo de Cláudio Russo, Zé Luiz, Marquinhos, Jessi e Leleco:



A ambição cruzou o mar
Trazida pelo invasor
A Espanha veio explorar
Pilhar e semear a dor
Amazônia, terra santa
Dos igarapés, mananciais
Alimenta o corpo, equilibra a alma
Transmite a paz
Brilhou o Eldorado
No coração da mata as guerreiras
Belezas naturais, riquezas minerais
O reino de Tupã ergue a bandeira
(...)

Um ponto convergente nos enredos relacionados à mística amazônica sempre será os mitos e encantarias. Nos Caruanas, a Comissão de frente encenou uma pajelança, no Manôa, a Comissão intitulada de "Essência Amazônica - raízes, misticismo e proteção", abriu o desfile com as Amazonas, índias guerreiras, representando vários mitos e seres da floresta.

O carro abre-alas representava a ganância espanhola, que vinha traduzido por uma grande caravela dourada, que seria a vinda dos espanhóis à América. O carro fazia parte da Composição teatral, dirigida por Hilton Castro, ator e diretor das encenações da escola. Eram trinta homens pintados de dourado, que representavam as velas. Confor-

me o desfile seguia, as velas humanas se movimentavam como se estivessem numa ventania.

A força mítica e cosmogônica estava representada em vários carros e alas. O carro Exército místico - A proteção das forças sobrenaturais foi o exemplo típico de como o povo brasileiro vê o misticismo amazônico. Como salvadora do planeta, através dos seres encantados e da pajelança, referências que, de fato, estão mais presentes no imaginário popular do que no habitante ribeirinho da região. Em outra alegoria, a lenda do guaraná, fruto da energia, veio junto a curandeiros, feiticeros e outras figuras mitológicas da Amazônia.

Fora o misticismo, tivemos na avenida o que poderíamos chamar de "cosmogonia urbana", quando a escola mostrou o desenvolvimento do ciclo da borracha, que teve como marco cultural o Teatro Amazonas.

Encerrando de maneira apoteótica, a última alegoria, denominada Imensidão verde, trouxe a deusa Amazônia, mãe natureza. A Amazônia ganhou uma figura de mulher verde. Sobre a deusa Amazônia - Guardiã dos segredos da vida - ao seu redor, os pajés feiticeros evocaram sob a luz da lua cheia, os espíritos dos ancestrais, dançando em rituais sagrados evocando Tupã - o rei do trovão, como última esperança para salvar a Amazônia. O enredo concluía que o Eldorado era a Amazônia, o tesouro era o próprio paraíso verde.

O curioso foi que o enredo refletia sobre a importância da água como combustível fantástico da vida, e a apresenta-

ção da escola aconteceu debaixo de uma chuva torrencial, que não prejudicou o desfile, tanto que se tornou campeã. A água lavou a alma na avenida, de forma tão volumosa quanto o Rio Amazonas.

3.3 Equinócio Macapaense

Para melhor situar-se no enredo de 2008, "Macapaba - Equinócio solar, viagens fantásticas ao meio do mundo", é interessante observarmos os primeiros versos do samba -enredo de autoria dos compositores Cláudio Russo, Carlinhos Detran, J. Velloso, Gilson Dr., Kid e Marquinhos.

É manhã
Brilho de fogo sob o sol do novo dia
Meu talismã, a minha fonte de energia
Oh, deusa do meu samba, a flor de Macapá
No manto azul da fantasia
(...)

Este enredo fechou a trilogia amazônica. Porém, comparando aos dois enredos analisados anteriormente, este foi o que menos explorou a relação cosmogônica e mitológica da Amazônia. Trabalhou mais ligado a questões históricas e geográficas do que ao misticismo e encantarias.

A escola iniciou com "A linha imaginária e a beleza do fenômeno solar" representada pela Comissão de frente, que trouxe os indígenas da nação Waiãpi guiando o beija-flor de Nilópolis para a região do "meio do mundo" para contemplar o Equinócio solar, fenômeno em que o sol fica a 90° da terra na linha do equador, sendo que o dia e a noite tem a mesma duração, ocorrendo em março no hemisfério norte e em setembro no hemisfério sul.

O Abre-alas, que representava o brilho de fogo, estava relacionado tanto ao fenômeno solar quanto a existência de um beija-flor brilho de fogo, existente na região, e que é bastante raro de ser encontrado.

Ao longo do desenvolvimento do enredo, vimos uma apologia aos encantos naturais e uma reflexão ao contexto histórico, como: a invasão de piratas franceses, dos corsários ingleses, os conquistadores das grandes navegações que só conseguiam enxergar as riquezas para serem exploradas, a construção da Fortaleza de São José de Macapá, considerada a maior fortaleza do país. Tudo isso para festejar os 200 anos que a cidade de Macapá completava naquele ano.

Muitas histórias e fatos interessantes: histórias que falam que arqueólogos acharam provas de que o povoamento da Amazônia começou naquela região há 12 mil anos... Que aquelas terras já pertenceram à Espanha... que já pertenceram

à França, mas que todas essas nações lutaram para conquistar a região e não conseguiram. Que existe uma cidade próxima à Macapá, toda uma descendência moura, e que foi uma cidade totalmente transferida do Marrocos para as terras brasileiras, por ordem do Marquês de Pombal. Um ponto muito peculiar do desfile que representou a força da natureza foi a ala que encenava a Pororoca - o rio beija o mar, que na língua tupi significa barulho, estrondo. Era representada por oitenta homens peixes e cem pessoas que personificaram as espumas, causadas pelo encontro das águas. Tendo em vista que o rio Amazonas nasce do encontro das águas dos rios Negro e Solimões. Ao se encontrarem não se misturam de imediato, correm paralelamente por alguns quilômetros, devido a fatores como densidade, temperatura, velocidade e correntes bastante diferenciadas. O rio Negro tem a água mais escura devido à decomposição das folhas e matéria orgânica. É calmo e tem a temperatura mais elevada que o Solimões, que por causa da correnteza tem a água mais barrenta, amarelada. Porém, há a mitificação que isso seja dividido por forças que dividem a natureza entre o bem e o mal.

4 CONCLUSÃO – O FANTÁSTICO REINO DA AMAZÔNIA

Os mitos, ao contrário do que previam ou queriam os arautos da modernidade, não morreram; eles se renovam constantemente, e se manifestam de diversas formas na sociedade moderna. Certos resquícios de uma mitologia mais ou menos evidentes se encontram, em especial, nas sociedades que ainda guardam muito de primitividade, como a amazônica, em que o contato com a natureza, ainda que cada vez mais ameaçado, é presente.

Apropriando-se muitas vezes do universo das micro e macro mitologias que formam por sua vez uma complexa cosmogonia, no carnaval se recria as mitologias de forma única. Conforme Paes Loureiro, "o mito, muitas vezes, expressa a poética das coletividades humanas, ao relatar sua história idealizada. O poético, por seu lado, mitifica as palavras e os sentimentos, no ato de torná-los poetizados". Percebemos que houve uma recriação atualizada da mitologia amazônica. De fato, uma ressignificação, de forma estilizada, e até certo ponto midiática para o espetáculo grandioso do carnaval.

Alexandre Rosendo é graduado em Letras, pesquisador de carnaval e mestrando em Artes pela Universidade Federal do Pará - UFPA, com a pesquisa "Recriação e atualização da Cosmogonia Amazônica no Corpo Cênico do G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis".

SUPERAÇÃO

JORGE CASTANHEIRA

Todos os anos, a Liga Independente das Escolas de Samba e as agremiações que compõem o Grupo Especial têm um grande desafio: superar as apresentações do ano anterior e manter crescente o nível do espetáculo exibido nos dias de carnaval no Sambódromo. Felizmente isso tem acontecido, com o trabalho e dedicação de todos e, principalmente, com a criatividade e talento de nossos artistas. Este ano, é claro, não será diferente. E a Beija-Flor de Nilópolis é, sem dúvida alguma, exemplo vivo e vibrante deste esforço.

Em 2011, porém, não é apenas no desfile que a azul e branco de Nilópolis irá demonstrar seu potencial. Os leitores da revista Beija-flor, mais uma vez com um belo trabalho em suas mãos, talvez não se deem conta de que esta publicação completa sua primeira década de vida. São dez anos ininterruptos de qualidade gráfica e editorial que aproximam os amantes da maior festa popular do planeta da



realidade de sua escola de samba preferida. São dez anos de registro histórico e apaixonado de todo o trabalho que é feito pela direção da escola para, a cada ano, superar-se. Nesta década, a revista Beija-flor tornou-se um exemplo para as demais coirmãs. Reportagens que valorizam o trabalho desenvolvido não apenas visando o desfile, mas também as atividades realizadas junto à comunidade nilopolitana; artigos que resgatam a história do carnaval; e, principalmente, as

homenagens que são prestadas, todos os anos, a quem ajudou a fortalecer a nossa festa, a nossa cultura.

O desafio de superar-se nos desfiles é seguido à risca e com afinco também nas páginas da publicação que é, todos os anos, disputada na sua distribuição realizada também no Sambódromo.

Longa vida à revista Beija-flor e que venham muitas outras décadas de informação e alegria.

REVISTA BEIJA-FLORES DE NILÓPOLIS UMA ESCOLA DE VIDA

KARLA LEGEY



A força de uma agremiação de samba não está somente na sua capacidade de levar para a Avenida um desfile de qualidade, empolgante e harmonioso.

Uma escola de samba é uma entidade onde gravitam em torno de si um enorme universo de pessoas, das mais variadas culturas, com os mais variados comportamentos e motivações.

A habilidade em unir todo esse contingente em direção a um objetivo comum é o grande desafio da administração de uma agremiação de Carnaval.

Diversas são as iniciativas que buscam tornar essa comunidade uma grande família.

Uma delas é a circulação da informação de modo democrático e a produção de conteúdo que prestigie, reconheça e divulgue os valores e realizações dessa comunidade.

Atento a esses desafios, em 2002 a agremiação de Nilópolis, mantendo sua vocação de liderança, lançou sob os auspícios do seu presidente de honra, Anizio Abrão David, a edição número um da revista Beija-Flor de Nilópolis - uma



escola de vida, publicação que veio revolucionar os bastidores dos desfiles de Carnaval e das escolas de samba, principais protagonistas dessa festa.

Tendo sido uma colaboradora da revista em algumas de suas edições iniciais, sugeri aos editores da revista Beija-Flor de Nilópolis - uma escola de vida a realização de uma entrevista com ambos, como uma homenagem à 10ª. edição da publicação e para o público que ainda não conhece a revista e suas edições anteriores possa saber um pouco mais sobre essa importante publicação.

Karla Legey – Abi-Rihan, como começou a revista da Beija-Flor de Nilópolis?

Abi-Rihan – Tudo começou às vésperas do desfile de Carnaval de 2001. Estávamos na varanda de seu apartamento quando Anizio me disse que gostaria que a Beija-Flor de Nilópolis tivesse uma revista voltada ao samba e ao Carnaval, que pudesse, além de

levar informações do dia a dia do Carnaval, contar coisas sobre a escola e seus componentes. Na ocasião, disse ao Anizio que era uma excelente ideia, e que eu conhecia um excelente editor, que trabalhava na produção de diversas revistas, inclusive para a Associação de Magistrados do Rio de Janeiro. Anizio pediu, então, que eu marcasse uma reunião com o jornalista Ricardo Da Fonseca, para ouvir o que ele teria a dizer sobre esse assunto e como colocar em prática essa ideia do Anizio. O resto todos já sabem.

Karla Legey – A revista conquistou um importante espaço no mercado de samba e Carnaval. O que tornou a revista tão especial?

Ricardo Da Fonseca – Na verdade, a revista revolucionou esse segmento de mercado porque até então só existiam duas publicações de Carnaval: uma produzida sem regularidade e com uma tiragem muito pequena. A outra, mais conhecida, carecia de um conteúdo jornalístico. Com a experiência de alguns anos desenvolvendo projetos editoriais, produzimos a revista da Beija-Flor focados no conteúdo de credibilidade, e com uma apresentação gráfica de altíssima qualidade. Quando lançamos a revista no Carnaval de 2002, foi o maior sucesso, porque o público sempre teve interesse em conhecer melhor os bastidores do carnaval, as histórias dos componentes... E nós fomos os primeiros a levar isso ao público na Marquês de Sapucaí.

Além disso, buscamos dosar as informações apresentadas: falávamos da Beija-Flor, mas também de samba, de cultura, de personalidades que fazem essa festa. Enfim, nossa equipe se dedicou e inovou. No ano seguinte – em 2003 –, a repercussão havia sido tão positiva que outras escolas de samba ensaiaram



Boni recebe em sua empresa o radialista e editor da revista Beija-Flor de Nilópolis Hilton Abi-Rihan.

voos semelhantes. Obviamente, não conseguiram os resultados que nós conseguimos.

Karla Legey – Por que essas escolas não conseguiram emplacar suas publicações?

Abi-Rihan – O motivo inicial é simples, e se chama Anizio Abrão David. A Beija-Flor não é uma escola de ponta por acaso. Anizio sabe que não conhece tudo. Sabe que para fazer o melhor precisa contratar profissionais que saibam o que fazem. É isso que ele faz com a Beija-Flor... Foi isso que ele fez em relação à revista. Quando contratou a empresa de comunicação do Ricardo Da Fonseca, delegou a ela todas as responsabilidades do projeto. Não quis que pessoas sem experiência assumissem esse desafio. O resultado foi esse: uma revista bonita, de bom gosto, com conteúdo, com informação, e com belas fotos. Essa foi, então, a razão do sucesso da revista.

Karla Legey – Nesse dez anos, muitos assuntos foram tratados. Você tem como resumir alguns deles?

Ricardo Da Fonseca – Realmente, foram muitos os assuntos e matérias feitas para a revista. Vou, então, destacar as que considero mais importantes para a Beija-Flor de Nilópolis. Na edição de lançamento, em 2002, apresentamos uma matéria contando a história da agremiação, desde a sua fundação. Esclarecemos diversas dúvidas existentes sobre as origens da escola. Outra matéria importante nessa edição foi a que apresentou organizadamente todos os desfiles da Beija-Flor desde 1954. Listamos o enredo, a colocação, o autor do enredo e do sambanredo e o local onde o desfile foi realizado. Essa edição é um importante documento histórico. Já

na edição de 2003, e sinalizando o prestígio da agremiação e da revista, conseguimos que o presidente Lula escrevesse uma mensagem inédita e voltada para a nação Beija-Flor. Foi uma conquista jornalística muito importante para nós, porque não nos utilizamos de nenhum meio político para obter esse resultado. A equipe de Assessoria de Imprensa de minha empresa fez contato com o pessoal de Brasília e, depois de alguma negociação, obtivemos o documento. Na edição 2004, destaco a importante entrevista com o Boni, ex-homem forte da TV Globo. Confesso a você que durante o encontro por diversas vezes me surpreendi com a inteligência do Boni, e a sua capacidade de perceber as coisas antecipadamente. A entrevista é uma lição de vida que ninguém devia deixar de ler. Mas tiveram outras matérias importantes... Como na edição de 2006, quando fizemos uma pesquisa profunda relacionada aos 30 anos do primeiro título da agremiação no Grupo de Elite do Carnaval carioca e produzimos uma matéria sensacional sobre esse tema.

Um destaque especial também ficou por conta das diversas reportagens que fizemos sobre as obras sociais, esportivas e culturais que a Beija-Flor, sob os auspícios do Anizio, promove. Até investimos em reportagens sobre as obras que o Anizio criou - a creche, o educandário, o centro de capacitação -, ninguém sabia da existência dessas realizações e o que elas significam para aquelas crianças e jovens. Foi a nossa revis-



ta que tratou de modo não demagógico e s s a questão, e apresentou ao mundo as obras sociais da agremiação e do Anizio. Por fim, e para não me estender mais do que já o fiz, acho que a matéria em homenagem aos 70 anos do Anizio, publicada em 2007, também foi um "golaço" da nossa equipe. O Anizio tem muito a ensinar às pessoas. Essa oportunidade de mostrar para o leitor uma parte importante do Anizio foi um grande privilégio que tivemos.

Mas a revista produziu muitas outras informações e matérias interessantes... Sugiro a quem quiser conhecer; acesse o site oficial da agremiação - o www.beija-flor.com.br, ou acesse o site oficial da revista, o www.beija-flor.net.br.

Karla Legey - Vocês gostariam de deixar alguma mensagem final?

Abi-Rihan - Falo em meu nome e no do Ricardo. Queremos agradecer ao Anizio a confiança de nos ter entregado tão grandiosa missão: apresentar a sua escola para um público nacional e internacional. Quero, também, agradecer aos leitores da revista que sempre, digo sempre, nos deram incentivo, não pouparam elogios e nos deram a certeza de que nosso trabalho estava - e está - no caminho certo. Obrigada.

OS EDITORES



Anizio, Ricardo da Fonseca e Hilton Abi-Rihan, durante reunião para aprovação da edição 2010.

DEPOIMENTOS A RESPEITO DA REVISTA BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS

"Um dia, conversando com ao Anizio, ele me perguntou o que eu achava da revista da Beija-Flor de Nilópolis. Fui muito sincero com ele e disse o seguinte: A revista fala por si. A qualidade gráfica da revista, o bom gosto na organização das páginas, com belas e coloridas fotos e um conteúdo jornalístico de alta qualidade fazem da sua revista uma das mais bonitas do país. Sinceramente, eu nunca acreditei que uma escola de samba fosse capaz de produzir um trabalho tão sério como esta revista. Ela é tão boa que passou a ser copiada pelas outras escolas, Anizio! Teu pessoal está de parabéns."

Ubiratan Guedes, advogado

"Lembro que nos encontramos em 2002 e você me apresentou a revista da Beija-Flor de Nilópolis. Perguntou o que eu achava dela. Você sabe que, como um homem de comunicação, tenho que estar atualizado. E sempre que posso, estou. Na ocasião, disse que dava nota 9 para a revista e lhe expliquei por quê. Hoje, passados esses anos, vi que vocês tiveram a humildade de aprender com os enganos e com as sugestões dos amigos para melhorar a revista. Agora dou dez em todos os quesitos. É a campeã nota dez! Não tem ninguém que faça nada igual nas escolas, é muito bem feito. Parabéns!"

Boni, empresário

OURO PARA O RIO DE JANEIRO

VICENTE DATTOLI

Iniciamos a segunda década do Século XXI.

Na avaliação de muitos, uma década de ouro para o Rio de Janeiro.

Com a realização da Copa do Mundo em 2014 (aqui e em outras cidades brasileiras, é sempre importante lembrar) e dos Jogos Olímpicos em 2016 (estes somente na capital fluminense), a Cidade Maravilhosa terá condições de conhecer uma projeção internacional e um progresso que jamais atingiu ao longo de sua história. Será o momento perfeito para que se consigam ganhos de infraestrutura e desenvolvimento social que há anos sonhamos e, em alguns momentos, nos pareceram inatingíveis.

Não há dúvida em se afirmar que, a partir de agora, o Rio de Janeiro não será mais apenas carnaval. Sim, porque há anos a maior festa popular do planeta é o carro-chefe do turismo e dos atrativos da cidade. Com um mínimo de amparo governamental, e apoiado numa competente sinergia de comando entre os dirigentes das escolas de samba e a Liga Independente, que organiza o espetáculo, os desfiles só fizeram crescer nos últimos anos, já atraindo uma enorme gama de interesses internos e do exterior.

E a realização destes dois eventos de caráter internacional serve, também, para verificarmos a real dimensão do que é o desfile das escolas de samba em termos econômicos para o Rio de Janeiro.

Estudos iniciais indicam que, até 2027 (ano em que, avaliam os especialistas, deixarão de ser sentidos os efeitos da Copa e da Olimpíada), aproximadamente R\$ 285 bilhões serão incrementados na economia – a maior parte destes recursos em equipamentos esportivos, é claro. Naquela área deveremos ter um *boom* que não se refletirá apenas nas cidades efetivamente envolvidas. Muitos municípios dos arredores também receberão influências positivas das competições, principalmente no que diz respeito à infraestrutura.

Apenas para a Copa do Mundo, calcula-se que serão gerados, até 2014, cerca de 710 mil empregos (330 mil permanentes, 380 mil temporários), numa média de 175 mil postos de trabalho por ano. O impacto deste contingente no mercado formal gerará um aumento de R\$ 5 bilhões no consumo. O carnaval, também de acordo com pesquisas e estudos, gera mais de 200 mil empregos por ano – e, na maioria dos casos, mão-de-obra sem maiores qualificações e atingindo uma porção da população que não teria condições de chegar ao mercado em outras atividades.

O impacto dos Jogos Olímpicos, no que diz respeito ao mercado trabalhador, é ainda menor: serão cerca de 120 mil empregos por ano, até 2016 – número bem inferior ao da maior festa popular do planeta, o carnaval carioca.

O mais impressionante na comparação entre Copa do Mundo, Jogos Olímpicos e carnaval é que os números das competições esportivas somente serão alcançados com intenso aporte de recursos governamentais. Se as autoridades federais, estaduais e municipais não aplicarem verbas para melhorar aeroportos, criar melhores condições de deslocamento dentro das cidades, não conseguirem qualificar a mão-de-obra e, principalmente, não derem condições de se explorar o potencial turístico, dificilmente se chegará sequer perto dos valores já mencionados.

Bem diferente do carnaval, quase todo amparado na iniciativa privada e na disposição e entrega dos sambistas. A arte dos carnavalescos, coreógrafos e compositores não é movida apenas por incentivos e renúncias fiscais. Longe disso. O carnaval é movido pela paixão. Pela dedicação. Pelo suor. Pela alegria e fantasia. Talvez por isso dê tão certo. Talvez por isso, há tempos, nossa festa seja a melhor do mundo. Uma festa de ouro para o Rio de Janeiro.

A FUTURA GERAÇÃO DA
BEIJA-FLOR SAÚDA O
CARNAVAL, A COPA DO
MUNDO DE 2014 E OS
JOGOS OLÍMPICOS DE
2016.



Micaela e Gabriel David.

Madalena Moura - CRO: RJ-CD-19691



madalena moura
odontologia

Tel.: (21) 2439-9806
Av. das Américas, 2901 sl. 106
madalena@madalenamoura.com.br
www.madalenamoura.com.br

UM ARTISTA DO CARNAVAL



O carioca Henrique Matos, 51 anos de idade, é um privilegiado. Para viver, faz o que mais gosta: fotografa o carnaval do Rio de Janeiro. Fotógrafo oficial da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, sempre foi um apaixonado pelos desfiles.

Há 25 anos já desfilava com calça branca e uma camisa feita por ele, atitude impensável nos dias de hoje. Na época, era fotógrafo do jornal O Povo e tinha uma cantina dentro de uma escola. Quando o contrato terminou, começou a trabalhar como fotógrafo nos bailes populares da cidade. Ficou no jornal até 1998, e no ano seguinte já foi para a avenida contratado pela Liesa, e ainda trabalhava em shows da Riotur. Desde 2004, produziu as fotos de capa dos CDs com os sambas-enredos das escolas cariocas.

O trabalho rendeu frutos e hoje ele é contratado por algumas escolas para registrar os melhores e mais bonitos momentos da Sapucaí. Na Beija-Flor de Nilópolis trabalha há 10 anos: "eu gosto muito de carnaval, sou tão apaixonado que para mim é como se não fosse trabalho. No ano passado tirei 30 mil fotos na avenida", conclui Henrique.

Em tempo: a revista Beija-Flor de Nilópolis agradece ao Henrique, um parceiro constante nesses dez anos de revista. Valeu, Henrique!



***Babadão da Folia
e Beija-Flor.
Uma parceria
que dá samba.***

A Fantasia vem aí!

Tel./fax: (21) 2507-0598

Rua Buenos Aires, 287 e 300 - Centro

GRANDES EMOÇÕES DE UM 'REI'

SIMÃO SESSIM

Cá estamos nós, mais uma vez, vivendo a grande expectativa de ver a festa do Carnaval mexendo, e forte, a exemplo do que sempre faz, com a nossa sensibilidade e as nossas grandes emoções.

Todos os anos é sempre assim: vamos para a Marquês de Sapucaí nos encantar com o voo esplendoroso, ágil e sempre irrequieto, nas asas da nossa querida e amada Beija-Flor.

Como diz o samba-enredo dos compositores Samir Trindade, Serginho Aguiar, JR Beija Flor, Sidney de Pílares, Jorginho Moreira e Théo M. Neto, chegou a hora de botar para fora a felicidade, que não será pouca, com certeza.

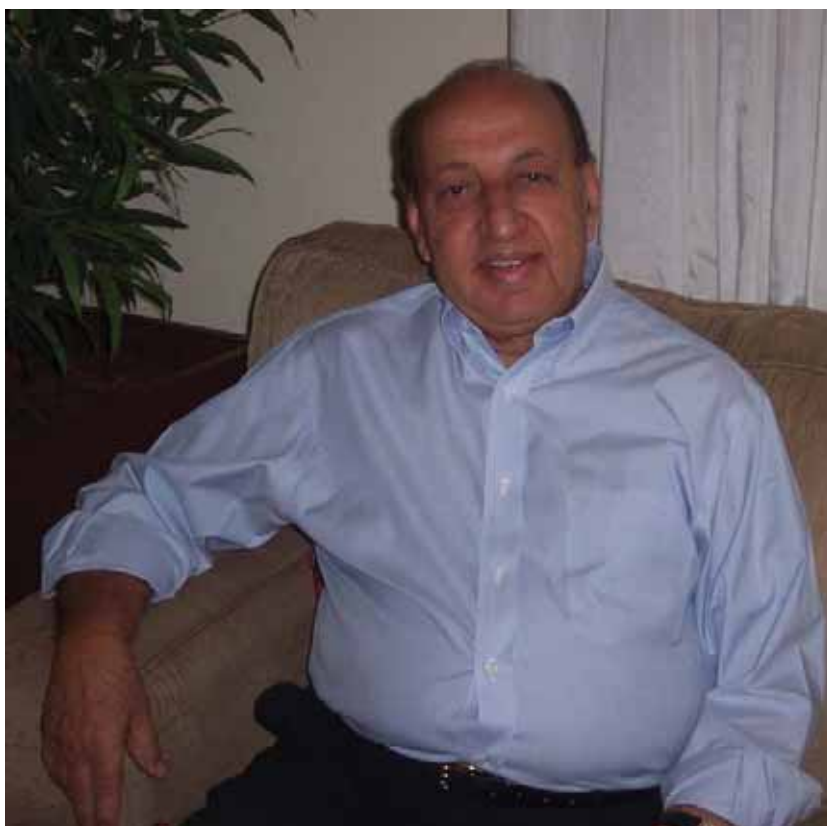
E haja felicidade. Até porque a passarela do Sambódromo vai ficar pequena para a passagem de tantas estrelas. E este ano, a nossa Beija-Flor vai desfilhar como gosta, solta, descontraída, em busca da conquista de seu 12º título dos desfiles das grandes escolas do Carnaval do Rio de Janeiro, prestando uma justa e merecida homenagem ao "rei" Roberto Carlos, "na plenitude de sua simplicidade".

É verdade. O "rei" merece bem mais que uma simples homenagem, ele merece ser feliz por tudo de bom que já nos proporcionou ao longo de seus 50 anos de vida artística, distribuindo emoções e mostrando com muito amor os detalhes da vida de milhões de brasileiros.

Por isso mesmo, a azul e branco de Nilópolis, da Baixada Fluminense, tem tudo para justificar na passarela o porquê de sua grandeza e exuberância, que tanto nos encanta ao longo das tantas décadas.

Não resta dúvida, o glamour desta memorável agremiação vai ecoar mais uma vez do grito de uma nação azul e branca que aposta na performance, na garra e na disposição de seus componentes, e que, certamente, mais uma vez deixará a passarela consagrada pelo povo.

Mas a Beija-Flor não é só festa, ela é também a esperança de um mundo melhor, traduzida nas ações sociais que promove durante o ano inteiro, não só para seus componentes, mas para toda a comunidade no seu entorno. A fami-



lia Abrão David, que mantém creche, educandário, centros profissionalizantes, entre tantos outros tipos de benefícios, ajuda centenas de famílias, crianças e adolescentes a construir um enredo de vida com justiça social.

É nessa estrada de santos guerreiros, com as bênçãos de todas as "Nossas Senhoras", que a Beija-Flor vai mostrar, no ritmo alucinante das batidas dos nossos corações, como é grande o seu amor pela vida de todos nós.

Até a vitória!

O TALENTO É O PASSAPORTE DO ARTISTA

MIRO LOPES

– “Sabe com quem está falando?” É a forma arrogante como as ‘otoridades’ continuam intimidando as pessoas. Enquanto esse abuso não acaba, é bom que se tenha nome e sobrenome de pai e mãe (afinal, se precisa de dois para fazer um) para ser identificado.

Essa exigência não vale para um artista de verdade. Para ele ser reconhecido, basta-lhe o talento. Identifica, abre portas e fronteiras. O sucesso é a assinatura da sua arte. E o passaporte para a fama aqui e lá fora.

Nesse universo pluralista que é o samba, pode-se reconhecer “com quem se está falando” de duas maneiras simples: pela arte ou pelo codinome – que ofusca a identidade oficial, mas que revela verdadeiros gênios e grandes composições. Assim, Dominginhos é do Estácio. Moacyr é o de “Saudades da Guanabara”, considerado o hino oficial do efêmero Estado. Elza é a “mulata assanhada, que ainda passa com graça fazendo pirraça”. Paulinho Rezende é o inspirado poeta que perdeu a conta de tanto que compôs. Marcos Moran é o samba de verão, maneiro e com muito balanço. Todos são facilmente identificados pelo seu talento e pela sua arte.

– Sabe com quem falamos?! Com intérpretes e compositores que são a verdadeira “Expressão do Samba”.

PAULINHO REZENDE

E tudo começa com samba

Paulinho Rezende tem mais de mil músicas gravadas. Além de sambas, compôs outros gêneros. Depois da gravação da sua primeira composição – “O Surdo” – que ocupou durante duas décadas as listas dos mais vendidos, se não dos mais ouvidos sambas românticos. Na década seguinte, dominada pelos cantores sertanejos, trabalhou com Daniel, Chitãozinho e Xororó, Leonardo, entre outros, que gravaram mais de 20 músicas suas. “De samba, então, eu perco assim de vista, o tanto que já gravei”, afirma ele.

De origem humilde, o pai era pintor de parede e a mãe trabalhava com tecelagem numa fábrica de tecidos, ficou órfão com apenas 22 dias de nascido. Como o pai tinha problemas com bebida e nenhuma condição financeira, sua avó, que morava em Bom Jesus de Itaboapana, buscou o ainda menino para ser criado no interior do Estado, onde ficou até os 15 anos. Depois foi estudar em Campo dos Goytacazes, num colégio interno e voltou para o Rio de Janeiro. Desde garoto sonhava em ser cantor e no colégio aprendeu a tocar piano, violão e a escrever músicas.



O primeiro grande sucesso foi em 1975 com um samba gravado pela cantora Alcione, “Amigo que ironia desta vida/ Você passa na avenida...” De lá até hoje não teve um ano sequer sem ter uma música de sucesso. Em tempos que o samba não era admirado pelos jovens, o sucesso da Alcione foi maravilhoso. Depois disso veio uma série de outras músicas gravadas por sambistas. Paulinho se considera um ‘reprecursor’ do samba numa época que o samba não estava tão bem.

Paulinho prefere trabalhar com parceiros mandando a melodia para se colocar a letra em cima, porque acredita que a melodia chama a letra, vem com a letra implícita nela.

Mangueirense de coração, a ligação com o samba e o Carnaval é forte porque vem do berço. Paulinho gosta do espetáculo do Carnaval, e mesmo quando a Mangueira não vem bem na avenida torce pela vitória daquela que vier melhor.

Apaixonadíssimo pelo carnaval, Carnaval, admite que o do Rio de Janeiro é imbatível porque não existe nada igual no mundo. “Já tive a oport-

tunidade de viajar e conhecer a festa em outros lugares, mas não existe nada igual ao Carnaval do Rio de Janeiro porque é a festa mais democrática que conheço e dá para se divertir mesmo sem dinheiro. No Rio de Janeiro qualquer um se diverte e isso é a coisa mais linda do mundo. Sou apaixonado pelo carnaval Carnaval e faço o que puder para a festa ser sempre maravilhosa", conclui Paulinho.

MARCOS MORAN

Cariocando com swing e simpatia

Antes de se tornar um dos campeões do Carnaval, como "puxador" do sambanredo "Lendas e Mistérios da Amazônia", no último campeonato conquistado pela Portela, e animar os salões e blocos de rua com a marcha-rancho "Até Quarta-feira", Marcos Moran flertou com a Bossa Nova. Foi o primeiro a gravar músicas de Paulo Sérgio Valle e Marcos Valle, "Samba de verão" e "Fora de tempo", em 1964.

O estilo e postura de Marcos Moran, cheio de swing, esbanjando simpatia ao cantar, além do vozeirão bem timbrado, levou o clarinetista Paulo Moura a convidá-lo para uma temporada no Copacabana Palace, onde o cantor fez sua estreia profissional. Também inusitada foi sua estreia no samba. Seu conterrâneo, o compositor e produtor Carlos Imperial, conheceu Natal na Ilha Grande, e passou a ter forte influência também na escola de samba. Às vésperas do desfile da Portela, Imperial o convocou para defender o samba na avenida, e foi o quando a águia azul e branca teve vitória. Marcos até então nunca tinha pensado em ser puxador de samba-enredo.

Marcos Moran esteve no Império Serrano, em 1975, com Roberto Ribeiro e Marlene cantando "Zaquia Jorge, a vedete do subúrbio, a estrela de Madureira", de Avarese. Em 1979, foi para a Vila Isabel e defendeu o samba "Os dourados anos de Carlos Machado", de Luiz Carlos da Vila, Jonas, Rodolpho e Tião Grande, com que a escola retornou à elite do Carnaval. Tornou-se referência da escola de Noel e ainda interpretou de Martinho da Vila "Sonho de um sonho" (1980) e "Pra tudo se acabar na quarta-feira" (1984).



Com uma longa carreira, Marcos estava um pouco afastado dos palcos. Com o show "Até quarta-feira", no Cariocando, no Flamengo, está voltando com força total. E cantando músicas boas. Seu novo projeto não é mais escola de samba e Carnaval, são músicas convencionais e clubísticas. Já compôs músicas para o Flamengo, Vasco, São Paulo e no momento está fazendo uma para o Fluminense, aguardando apenas o presidente do clube para conversar a respeito. Ou seja, permanece cantando uma das paixões dos brasileiros.

MOACYR LUZ

O nome do trabalhador do samba

Compositor, violonista "sinistro", "butiqueiro" e autor de diversos livros como "Manual de sobrevivência dos botequins mais vagabundos" (Senac-Rio), Moacyr foi e é levado pela emoção e paixão em diversos momentos da sua carreira, como ver da janela do apartamento a vizinhança inteira ligada no último capítulo de "Tieta" embalado por "Coração do agreste" que compôs com Aldir Blanc e gravada por Fafá de Belém; ouvir "Saudades da Guanabara" em diferentes vozes, desde que Beth Carvalho a gravou; ver a popularidade de Zeca Pagodinho abençoar "Vida da minha vida" com uma interpretação surpreendente no réveillon de Copacabana; curiosamente encontrar sempre



alguém com um disco para autografar mesmo no exterior, como aconteceu na Holanda, onde esteve com Luiz Carlos da Vila numa apresentação para a rainha Beatriz – em Havana, Espanha e França, onde esteve ano passado. Depois do Carnaval, Moacyr Luz espera lançar seu song-book, com depoimentos de seus amigos e intérpretes e as cifras dos seus grandes sucessos.

Moacyr sempre se apresenta como compositor porque julga soar pretensioso se considerar sambista. Para ele, sambista tem uma formação intelectual de raiz e das comunidades. É bem verdade que é um compositor que teve a sorte de ser adotado pelo samba, através de personalidades como Beth Carvalho, que já gravou cinco músicas suas, pelo parceiro Martinho da Vila, Sereno, do Fundo de Quintal, e também Zeca Pagodinh, que gravou duas músicas.

Com mais de 30 anos de carreira, ainda continua se achando um cara alternativo. Tem honra orgulho do prêmio "A expressão do samba", acreditando que é algo do exercício do cidadão carioca com o samba do Rio de Janeiro e se considera um cara alternativo. Sempre quis ser músico instrumentista para acompanhar os cantores e sua primeira experiência com a música foi com o violão. Em 1979, gravou a primeira música com a Lana Bittencourt. Depois gravou com vários artistas novos, com discos independentes até chegar em Elba Ramalho, Nana Caymmi, Maria Bethânia, Fafá de Belém, Leila Pinheiro, Leny Andrade, Beth Carvalho, Marçal, Gilberto Gil, Martinho e muito mais.

Fundador do bloco "Nem Muda, nem Sai de Cima", Moacyr admite ser muito ligado ao Rio de Janeiro, e está sempre envolvido de alguma forma com os blocos, os botequins, as rodas de samba e a feijoada nas quadras.

Se perguntar qual escola de samba tem sua torcida e amor, Moacyr Luz confessa: "Eu adoro a Mangueira, tenho roda de samba em Andaraí / Vila Isabel, escola que sou apaixonado. Agora, me diga uma coisa, alguém consegue olhar para a Velha Guarda da Portela – com Casquinha, Monarco, falecido Argemiro, seu Jair, Surica, Tia Doca, - e não se apaixonar?! Ainda tem o Salgueiro...é uma complicação", conclui Moacyr, verdadeiramente apaixonado pela Carnaval carioca.

DOMINGUINHOS DO ESTÁCIO

Um guia de luz no samba

Exibindo uma medalha da "Virgem de Nazaré", sua maior devoção há 40 anos, Domingos da Costa Ferreira acompanha a procissão em Belém do Pará para agradecer por

suas conquistas, entre elas a chegada da filha Livian, que deu novo sentido a sua vida. Em 2004, ele defendeu na avenida o samba-enredo "A Festa do Círio de Nazaré", reeditado pela Viradouro, escola de samba de Niterói. De volta a Imperatriz, a quem deu o primeiro título de campeã no grupo especial em 1980, participou também de mais uma conquista da verde e branco, nove anos depois, cantando o antológico "Liberdade, Liberdade, Abre as Asas sobre Nós". Agora prepara o lançamento de seu primeiro DVD, intitulado "Um guia de luz no samba", com a participação de Fafá de Belém que gravou com ele ao vivo durante o "Círio de Nazaré". Outra novidade do disco é "Blue Jeans", música que Paulinho Rezende fez especialmente para Dominginhos. Filho de um português, Antonio da Costa Ferreira, com Dona Jovelina, do morro de São Carlos, Dominginhos é

uma pessoa simples, nascido em berço pobre. Seu pai era "correeiro", uma profissão quase em extinção. Desde criança aprendeu a viver sem pensar no futuro, vivia sempre o momento para se livrar daquela situação de pobreza absoluta. Sua sorte foi sempre ter sido muito medroso, o que fez com que nunca se envolvesse com drogas, álcool, marginais

e com nada do morro. Um de seus irmãos teve problema com bebidas, e ver aquilo de perto serviu como um espelho porque sentia medo de viver da mesma maneira. Mesmo hoje, com mais de 70 anos, não consegue beber um copo de cerveja porque seu organismo não aceita.

O momento mais inesquecível da carreira foi 1972, quando a Estácio sagrou-se campeã do Carnaval, Carnaval com "Paulicéia Desvairada". Foi um enredo sobre um movimento que houve em São Paulo com grandes artistas, e que Chiquinho Spinoza levou pra avenida.



Dominguinhos fazia parte de um grupo de sambistas que ainda existe, o Exporta Samba, onde trabalhava com Dona Ivone Lara. Saiu do grupo porque tinha a necessidade de ganhar dinheiro com a sua própria música. Cantou durante muitos anos na noite paulista e voltou para o Rio de Janeiro quando fez um disco com o falecido Telinho da Mangueira. Na contracapa do disco seu nome saiu como Dominguinhos do Acordeom, que já era um "baita" de um artista. Então Roy Sugar, cronista da época, perguntou: "Onde você nasceu?" "Nasci no Estácio!" Então vai ser Dominguinhos do Estácio. E ficou.

Cada disputa de samba-enredo é um momento que se vive. O clima dentro da escola, clima externo, dos autores do enredo, uns muito exigentes, outros nem tanto. Para Dominguinhos, o samba-enredo deu-lhe chances de estar onde ele está hoje. Como não teve oportunidade de estudar, cada sinopse que pegava era uma prova de fogo porque tinha que pesquisar em livros e assim se alfabetizou, em cima do samba-enredo, a partir dos 17 anos. Ele mesmo se define como cego, surdo e mudo antes do samba entrar na sua vida.

ELZA SOARES

A mulata assanhada de todos os sambas

Uma vida intensa, inquietante e surpreendente; uma lutadora calejada, incansável e talentosa. A vida é seu ringue e seu adversário. Peso pesado. Em seus 73 anos, Elza Soares – "leonina tihosa, filha de lansã com Ogum", lutou, caiu, levantou, foi para o córner, tomou fôlego, voltou à luta e foi eleita A Melhor Cantora do século XX pela BBC (British Broadcasting Company) de Londres. Madrinha da bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel, ela virou personagem de filme sobre si mesma, lançado em praça pública durante a 14ª Mostra de Cinema de Tiradentes-MG, ano passado. Vamos à luta!

Primeira rodada: uma vida metade previsível e imprópria para menores: mulher, negra, pobre, favelada, criada na Vila Vin-tém, mãe aos 13 anos, perde o segundo filho aos 15 e fica viúva aos 18. (Separa!). Outra metade: inesperada e um exemplo para os maiores: a luta pela sobrevivência e a descoberta de um novo caminho para sustentar os então cinco filhos, do total de nove que teve, e que não tiveram tempo de ver a mãe famosa. A menina de voz rouca e de ritmo sincopado, como o dos sambistas do morro, vence o programa de calouros de Ari Barroso e depois se transforma em cantora da Orquestra de Bailes Garan. Gongos: A estrela nasce!

Segunda rodada: A maturidade da artista é feita das lições

que o sofrimento lhe impôs, além da música e do trabalho. Logo, integra o elenco do show Jou-Jou Frou-Frou ao lado de Grande Otelo e depois, a convite de Mercedes Batista, faz temporada na Argentina. Grava o primeiro compacto simples com Se Acaso Você Chegasse, samba de Lupicínio Rodrigues/Felisberto Martins), no qual injeta uma "jazzificação" à la Louis Armstrong, com quem cantou durante a Copa do Mundo de Futebol de 1962, no Chile. Conhece Mané Garrincha. Logo, estreia o show Elza de todos os sambas, e lançou o LP Elza, Carnaval e Samba, com Bahia de todos os deuses (João Nicolau/Bala/Manuel Rosa) e Heróis da liberdade (Silas de Oliveira/Mano Décio da Viola/Manuel Ferreira). Casada por quase 20 anos com Mané Garrincha, Elza acompanhou as glórias e a decadência do jogador, que morreu em decorrência do alcoolismo. Dois anos depois, morre Garrincha, de apenas 3 anos. Perde o segundo round.

Gongos: A estrela some...

Terceira rodada: Elza passa nove anos na Europa e nos EUA cantando, cantando...

Na volta, encontra o apoio de Caetano Veloso, depois grava o CD Trajetória, só com sambas de Zeca Pagodinho, Guinga, Aldir Blanc, Chico Buarque, Noca da Portela, Nei Lopes e outros. Nesse mesmo ano,

sai o livro Cantando para não enlouquecer, do jornalista José Louzeiro. Ganha o prêmio Sharp de melhor cantora de samba, e recebe o diploma de Embaixatriz do Samba, do Conselho de Música Popular do Museu da Imagem e do Som (MIS/RJ). É condecorada com o grau Grã Cruz da Ordem do Mérito Cultural pela presidência da República. Afinal, ela é uma Expressão do Samba. Rótulos à parte, Elza é uma cantora de samba e de todos os gêneros. É a cantora do mundo. Vence mais um confronto. Gongos: Nocaute na tristeza e no sofrimento. Mais uma vez, a estrela brilha.



A SIMPLICIDADE DE UM REI

COMPOSITORES:

SAMIR TRINDADE, SERGINHO AGUIAR, JR. BEIJA-FLORES,
SIDNEY DE PILARES, JORGINHO MOREIRA, THÉO M. NETTO,
MOURÃO E CLEBER DO SINDICATO

A saudade

Vem pra reviver o tempo que passou
Ah! Essa lembrança que ficou
Momentos que não esqueci
Eu cheio de fantasias na luz do Rei menino
Lá no seu Cachoeiro
E lá vou eu... De calhambeque a onda me levar
Na jovem guarda o rock a embalar...
Vivendo a paixão
Amigos de fé guardei no coração

Quando o amor invade a alma... É magia
É inspiração pra nossa canção... Poesia
O beijo na flor é só pra dizer
Como é grande o meu amor por você!

Nas curvas dessa estrada a vida em canções
Chora viola! Nas veredas dos sertões
Lindo é ver a natureza
Por sua beleza clamou em seus versos
No mar navegam emoções
Sonhar faz bem aos corações
Na fé com o meu Rei seguindo
Outra vez estou aqui vivendo esse momento lindo
De todas as Marias vêm as bênçãos lá do céu
Do samba faço oração, poema, emoção!

Meu Beija-Flor chegou a hora
De botar pra fora a felicidade
Da alegria de falar do Rei
E mostrar pro mundo essa simplicidade





café
BARONI®
CAFEBARONI.COM.BR

NEW YORK CITY CENTER
AV. DAS AMÉRICAS, 5000 - LOJA 103 PARTE B

CONDOMÍNIO OCEANFRONT RESORT
AV. SERNAMBETIBA - BARRA DA TIJUCA

IBMEC
AV. PRESIDENTE WILSON, 118 - TÉRREO

OUIDOR
RUA DO OUIDOR, 98 - PARTE A

LEBLON
AV. ATAÍDE DE PAIVA, 1321

SHOPPING RIO SUL
RUA LAURO SODRÉ, 445 - LOJA 301 PARTE C13

NORTESHOPPING
AV. DOM HELDER CÂMARA, 5080 - LOJA 4503 PISO 5

SHOPPING TIJUCA
AV. MARACANÃ, 987 - LOJA 1008 PARTE A



É DO RIO. É DO BRASIL.



Patrocinador
oficial
do Carnaval
da Sapucaí

CARNIVAL 2011

SUPERMERCADOS

GUANABARA

